

**O Papel da Criatividade na Produção de Materiais Didáticos
para o Ensino de Português Língua Estrangeira**

Rita Sofia de Almeida Tavares Louro da Silva

**Dissertação de Mestrado
em Português Língua Segunda e Estrangeira**

[Versão Corrigida e Melhorada após Defesa Pública]

Abril de 2018

Esta página foi intencionalmente deixada em branco

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção
do grau de Mestre em Português Língua Segunda e Estrangeira,
realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria do Carmo Vieira da Silva

AGRADECIMENTOS

Sem a orientação, apoio, disponibilidade, motivação e simpatia da Professora Doutora Maria do Carmo Vieira da Silva esta dissertação não teria visto a luz do dia, portanto, o meu primeiro e sincero agradecimento vai para ela. Agradeço-lhe também por tudo o que me ensinou ao longo deste mestrado, quer nos seminários quer na elaboração desta dissertação, privilegiando constantemente a criatividade na sua prática pedagógica.

Para que fosse possível levar a cabo o estudo empírico que aqui apresento foi também fundamental a colaboração de todos os professores de PLE que aceitaram participar no mesmo, bem como a das escolas, grupos e plataformas que contribuíram para a sua divulgação. Do lado das instituições gostaria de destacar a Berlitz, Ilnova, Lusa School e Ensinar Português como Segunda Língua. Da parte dos colegas, uma referência especial à Inês Marques, ao Ivan Figueira, ao Luís Gonçalves, à Rita Ferreira e à Rosália Pereira.

Em termos de pesquisa bibliográfica, deixo um agradecimento a todas as entidades que facilitam o acesso a um vasto catálogo bibliográfico, tornando assim possível o trabalho de estudantes, docentes e investigadores, com destaque para a Biblioteca Mário Sottomayor Cardia e Nova Discovery (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa), Biblioteca Nacional de Portugal, Centro de Estudos de Comunicação e Cultura (Universidade Católica de Lisboa) e Rede das Bibliotecas Municipais de Lisboa.

Agradeço também aos meus amigos Filipe Bernardo e Rita Correia pelos ensinamentos sobre análise estatística, que me permitiram efetuar um trabalho de análise mais rigoroso e científico dos dados do meu estudo empírico.

Gostaria ainda de agradecer à minha família e aos meus amigos, não só pelo apoio e carinho, mas também pelo encorajamento quando a energia começava a faltar, pelas sugestões dadas ao longo deste percurso e, sobretudo, pela escuta ativa sempre que lhes falava sobre este projeto que acarinhei ao longo de vários meses.

Também o Dan, a Pipoca e a Safi merecem um agradecimento especial por serem a melhor companhia que poderia ter desejado durante os meses de elaboração deste trabalho, apesar dos desafios linguísticos.

Finalmente, deixo uma sentida homenagem à Professora Vera Gil, que há mais de duas décadas me inspirou profissional e pessoalmente e tanto contribuiu para o meu fascínio pela língua e cultura portuguesas.

O PAPEL DA CRIATIVIDADE NA PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA

RITA SOFIA DE ALMEIDA TAVARES LOURO DA SILVA

RESUMO

Conceito ambíguo e de difícil definição, só nas últimas décadas a criatividade começou a ganhar destaque na literatura e investigação. Com esta dissertação procuramos contribuir para a discussão do tema e, em concreto, do seu papel na produção de materiais didáticos para o ensino de Português Língua Estrangeira (PLE). Assim, e em primeiro lugar, analisamos o conceito de criatividade, abordando a forma como é percecionado em diferentes culturas e épocas históricas, explicitando teorias, nomeadamente no âmbito da psicologia, enumerando algumas das suas características dentro da educação, incluindo no ensino de Língua Estrangeira (LE), e focando ainda os benefícios da criatividade e dificuldades de implementação no ensino-aprendizagem de LE. Ainda no plano teórico, pretendemos explorar o conceito de materiais didáticos para o ensino de LE, discutindo aspetos-chave inerentes à produção e avaliação dos mesmos, enumerando diferentes tipos de materiais didáticos, explicitando o conceito de materiais didáticos criativos para o ensino de LE e fazendo referência ao contributo das novas tecnologias para a produção de materiais didáticos criativos. Finalmente, apresentamos os resultados do nosso estudo empírico, o qual procurou conhecer as perceções dos professores acerca da criatividade no ensino de PLE e em particular sobre materiais didáticos criativos. Deste modo, analisamos os dados quantitativos e qualitativos resultantes das respostas dos participantes a um inquérito e discutimo-los em função da literatura relevante. Apresentamos ainda relações entre variáveis do estudo e respostas dos participantes, bem como discutimos algumas correlações de significância estatística. Na parte final desta dissertação, procuramos também refletir sobre toda a investigação teórica e empírica levada a cabo, terminando com algumas recomendações que julgamos serem pertinentes para a continuação do estudo nesta área e para uma maior presença da criatividade nos materiais didáticos para o ensino de PLE.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de PLE. Materiais didáticos. Criatividade no ensino de PLE.

THE ROLE OF CREATIVITY IN THE PRODUCTION OF INSTRUCTIONAL MATERIALS FOR TEACHING PORTUGUESE AS A FOREIGN LANGUAGE

RITA SOFIA DE ALMEIDA TAVARES LOURO DA SILVA

ABSTRACT

An ambiguous and difficult concept to define, only in the past decades has creativity become a relevant topic in literature and research. With this thesis I hope to contribute to the discussion of the topic and, specifically, its role in the production of instructional materials for teaching Portuguese as a Foreign Language (PFL). Primarily, I will analyse the concept of creativity, addressing the way it is perceived in different cultures and historical moments, clarifying theories, namely in the context of psychology, enumerating some of its characteristics within education, including the teaching of a Foreign Language (FL), and also focusing on the benefits of creativity and difficulties of implementation in the learning and teaching of a FL. Still on a theoretical level, I intend to explore the concept of instructional materials for the teaching of a FL, discussing inherent aspects to its production and evaluation, enumerating different types of instructional materials, aiming to clarify the concept of creative instructional materials for teaching a FL and mentioning the contribute of new technologies for the production of creative instructional materials. Finally, I will report the results of my empirical study, which intended to learn about the perceptions of teachers about creativity in teaching PFL and in particular about creative instructional materials. Therefore, I analyse the quantitative and qualitative data resulting from the participants' answers to a survey and discuss them according to relevant literature. I also present relations between variables of the study and participants' answers, as well as discuss some statistically significant correlations. At the end of this thesis, I aim to reflect about all the theoretical and empirical research carried out, concluding with some recommendations that I find pertinent for continuing the study in this area and for an increase of creativity in instructional materials for teaching PFL.

KEYWORDS: Teaching Portuguese as a Foreign Language. Instructional materials. Creativity in teaching Portuguese as a Foreign Language.

ÍNDICE

Introdução	1
Capítulo 1. Criatividade: conceito, história e LE	4
1.1 A criatividade através de tempos e culturas	4
1.2 Criatividade: uma miríade de perspectivas	6
1.3 Criatividade: a definição-padrão.....	9
1.4 Criatividade e educação	10
1.5 Criatividade no ensino de LE: professor, processo e produto	12
1.6 Ensino criativo: benefícios e desafios	16
Capítulo 2. Materiais didáticos de LE: conceito, produção e criatividade	19
2.1 Conceito de material didático de LE: o livro didático no centro da aprendizagem.....	19
2.2 Produção e avaliação de materiais didáticos de LE	23
2.3 Materiais didáticos criativos para o ensino de LE: o que são?.....	27
2.4 Materiais didáticos criativos na era digital	32
Capítulo 3. Estudo empírico	36
3.1 Pergunta de partida e objetivos.....	36
3.2 Metodologia.....	37
3.3 Caracterização dos participantes.....	38
3.4 Instrumentos e procedimentos	38
3.5 Análise e discussão dos resultados	39
3.5.1 Dados quantitativos: conceito de materiais didáticos (criativos).....	39
3.5.2 Dados quantitativos: presença da criatividade nos materiais didáticos.....	43
3.5.3 Dados quantitativos: utilização e produção de materiais didáticos (criativos)	48
3.5.4 Dados quantitativos: relações entre variáveis e itens.....	52
3.5.5 Dados quantitativos: Correlações significativas entre itens	54
3.5.6 Dados qualitativos.....	58
Conclusão e recomendações	61
Bibliografia e Sitografia	i
Anexo 1	vi

Anexo 2	x
Anexo 3	xvii
Anexo 4	xxiii
Anexo 5	xxxvi
Anexo 6	xliv
Anexo 7	lvi
Anexo 8	lx

Lista de Siglas e Acrónimos

CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

EFL – English as a Foreign Language [Inglês Língua Estrangeira]

LD – Livro(s) Didático(s)

LE – Língua Estrangeira

LM – Língua Materna

MD – Materiais Didáticos

PLE – Português Língua Estrangeira

NACCCE – National Advisory Committee on Creative and Cultural Education [Comité Consultivo Nacional sobre Educação Criativa e Cultural]

QECRL – Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas

SLA – Second Language Acquisition [Aquisição de Segunda Língua]

TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação

Introdução

“Now is the time for every teacher to become more creative”

(Rhodes, 1961)

Na sua obra *A biologia da arte*, Morris (1971) descreve vários estudos comportamentais de garatujas realizados com símios (alguns por si dirigidos) e a sua relação com a arte humana. Uma das conclusões relatadas é a de que os animais, ao serem munidos de tintas e pincéis, foram capazes de reproduzir padrões equilibrados de cores diversas com um certo paralelo com a arte abstrata moderna. O autor definiu inclusivamente – a partir dos testes realizados – seis princípios aplicados à pintura comuns a humanos e símios¹. Ainda segundo os seus relatos, os animais ficaram tão absorvidos pela tarefa de pintar que relegaram para segundo plano impulsos instintivos relacionados com a comida ou o sexo.

Embora o nosso intuito não seja analisar a qualidade artística dos trabalhos de símios e a sua proximidade com a arte produzida pelo ser humano e os mecanismos ativados pelos mesmos, parece-nos pertinente este paralelo entre as duas espécies. Estará de facto o potencial criativo naturalmente presente em várias espécies, não se limitando ao ser humano? No caso das experiências com símios, a aplicação (e análise do possível desenvolvimento) das capacidades criativas realizaram-se no domínio artístico e, em geral, é de facto nas artes (pintura, música, literatura, cinema, etc.) que a criatividade tende a ser percecionada de forma mais imediata (Fryer, 2008). No entanto, também em áreas como a engenharia ou a tecnologia é possível observarmos os resultados da criatividade, sendo disso exemplo invenções como a ponte giratória (Leonardo da Vinci), a lâmpada (Thomas Edison) e a passarola (Bartolomeu de Gusmão). Além disso, são vários os investigadores que defendem a ligação entre criatividade e áreas (menos artísticas) como as Ciências (Getzels & Csikszentmihalyi, 1967; Fonseca, 1998; Santos, 2005), a História (Monteiro, 1997), o Desporto (Abra & Abra, 1999; Moreira & Freitas, 2009; Silva & Greco, 2009) ou as Línguas e a Literatura (Santos & Balancho, 1990; Piirto, 1999; Guedes, 2000; Azevedo & Moraes, 2009, Richards, 2013).

¹ i) Princípio da ativação autorrecompensadora; ii) princípio do *contrôle* de composição; iii) princípio da diferenciação caligráfica; iv) princípio da variação temática; v) princípio da heterogeneidade ótima; vi) princípio das imagens universais (Morris, 1971, pp. 202-203).

Ainda assim, o interesse e investigação em criatividade é recente, tendo conhecido um maior avanço a partir dos anos 1950, graças a Guilford [1897-1987]. No campo da educação e, mais especificamente, no ensino-aprendizagem de LE os estudos sobre criatividade são ainda escassos. No entanto, assistimos atualmente a uma universalização da criatividade (Craft, 2004), que a coloca no centro da ação, nomeadamente na área educativa. Exemplo disso são iniciativas a nível europeu, como a campanha do Ano da Criatividade celebrado pela União Europeia em 2009, e a nível nacional, como o relatório emitido pelo NACCCE (1999) no Reino Unido ou a Lei de Bases do Sistema Educativo (1986) e o Estatuto da Carreira Docente (2013) em Portugal. Certo é que a valorização da criatividade em todos os setores da sociedade, incluindo o académico, é hoje uma realidade, seja do ponto de vista do estímulo da criatividade do outro (o aprendente), seja pelo uso da criatividade pelo próprio agente (o professor), seja em termos do incentivo à criação de produtos criativos (materiais didáticos).

Todas as perspetivas enumeradas acerca da criatividade são de facto desejáveis nos contextos atuais de ensino-aprendizagem porque os seus benefícios são reconhecidos e valorizados. No entanto, no âmbito desta dissertação, inserida no contexto do ensino-aprendizagem de Português Língua Estrangeira (PLE), privilegiamos o foco da utilização da criatividade na produção de materiais didáticos que possam ser percecionados como mais apelativos por professores e aprendentes. Com efeito, julgamos que a criatividade em sala de aula pode contribuir para o processo de aquisição de competências linguísticas.

Como consequência, a pergunta de partida do nosso estudo é a seguinte:

Qual é o papel da criatividade na produção de materiais didáticos para o ensino de PLE?

Decorrente desta questão, definimos os seguintes objetivos:

Objetivo geral

- ✓ Conhecer práticas pedagógicas que permitam aferir a inclusão ou não da criatividade na produção de materiais didáticos.

Objetivos específicos

- ✓ Saber o que os professores de PLE entendem por materiais didáticos.

- ✓ Saber o que os professores de PLE entendem por criatividade nos materiais didáticos.
- ✓ Conhecer a opinião dos professores sobre a importância da criatividade na produção de materiais didáticos.
- ✓ Conhecer a opinião dos professores sobre os benefícios da criatividade nos materiais didáticos.
- ✓ Averiguar as práticas pedagógicas dos professores de PLE no âmbito da utilização e produção de materiais didáticos.
- ✓ Apresentar recomendações que possam estimular nos professores a produção de materiais didáticos criativos.

Em termos de estrutura, esta dissertação divide-se em três capítulos. Nos dois primeiros apresentamos a fundamentação teórica desta dissertação: conceito de criatividade ao longo da história e segundo diferentes perspectivas; a criatividade na educação, em geral, e no ensino de LE, em particular; benefícios e desafios do ensino criativo; conceito de material didático para o ensino de LE, incluindo a sua produção e avaliação; conceito de materiais didáticos criativos; o papel das TIC na produção de materiais criativos. O terceiro e último capítulo é dedicado ao estudo empírico, e nele enumeramos os objetivos, explicitamos a metodologia, caracterizamos os participantes e referenciamos os instrumentos e procedimentos, bem como procedemos à análise e discussão dos resultados. Finalmente, na conclusão sintetizamos os resultados mais pertinentes desta investigação e elaboramos recomendações para a continuidade de estudos nesta matéria.

Capítulo 1. Criatividade: conceito, história e LE

Neste capítulo pretendemos abordar o conceito de criatividade explicitando algumas das mais importantes teorias sobre o tema. Em seguida, debruçar-nos-emos sobre o conceito, papel e características da criatividade no âmbito da educação, nomeadamente no ensino de LE. Finalmente, faremos algumas considerações sobre os benefícios e obstáculos à integração da criatividade no ensino.

1.1 A criatividade através de tempos e culturas

“Como é possível definir criatividade como um conceito único que unifica o trabalho de Leonardo da Vinci e Marie Curie, de Vincent van Gogh e Isaac Newton, e de Toni Morrison e Albert Einstein? Haverá praticamente tantas definições restritas de criatividade como quantas pessoas que pensam sobre a criatividade” (Sternberg & Sternberg, 2012, p. 479) (Anexo 1, 1)². A criatividade é de facto um conceito complexo, ambíguo e multidimensional, estudado a partir de diferentes perspetivas e avaliado através de vários instrumentos.

“Parece ser influenciada por (...) experiências de desenvolvimento, sociais e educacionais, e manifesta-se de diferentes formas em variados domínios. Os feitos mais notáveis nas artes caracterizam-se pela sua criatividade, tal como nas ciências. A criatividade também é bastante comum numa variedade de atividades quotidianas” (Runco & Sakamoto, 2009, p. 62) (Anexo 1, 2).

Recuando às antigas civilizações grega e romana, a criatividade foi associada ao domínio divino. “Antigamente o poder da criatividade era atribuído às musas. Os deuses eram a fonte da criatividade, dotando os seres humanos dos seus poderes transcendentais. A criatividade portava a marca elitista da ascendência divina” (Ripple, 1999, p. 630) (Anexo 1, 3). A criatividade estava ligada a poderes místicos e a originalidade não era então considerada uma das suas características: Platão concluiu não ser possível criar nada de novo, mas apenas imitar as criações divinas (Dacey, 1999; Ripple, 1999; Albert & Runco, 2009).

² As citações apresentadas ao longo desta dissertação foram traduzidas para português e são da total responsabilidade da autora da mesma. Por uma questão de transparência, as citações originais poderão ser consultadas no anexo 1, sob o número correspondente.

“Tais ideias não são apoiadas pelas evidências da investigação e deixaram de ser respeitáveis como modelo dominante da criatividade humana. (...) Embora haja uma corrente de pensamento que vê as abordagens científicas para a compreensão da criatividade mais como uma ameaça do que como uma promessa, é claro que atribuir a criatividade à intervenção divina sofre de uma escassez de ideias” (Ripple, 1999, p. 630) (Anexo 1, 4).

Foi a partir do Renascimento que a criatividade deixou de ser encarada como obra do divino para passar a ser atribuída às capacidades de grandes homens, em concordância com as transformações sociais da época (Dacey, 1999; Albert & Runco, 2009). Ainda assim, prevaleciam na criação artística os arquétipos platônicos e a subordinação à inspiração religiosa (Fonseca, 1998). Só no Iluminismo é que o termo surge com o seu significado atual: um ato da criação livre individual e associado ao conceito de imaginação (Albert & Runco, 2009), nomeadamente devido às obras de grandes filósofos como Hobbes [1588-1679] e Locke [1632-1704]. William Duff [1767] foi na altura um dos primeiros a escrever sobre as qualidades do génio original, identificando inclusivamente a natureza biopsicossocial³ do processo criativo, uma teoria que só a partir do último quarto do século XX conheceu uma crescente aceitação (Dacey, 1999).

Esta breve referência histórica do conceito não pode desligar-se de outros elementos como a cultura, a geografia, os valores, as crenças, entre outros. Por exemplo, vários autores (Kaufman & Sternberg, 2007; Cramond, 2008; Albert & Runco, 2009; Lubart, 2009) constataam que enquanto que no Ocidente se enfatiza a criação de um produto novo, original, inovador, apropriado e útil, nas sociedades orientais a criatividade incide na iluminação e expressão pessoais, bondade moral e contributos para a sociedade e pode estar ligada à meditação porque nos ajuda a ver a verdadeira natureza de algo. “A cultura influencia a manifestação da criatividade em termos de formas e domínios da criatividade, a limitação da criatividade a certos grupos sociais e os efeitos da língua na criatividade” (Lubart, 2009, p. 342) (Anexo 1, 5).

A ligação entre criatividade e religião está presente (associada a diferentes mitos e deidades) tanto em sociedades orientais como ocidentais. Por exemplo para os hindus, confucionistas, taoistas e budistas, a criação é encarada como uma descoberta ou imitação (Albert & Runco, 2009). Já no caso do cristianismo é possível ligar a origem do conceito de criatividade aos mitos da criação (Albert & Runco, 2009; Lubart, 2009) – a criação da

³ A teoria biopsicossocial defende que todos nascemos com uma complexa interação de forças biológicas, psicológicas e sociais (Dacey, 1999).

humanidade e do universo, o Criador como uma espécie de artesão. É possível que a criatividade, como a entendemos nos dias de hoje, encaixe “nesta visão no sentido em que (...) é vista como uma produção pertinente alcançada por um indivíduo envolvido num processo de trabalho com um princípio e fim finitos (...) em suma, as visões modernas da criatividade parecem ecoar mitos culturais da criação e talvez derivem deles” (Lubart, 2009, p. 341) (Anexo 1, 6).

A associação da criatividade a aspetos místicos e religiosos pode explicar a falta de investimento na investigação científica da criatividade até tempos recentes. “As abordagens místicas ao estudo fizeram provavelmente com que fosse mais difícil os psicólogos científicos serem ouvidos. Muitas pessoas parecem acreditar (...) que a criatividade é algo que simplesmente não se presta ao estudo científico, por causa do seu processo espiritual” (Sternberg & Lubart, 2009, p. 5) (Anexo 1, 7).

1.2 Criatividade: uma miríade de perspetivas

Como objeto de estudo, a criatividade começou a ganhar atenção no séc. XIX, com o aparecimento de duas correntes teóricas: a Gestalt⁴ e a associacionista⁵. Dentro desta última, o trabalho de Francis Galton [1869] teve particular relevância (Dacey, 1999; Miranda & Almeida, 2008; Albert & Runco, 2009). Este cientista aplicou métodos empíricos na seleção de determinados indivíduos reconhecidos como génios e mediu as suas diferenças individuais, tendo defendido que as capacidades mentais, tal como os traços físicos, seriam hereditárias e exclusivas dos génios⁶.

Já no início do séc. XX, Graham Wallas [1926] lançou uma abordagem mais direta à criatividade com a sua teoria do processo criativo de quatro etapas (Torrance, 1993; Ripple, 1999; Lubart, 2009; Martindale, 2009): na primeira etapa, “preparação”, o consciente determina o problema; nas etapas seguintes, “incubação” e “iluminação”, cabe ao inconsciente lidar com o problema e permitir o aparecimento de uma solução (de forma repentina e clara); na etapa final, “verificação”, o consciente volta a assumir o controlo para avaliar e refinar a solução.

⁴ O termo *Gestalt* significa “padrões ou formas mentais” em alemão. Por oposição aos associacionistas, os impulsionadores desta corrente defendiam que as relações entre as ideias são complexas e não meras associações. As ideias formadas através dos padrões mentais são maiores que a soma das partes (Dacey, 1999).

⁵ Os associacionistas propunham que a mente consiste somente em ideias que se associam a outras ideias. O pensamento seria assim um processo de passar de uma ideia para a outra através de associações (Dacey, 1999).

⁶ Esta conceção é vista atualmente como obsoleta, assumindo-se que a criatividade está presente, em diferentes graus, em qualquer indivíduo (Miranda & Almeida, 2008).

Ainda assim, foi só na segunda metade do séc. XX que a criatividade começou a ganhar real interesse como objeto de estudo, sendo Guilford (Ripple, 1999; Mumford, 2003; Feldman, 2009; Mayer, 2009; Sternberg & Lubart, 2009; Sternberg & O'Hara, 2009) considerado o seu impulsionador na era moderna, uma área que ele considerava negligenciada, mas extremamente importante. Este psicólogo relatou que menos de 0,2% das entradas no *Psychological Abstracts* até 1950 se focavam na criatividade (Albert & Runco, 2009; Sternberg & Lubart, 2009), um valor manifestamente insuficiente. Por isso, nesse mesmo ano, no seu discurso presidencial da American Psychological Association, Guilford instou os investigadores a estudar o tema como uma característica única dos seres humanos, o que originou vários estudos sobre diferentes aspetos da criatividade – testes, características das pessoas criativas, eficácia de intervenções educativas.

No âmbito de uma abordagem psicométrica, Guilford [1897-1987] definiu a criatividade através do pensamento divergente (Cropley, 1999a; Ripple, 1999; Sternberg & Lubart, 2009; Sternberg & O'Hara, 2009): uma atividade mental executada quando não há uma solução correta *a priori*, procurando-se, portanto, um conjunto de soluções mais ou menos apropriadas. Guilford [1897-1987] foi provavelmente o primeiro a defender o estudo da criatividade em pessoas comuns, quando até ali os estudos se tinham focado em artistas e cientistas eminentes, pessoas fora do comum. O investigador identificou fatores como a fluência, a flexibilidade, a originalidade e a elaboração do pensamento ligados às componentes da criatividade, o que permitiu a criação de testes que procuravam medir e quantificar a criatividade.

A partir do trabalho de Guilford, Torrance [1915-2003] desenvolveu esta abordagem, nomeadamente através dos *Torrance Tests of Creative Thinking* (Torrance, 1977; Lubart, 2009; Mayer, 2009; Sternberg & Lubart, 2009), que procuravam medir a capacidade criativa dos indivíduos⁷ e obtiveram bastante sucesso no âmbito das metodologias psicométricas e em particular do pensamento divergente.

Outra abordagem que também ganhou destaque foi a psicodinâmica (Sternberg & Lubart, 2009) ou psicoanalítica (Fonseca, 1998), encabeçada pelo seu fundador, Freud [1908-1959], e que tem por base a ideia de que a criatividade nasce da tensão entre realidade consciente e pulsões inconscientes. Freud defendia que a falta de satisfação sexual funcionava como motivação criativa, sendo a sublimação a causa primordial da criatividade artística

⁷ A criatividade é medida através de tarefas (ex. perguntas sobre situações, desenhos usando uma certa configuração colorida, usos fora do comum para objetos comuns) que são posteriormente avaliadas segundo a fluidez (número de ideias), flexibilidade (diversidade de ideias) e originalidade (raridade das ideias), o que no seu todo indicará o nível de desempenho criativo (Lubart, 2009).

(Dacey, 1999). “Toda a produção artística corresponderia a um esforço de sublimação e a uma tentativa de superação de determinadas pulsões inconscientes, reforçadas quase sempre por certos impulsos infantis de natureza erótica” (Fonseca, 1998, p. 47).

Paralelamente, desenvolveram-se teorias no âmbito da perspectiva estruturalista (Fonseca, 1998), das quais se destacam as de Piaget [1896-1980], Chomsky [1928-] e Lévi-Strauss [1908-2009], que defendem que a criatividade “corresponde a um processo psicológico complexo de ‘formas’, de ‘figuras’, de ‘estruturas’ e de ‘configurações’ originais que apresentam propriedades simbólicas específicas e não sobreponíveis ao somatório das partes elementares que as constituíram” (Fonseca, 1998, p. 43).

Sternberg e Lubart (2009) destacam também a abordagem cognitiva, que procura compreender as representações e os processos mentais subjacentes ao pensamento criativo, sendo Robert W. Weisberg e Margaret A. Boden apontados como duas das figuras mais proeminentes no seu estudo. Os mesmos autores mencionam ainda abordagens ligadas a aspetos sociais e de personalidade, que se focaram na personalidade, motivação e ambiente sociocultural como fontes de criatividade. Alguns dos investigadores que defendem esta abordagem são Teresa M. Amabile, Frank X. Barron e Abraham Maslow. “Através de estudos e investigações correlacionais que contrastam amostras de criatividade elevada e baixa (tanto a nível eminente como a nível do dia-a-dia) foi identificado um grande conjunto de traços potencialmente relevantes” (Sternberg & Lubart, 2009, p. 8) (Anexo 1, 8).

Outro contributo amplamente referido na literatura (Torrance, 1993; O’Quin & Besemer, 1999; Cramond, 2008; Runco, 2008) para a definição de criatividade é o sistema dos quatro Ps (Pessoa, Processo, Produto e Ambiente) cunhado por Mel Rhodes [1961], que distingue quatro dimensões em que diferentes variáveis (se, quando, como, quem, o quê, onde e porquê) determinam a criatividade⁸. “Há tantas variáveis que devem coincidir nas combinações certas para que a criatividade se manifeste que não é de admirar que as conquistas criativas grandiosas sejam raras” (Cramond, 2008, p. 17) (Anexo 1, 9).

Mais recentemente, os estudos sobre criatividade apontam para uma convergência de abordagens e fatores. Por exemplo, em termos de teorias explícitas, “Amabile (1983) descreve a criatividade como a confluência da motivação intrínseca⁹, conhecimentos e competências revelantes no domínio e qualificações relevantes em termos criativos” (Sternberg & Lubart,

⁸ Runco (2008) considera este sistema obsoleto e sugere um novo modelo hierarquizado em que adiciona aos quatro Ps iniciais outros dois: *performance* e *potencial*.

⁹ Cropley (1999a) define a motivação intrínseca com a vontade de fazer algo sem um objetivo de reconhecimento ou recompensa externa, opondo-se à motivação extrínseca, que o autor defende ser até inibidora da criatividade.

2009) (Anexo 1, 10). Por sua vez, Csikszentmihalyi (2009) propõe uma abordagem sistêmica em que destaca a interação entre indivíduo, domínio e área. Sternberg e Lubart apresentam uma teoria do investimento da criatividade (Sternberg & Lubart, 2009; Sternberg & O'Hara, 2009; Sternberg, 2012), segundo a qual as pessoas criativas são investidores que “compram barato e vendem caro”¹⁰ no campo das ideias.

No final do séc. XX, a criatividade deixou de ser vista como uma característica somente associada a grandes génios e a produtos únicos (com repercussões a nível coletivo) para ser também estudada e reconhecida como algo presente no indivíduo comum e observável em atos do quotidiano (associada à resolução de problemas). Várias dicotomias procuraram assim desdobrar o conceito de criatividade, no sentido de evidenciar esta diferenciação entre génios e pessoas comuns, grande obras e ações do dia-a-dia. A título de exemplo, Ripple (1999) refere as seguintes: indivíduo vs. cultura; processos de pensamento comuns vs. processos de pensamento extraordinários; criatividade com “C” grande vs. criatividade com “c” pequeno; criatividade psicológica (P) vs. criatividade histórica (H); atos criativos pessoais vs. atos criativos universais.

1.3 Criatividade: a definição-padrão

Apesar do exposto anteriormente sobre as diferentes perspetivas para a definição de criatividade, a literatura (O'Quin & Besemer, 1999; Mumford, 2003; Lubart, 2009; Martindale, 2009; Sternberg & Lubart, 2009; Sternberg & O'Hara, 2009; Sternberg & Sternberg, 2012) indica que existe consenso sobre a criatividade ser um processo que envolve a produção de algo original e útil¹¹, “podendo esse algo tomar muitas formas. Pode ser uma teoria, uma dança, um químico, um processo ou procedimento, uma história, uma sinfonia, ou praticamente qualquer outra coisa” (Sternberg, 2012, p. 479) (Anexo 1, 11). Embora “original” e “útil” sejam os termos mais utilizados para definir criatividade, é comum encontrar outros critérios análogos associados à definição de criatividade¹² (O'Quin & Besemer, 1999; Nickerson, 2009; Runco &

¹⁰ Segundo os próprios autores (Sternberg & Lubart, 2009) isto significa que estas pessoas exploram ideias pouco populares, mas com potencial, que podem até encontrar resistência de início, mas essas mesmas pessoas acabam por vender caro essas ideias pouco convencionais.

¹¹ Runco e Jaeger (2012) defendem que os autores originais desta definição são Barron [1955] e Stein [1953] e, portanto, devem ser os autores citados quando se usa a definição-padrão de criatividade.

¹² O'Quin & Besemer (1999) defendem a inclusão de um terceiro critério, normalmente ignorado na definição-padrão de produtos criativos, que seria o “estilo”, “elegância” ou “qualidade estética” do produto.

Jaeger, 2012). Alguns deles são “novidade”, “valor social”, “atratividade”, “adequação”, “relevância”, “surpresa eficaz”, “inovação”.

Apesar de a psicologia ser o ponto de partida para o estudo da criatividade, hoje em dia é reconhecido que esta se manifesta nas diferentes esferas sociais, da empresarial à educativa. O seu estudo é transversal a áreas como a engenharia, filosofia, tecnologia, economia, neurociências, educação, artes, linguística, entre outras, abordando questões como a relação entre criatividade e inteligência, processos mentais e neurológicos, tipos de personalidade, estilos de aprendizagem, capacidades criativas, desenvolvimento da criatividade através da educação, utilização de recursos criativos para melhorar o processo de ensino-aprendizagem.

Este fenómeno está relacionado com a recente universalização¹³ da criatividade. Esta deixou de estar apenas associada aos grandes génios e às ideias únicas para ser estudada e valorizada nos atos do dia-a-dia e das pessoas comuns, como referimos anteriormente ao mencionarmos as dicotomias sobre o tema.

“Embora possam não produzir criatividade inovadora (...), uma elevada proporção de adultos envolve-se na produção de (pelo menos para eles) ideias ou produtos novos (...) Portanto, é possível, em termos da criatividade do dia-a-dia, falar de criatividade como uma característica amplamente distribuída encontrada num elevado número de pessoas, ainda que em maior ou menor nível em diferentes pessoas” (Cropley, 1999a, p. 515) (Anexo 1, 12).

Trata-se, portanto, daquilo que alguns autores (Craft, 2004; Cramond, 2008; Nelson, 2016) definem como criatividade com “c” por oposição à criatividade com “C”¹⁴. É precisamente sobre esta criatividade democratizada, universal e quotidiana que nos centraremos ao debater o conceito no âmbito da educação e do ensino de LE.

1.4 Criatividade e educação

Tal como na psicologia, também no campo da educação a valorização da criatividade é recente e a sua investigação escassa. Ainda assim temos assistido ao longo das últimas décadas

¹³ O termo é utilizado por Craft (2004), que situa esta mudança de paradigma nos anos 80 e 90 do séc. XX.

¹⁴ Runco (2014) apelida a Criatividade com “C” grande vs. criatividade com “c” pequeno de dicotomia falsa e enganadora, que não oferece sugestões válidas nem contribui para o conhecimento dos educadores ou indivíduos que procuram desenvolver o seu potencial criativo. O autor identifica dois problemas na dicotomia: i) assumir que a fama é inerente à criatividade, quando na verdade podem ocorrer separadas; ii) os processos criativos inerentes aos dois tipos de criatividade são os mesmos.

ao aparecimento não apenas de estudos, como também de iniciativas governamentais e não governamentais que procuram reconhecer e valorizar a criatividade na educação.

No plano nacional legislativo, podemos mencionar a Lei de Bases do Sistema Educativo¹⁵ (1986) e o Estatuto da Carreira Docente¹⁶ (2013). Ambos fazem referências ao desenvolvimento criativo dos aprendentes em contexto educativo e com aplicação transversal às diferentes disciplinas escolares. Também em Portugal, mas num plano não governamental, podemos mencionar iniciativas como o projeto Cria-se¹⁷ e a Associação Educativa para o Desenvolvimento da Criatividade¹⁸ como promotores de uma aprendizagem criativa.

No Reino Unido, o NACCCE¹⁹ (1999) emitiu o relatório *All Our Futures: Creativity, Culture and Education* em que defende a necessidade de uma estratégia para a educação cultural e criativa, definindo três objetivos principais²⁰. No mesmo país, durante quase uma década várias escolas acolheram também o projeto *Creative Partnerships*²¹.

Outro exemplo a mencionar é o facto de a União Europeia ter dado destaque ao tema, dedicando o ano de 2009 à criatividade²² e ao seu papel em diferentes contextos, nomeadamente na educação (Figel, 2009). Isto mostra que a criatividade está, com efeito, na ordem do dia e é primordial em todos os setores da sociedade.

Mas como podemos definir, então, criatividade no campo da educação? Quais são as características particulares dos processos criativos a nível educativo? O relatório do NACCCE (1999) define a criatividade no campo da educação identificando quatro características do processo criativo: i) fazer uso da imaginação; ii) buscar um propósito; iii) ser original; iv) avaliar o valor. “Definimos, portanto, criatividade como: atividade imaginativa moldada para

¹⁵ Artigo 7º da Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei Nº 46/86 de 14 de outubro).

¹⁶ Alínea b) do artigo 10ºA do Estatuto da Carreira de Docente (2013).

¹⁷ Projeto desenvolvido pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto em colaboração com o Instituto Irene Lisboa em duas escolas primárias e dois jardins de infância na zona do Porto entre 1993 e 1996. Teve como o intuito promover a criatividade no trabalho escolar e verificar os seus efeitos no desenvolvimento dos alunos (Ribeiro, 1997).

¹⁸ É uma instituição científico-pedagógica que promove o estudo científico e o desenvolvimento da criatividade, nomeadamente, através de iniciativas de investigação e formação nessa área. Para mais informações, consultar www.criatividade.net.

¹⁹ O NACCCE foi fundado no Reino Unido em 1998 com o intuito de emitir recomendações acerca do desenvolvimento criativo e cultural dos jovens através da educação formal e informal.

²⁰ i) as relações entre educação cultural e criativa para todo o currículo; ii) a formação de professores em métodos atuais que estimulem a aprendizagem dos alunos; iii) a importância do equilíbrio do currículo escolar para criar parcerias entre escolas e o mundo para a educação criativa e cultural.

²¹ Este programa de aprendizagem criativa esteve em funcionamento no Reino Unido entre 2002 e 2011 e procurou estabelecer uma colaboração entre escolas e organizações e indivíduos criativos e culturais.

²² Desde 1983, a União Europeia dá destaque a um tema diferente todos os anos ou de dois em dois anos, fazendo do mesmo objeto de uma campanha de sensibilização e refletindo assim as preocupações das organizações europeias e dos Estados-Membros.

produzir resultados que sejam tanto originais como de valor” (NACCCE, 1999, p. 29) (Anexo 1, 13).

A relação entre criatividade e educação pode ser explorada de perspectivas diferentes. No que diz respeito ao ensino criativo, o relatório do NACCCE (1999) distingue entre *ensinar criativamente* e *ensinar para a criatividade*. Se no primeiro caso se trata de uma abordagem à forma de ensinar utilizando formas imaginativas que tornem a aprendizagem mais interessante e eficaz, no segundo, a criatividade é o resultado desejado com a intenção de desenvolver o pensamento criativo do aluno. Apesar desta distinção, ambos os conceitos estão estreitamente ligados²³: por um lado, ao ensinar criativamente o docente encoraja a criatividade do aluno; por outro lado, será difícil incentivar os aprendentes a serem criativos se o próprio professor não empregar criatividade, através de técnicas, métodos ou materiais criativos. Cropley (1999b) defende a necessidade de um ensino-aprendizagem que facilite a criatividade através de métodos e abordagens, independentemente das áreas ou da idade, e de facto o ensino de LE não é exceção.

1.5 Criatividade no ensino de LE: professor, processo e produto

Ao abordarmos o conceito de criatividade e a sua presença no ensino de LE aplica-se o exposto anteriormente sobre a criatividade num âmbito mais geral da educação. Ainda assim julgamos pertinente fazer algumas considerações especificamente sobre o ensino de LE.

Quer falemos de criatividade dentro da psicologia, quer num contexto mais específico como o ensino de LE, este é sempre um conceito ambíguo e sujeito a diferentes definições, tendo em conta quem o define. Coffey e Leung (2016) relatam, por exemplo, num dos seus estudos, que a perceção de alguns professores sobre criatividade em LE foi distinta²⁴: um dos professores participantes interpretou o conceito em termos de utilização criativa da linguagem, enquanto que os outros quatro participantes interpretaram o conceito em termos de abordagens pedagógicas (atividades e formas de apresentar e praticar a língua).

“Parece bastante claro que a sua interpretação e compreensão do conceito de criatividade são, pelo menos parcialmente, determinados pelas suas crenças e valores sobre a

²³ Craft (2004) propõe uma abordagem centrada na relação entre os dois conceitos em vez da distinção proposta pelo NACCCE (1999).

²⁴ Cropley (1999b) também faz referência à incerteza que os professores em geral demonstram sobre o que a criatividade significa na prática educativa.

natureza do ensino e aprendizagem linguísticos, pedagogia eficaz e requisitos institucionais. E as diferentes visões parecem ter impacto nas formas como traduzem a criatividade para a sua prática” (Coffey & Leung, 2016, p. 127) (Anexo 1, 14).

Azevedo e Morais (2009) defendem também que, apesar de haver consenso sobre a definição e certas características do professor criativo, surgem dificuldades quando os professores tentam aplicar o conceito de criatividade à sua prática letiva. Assim, conhecer as percepções dos docentes sobre o tema pode contribuir para a compreensão “das necessidades, equívocos e até preconceitos, e para identificar crenças positivas que devem ser reforçadas; avaliar as concepções dos professores sobre criatividade pode ajudar consequentemente a estabelecer melhores práticas para fomentar a criatividade na sala de aula” (Azevedo & Morais, 2009, p. 331) (Anexo 1, 15).

Uma distinção que nos parece pertinente, e que nos remete novamente para os 4Ps de Mel Rhodes [1961], prende-se com determinar se nos referimos ao professor (ou ao aprendente) criativo, ao processo de ensino-aprendizagem criativo ou aos produtos (aqui vistos como materiais didáticos) criativos. Todos estes sentidos são relevantes, estão interligados e são suscetíveis de serem aplicados ao ensino-aprendizagem de línguas, mas englobam simultaneamente aspetos diferentes.

Do ponto de vista do aprendente, Ellis (2016) defende que existe à partida uma relação de dois sentidos entre pessoas criativas e aprendizagem de LE: pessoas mais criativas têm maior facilidade em aprender línguas e a aprendizagem de línguas pode, por sua vez, favorecer a criatividade dos aprendentes. Em suma, “aprender uma língua pode ser um exercício criativo porque as línguas são tão vastas e complexas que cada utilizador precisa de combinar constantemente elementos de conhecimento de novas formas” (Clarke citado em Ellis, 2016, pp. 35-36) (Anexo 1, 16). Por exemplo, Ellis (2016) defende que a criatividade se manifesta na comunicação do aprendente de LE como um ato involuntário e/ou voluntário. Involuntário quando se deve à limitação de recursos linguísticos, levando ao uso criativo da língua e não se limitando à utilização dos padrões e regras vigentes (simplificação gramatical e semântica por necessidades de comunicação). Como ato voluntário ou deliberado é especialmente visível em jogos de linguagem, em que o aprendente manipula deliberadamente as comunicações linguísticas para criar um efeito divertido (ex. provocar o riso) através de padrões sonoros ou unidades semânticas.

Do ponto de vista do professor, Richards e Cotterall (2016) argumentam que lhe é exigido constantemente que pense de forma criativa: no planeamento do currículo e das aulas,

durante o processo de ensino-aprendizagem, na escolha de objetivos relevantes e de recursos didáticos. “Ao tomarem decisões desta natureza, os professores recorrem aos seus conhecimentos sobre o assunto e às suas teorias e princípios pessoais, bem como ao conhecimento prático desenvolvido através da sua experiência de ensino ao tomarem decisões deste tipo” (Richards & Cotterall, 2016, p. 97) (Anexo 1, 17).

A literatura (NACCCE, 1999; Cremin, 2009; Moraes & Azevedo, 2011; Richards, 2013) identifica características gerais inerentes a um bom professor: forte motivação e dedicação, capacidade de comunicar e ouvir, capacidade de motivar e inspirar, conhecimentos científicos sólidos nas áreas de ensino, entre outros. No entanto, quando se incentivam os professores a adotar abordagens criativas ao currículo e a ensinar criativamente e para a criatividade, pressupõe-se que será desejável que o professor possua determinadas características específicas. Cremin (2009) e Richards (2013) identificaram um conjunto extensivo de características pessoais e pedagógicas comuns ao professor criativo, das quais destacamos:

- i) usam técnicas para estimular a curiosidade, elevar a autoestima e a confiança;
- ii) encorajam riscos aceitáveis, situações imprevisíveis e as ideias e originalidade dos alunos, reforçando simultaneamente atividades criativas;
- iii) estão empenhados em ajudar os alunos a serem bem-sucedidos, usando as suas práticas letivas para facilitarem o processo de ensino-aprendizagem;
- iv) procuram o equilíbrio entre aprendizagem estruturada e oportunidades de autonomia;
- v) mantêm uma relação próxima com os alunos e um ambiente motivante;
- vi) são tolerantes às ambiguidades e têm sentido autocrítico das suas práticas e capacidades criativas;
- vii) têm curiosidade, persistência, determinação, independência de julgamento e pensamento, intuição e idealismo;
- viii) são confiantes, entusiastas e empenhados: são eles (não o manual ou o currículo) que fazem a diferença, pois é o seu contributo que é decisivo para a aula;
- ix) têm originalidade, autonomia, flexibilidade e desejo de aprender;
- x) personalizam a forma de ensinar e modelam o processo de fazer sentido através de múltiplas ligações imaginativas em sala de aula;
- xi) procuram que as aulas sejam centradas nos aprendentes, ouvindo-os, procurando oportunidades para que sejam autónomos na aprendizagem e integrando os seus interesses e capital social/cultural;

xii) correm riscos e mantêm-se abertos a novas ideias, estando dispostos a experimentar coisas novas, mesmo que possam não funcionar;

xiii) modelam a criatividade, sendo inovadores, agindo espontaneamente e mudando o foco das sessões em conformidade com os interesses e questões dos aprendentes;

xiii) têm uma base sólida de conhecimentos sobre a área de ensino, “porque sem conhecimento, a imaginação não pode ser produtiva. Criatividade não significa agir de forma imprecisa e sem bases. Não significa ir inventando à medida que se avança” (Richards, 2013, p. 23) (Anexo 1, 18).

Outras características do professor criativo de LE, mas respeitantes ao processo de ensino-aprendizagem, nomeadamente em termos de abordagens e metodologias, foram também identificadas por Richards (2013) e Richards e Cotterall (2016):

i) o professor não se cinge a um único método ou abordagem, promovendo a criatividade com recurso a uma combinação de estilos, atividades, estratégias e técnicas de ensino, o que os leva a experimentar novos recursos e a usar as suas próprias soluções;

ii) o professor apoia a prática criativa no conhecimento académico e pedagógico;

iii) o professor procura alcançar um estilo de ensino próprio;

iv) o professor adapta e individualiza as aulas e os materiais didáticos para ir ao encontro das necessidades e interesses dos estudantes;

v) o professor ensina de forma flexível: alterna entre estilos de ensino durante a aula, muda o ritmo e dá mais espaço e tempo aos aprendentes;

vi) o professor recorre à tecnologia para apoiar o desenvolvimento da imaginação, resolução de problemas e pensamento divergente.

Finalmente, fazemos uma breve referência à utilização de materiais didáticos criativos no ensino de LE, sem, no entanto, entrarmos em pormenores, visto ser este um assunto amplamente debatido no próximo capítulo. Se, por um lado, um professor criativo utiliza materiais pelo seu potencial criativo, importa, por outro lado, esclarecer que o faz tendo em vista um objetivo e baseando-se em conhecimentos sólidos sobre o processo de ensino-aprendizagem (Richards, 2013). Algumas dimensões identificadas por Richards (2013) como presentes em atividades ou materiais criativos são: i) conteúdo interessante; ii) elemento de

novidade; iii) elemento intrigante; iv) encorajamento da originalidade; v) elemento de fantasia. Estes e outros aspetos serão discutidos com mais detalhe no próximo capítulo.

1.6 Ensino criativo: benefícios e desafios

Por que razão suscita a criatividade tanto interesse no âmbito da educação? Um dos motivos é o facto de a literatura (Torrance, 1977; Cropley, 1999b; Cramond, 2008; Richards, 2013; Richards & Cotterall, 2016) ter identificado inúmeros benefícios associados à criatividade na educação, entre os quais destacamos:

- i) é um recurso valioso para o desenvolvimento cultural e prosperidade nacional;
- ii) traz benefícios pessoais e sociais, que têm sido explorados por investigadores (relações entre criatividade e saúde física e mental, criatividade e aprendizagem académica);
- iii) melhora a experiência de aprendizagem, contribuindo para níveis mais elevados de motivação e autoestima dos aprendentes, dotando-os de competências para o futuro;
- iv) ajuda os aprendentes a pensar de forma crítica e independente e a desenvolver as suas capacidades em termos de ideias originais e pensamento criativo;
- v) é uma fonte de renovação e satisfação profissional para o professor;
- vi) um grande número de aprendentes tem preferência por uma aprendizagem criativa que lhe permita a exploração, manipulação, questionamento, experimentação;
- vii) a aprendizagem criativa é mais eficaz do que a que recorre à autoridade;
- viii) pode melhorar o desempenho académico, levando, nomeadamente, a um melhor domínio e controlo linguístico, quando se trata da aprendizagem de uma LE.

Torrance (1977) relata também que, ao estudar as funções dos hemisférios cerebrais, a ciência tem ajudado a clarificar a relação entre educação e criatividade. Por um lado, o hemisfério esquerdo processa a informação de forma linear, sequencial e lógica, lidando especialmente com informação verbal e numérica. Por outro lado, o hemisfério direito processa a informação de forma global, intuitiva, não linear, não verbal, visual, rítmica, lidando com formas espaciais, movimento, som, emoções. É também neste hemisfério que se localizam as capacidades criativas e artísticas. O autor defende assim que existem outras formas de aprendizagem para além das palavras. “Anteriormente, o nosso sistema de ensino estava orientado quase exclusivamente para o desenvolvimento do hemisfério esquerdo. A introdução

de objetivos educacionais que requerem pensamento criativo recorre mais ao hemisfério direito e deverá produzir mais aprendizagem genuína” (Torrance, 1977, p. 22) (Anexo 1, 19).

Na mesma linha, este autor (1993) desenvolveu um modelo didático – Incubation Model of Teaching²⁵ [Modelo de Incubação do Ensino], que incorpora capacidades de pensamento criativo em diferentes disciplinas e níveis de ensino, relatando que a sua aplicação teve resultados positivos na motivação de professores e alunos, conduzindo nomeadamente a um aumento da leitura de livros, procura de informação e descoberta na aprendizagem.

Se, por um lado, existem vantagens na incorporação da criatividade na educação, por outro, devemos também mencionar que podem surgir obstáculos à sua aplicação. A incerteza sobre a definição do conceito pode ser um entrave para os professores, uma vez que estes podem não estar seguros sobre como incluir a criatividade nas suas práticas letivas: como ser um professor criativo, como estimular a criatividade do aprendente, como produzir e aplicar materiais criativos, como utilizar processos de ensino-aprendizagem criativos. Outros constrangimentos identificados (Richards, 2013; Nelson, 2016) na prática criativa entre professores de LE foram:

- i) currículos e/ou materiais pré-definidos;
- ii) ensino orientado para resultados avaliativos;
- iii) falta de tempo para desenvolver práticas criativas;
- iv) falta de discussão sobre criatividade e a sua aplicação;
- v) falta de incentivo ou até desencorajamento do ensino criativo, valorizando-se a padronização em detrimento da experimentação;
- vi) dificuldade em atingir o equilíbrio entre estrutura e improvisação na sala de aula;
- vii) falta de acesso a recursos adequados;
- vii) falta de (in)formação na área da criatividade no ensino.

O ensino criativo, nomeadamente em LE, está sujeito a alguns desafios, sendo que o próprio conceito de criatividade não é unívoco e a sua transposição para o ensino não é homogêneo. Ainda assim, a criatividade encontra cada vez mais o seu espaço no âmbito do ensino em geral e de LE em particular. Coffey e Leung (2016) sugerem que é fundamental os

²⁵ Este modelo define três momentos dentro do plano de aula: i) elevação das expetativas; ii) aprofundamento das expetativas; iii) prolongamento da aprendizagem. O objetivo seria oferecer uma forma de aprendizagem que promovesse o desenvolvimento da criatividade, dotando todas as fases de pensamento criativo.

professores analisarem de forma autocrítica “a forma como compreendem e interpretam este conceito e perguntarem-se: ‘como é que a criatividade, como eu a compreendo, promove a aprendizagem linguística no meu contexto?’ ‘E que aspeto(s) da aprendizagem linguística beneficiariam de um foco na criatividade?’” (p. 127) (Anexo 1, 20).

Capítulo 2. Materiais didáticos de LE: conceito, produção e criatividade

Neste capítulo pretendemos explicitar o conceito de materiais didáticos para o ensino de LE, nomeadamente abordando o papel do livro didático, enumerando tipos de materiais e discutindo aspetos-chave inerentes à sua produção e avaliação. Debruçamo-nos também sobre o conceito de materiais didáticos criativos para o ensino de LE, fazendo ainda uma breve referência ao contributo das novas tecnologias para a produção de materiais didáticos criativos.

2.1 Conceito de material didático de LE: o livro didático no centro da aprendizagem

Apesar do importante papel que os materiais didáticos desempenham no ensino de LE, há pouca investigação sobre o tema (Vilaça, 2009; Vilaça, 2012)²⁶, nomeadamente sobre a produção, e a maioria centra-se nos livros didáticos, considerados como o instrumento de aprendizagem por excelência. A justificação para que o livro didático seja o mais discutido e investigado prende-se com o facto de ser o material mais presente na aula de LE e “não raro, o(s) livro(s) didático(s) corresponde(m) à única fonte de consulta e de leitura dos professores e dos alunos” (Coracini, 1999b, citado em Vilaça, 2009, p. 6). O seu estatuto privilegiado também lhe é conferido por ser publicado por uma editora, mas Vilaça (2009) alerta que tal pode promover uma compreensão reduzida do que é um material didático e levar a que outros materiais sejam encarados apenas como auxiliares ou secundários. O autor aponta ainda alguns constrangimentos ligados ao livro didático, tanto em termos qualitativos (profundidade, qualidade, confiabilidade), como quantitativos (diversidade, amplitude, métodos). “Afinal, todo material apresenta limitação de quantidade e profundidade de informação e conteúdos. Dessa forma, professores e alunos não devem esperar ou imaginar que todo o conhecimento necessário para uma disciplina ou um curso esteja contido no livro didático” (Vilaça, 2009, p. 8), sendo desejável que outros materiais sejam utilizados em conjugação com o livro para complementar e enriquecer o processo de ensino-aprendizagem. Tomlinson (2016) refere também que a maioria dos professores de línguas recorre a manuais didáticos em sala de aula, mas que nenhum é capaz de satisfazer todas as necessidades e vontades de um grupo de aprendentes.

²⁶ Tomlinson (2016) refere que entre os anos 90 do séc. XX e a atualidade este panorama tem vindo gradualmente a alterar-se, com o reconhecimento da importância da produção de materiais didáticos para o ensino de línguas enquanto área de investigação.

Concluimos, então, que o livro didático é um dos possíveis materiais didáticos em sala de aula, não devendo, no entanto, ser o único. Como poderemos definir um material didático para o ensino de LE? A carência de literatura sobre o conceito contribui para que “alguns professores [apresentem] dificuldade na compreensão do que seja um material didático e de quais os parâmetros que possibilitam a categorização de uma atividade, um material ou livro como material didático” (Vilaça, 2009, p. 4). Ainda assim, consideremos a definição de Salas (2004, citado em Vilaça, 2009, p. 5) que refere que um material didático é “qualquer coisa empregada por professores e alunos para facilitar a aprendizagem”, sendo confirmado por Tomlinson (2010, citado em Vilaça, 2012, p. 51) que defende que um material didático é “qualquer coisa que é usada para ajudar a ensinar línguas (...) qualquer coisa que apresente ou informe sobre a língua sendo aprendida”. Tomlinson (2016) acrescenta ainda outras características que detalham as funções de um material didático para o ensino de LE: i) ser educativo (guiando o aprendente na prática da língua); ii) experimental (mostrando a língua em uso); iii) evocativo (para que o aprendente use a língua); iv) exploratório (para o aprendente descobrir sobre a língua). Alguns exemplos, dados pelo mesmo autor, são os livros didáticos, vídeos, literatura adaptada²⁷, cartas de vocabulário, jogos, *websites* e interações por telemóvel.

Vilaça (2009) refere também que “os materiais didáticos devem contribuir de formas variadas para que a aprendizagem seja bem-sucedida e, se possível, rápida, prazerosa e significativa” (p. 7). Este autor acrescenta também que qualquer material usado de forma didática, independentemente de ter sido produzido para fins não pedagógicos pode ser considerado (e é efetivamente utilizado) como material didático para o ensino de línguas. Exemplos disso são os poemas, as canções, os jornais, entre outros.

Para tentar ajudar a definir o conceito de “material didático”, considerámos pertinente consultar o QECRL (Conselho da Europa, 2001)²⁸, instrumento indispensável para a definição de níveis linguísticos de ensino-aprendizagem de PLE, bem como fonte de diretrizes na elaboração dos respetivos currículos e definição de objetivos. No referido documento encontrámos 48 ocorrências do termo “material” ou “materiais”, das quais destacamos:

²⁷ No original *graded readers*. Trata-se de um livro adaptado a partir da obra original de forma a adaptar-se ao nível de conhecimentos linguísticos do aluno ou grupo (por exemplo, uma versão adaptada de *Os Maias* de Eça de Queirós para alunos de PLE de nível B1).

²⁸ Durante a elaboração desta dissertação, tomámos conhecimento de que seria lançada em 2018 uma versão atualizada do QECRL com novos descritores. No entanto, não nos foi possível consultar a edição provisória, uma vez que o seu acesso era ainda restrito.

i) 4 referências a “material áudio/gravado”, 1 referência a “material escrito”, 1 referência a “material informativo”, 2 referências a “materiais do dia-a-dia”, todas no âmbito do nível de compreensão do aprendente.

ii) 1 referência a “novo material” e 1 a “material para o ensino da língua”, no contexto de sala de aula e percebido como texto oral ou escrito.

iii) 1 referência a “material novo” e 1 a “material complexo”, interpretadas como elementos linguísticos (ex. item lexical, frase, estrutura, expressão).

iv) 2 referências a “produção e/ou utilização de materiais”, incluindo multimídia, relacionadas com instituições envolvidas nesses processos e para a satisfação de necessidades comunicativas.

v) 2 referências a elaboração de “materiais adequados ou apropriados”, no âmbito da promoção dos esforços de professores e aprendentes.

vi) 4 referências a “seleção e/ou produção de materiais” na indicação das utilizações do QECRL e mais concretamente na explicitação do critério de coerência entre componentes do mesmo e do que pode ser feito a partir da observação e análise dos erros do aprendente, no âmbito do fornecimento de informação.

vii) 1 referência a “materiais educativos”, relativamente aos autores; 1 referência a “materiais de ensino/aprendizagem”, em associação com as propostas e solicitações dos mesmos em função dos tipos de objetivos do QECRL dentro de um determinado domínio linguístico; 2 referências a “materiais pedagógicos”, no âmbito da seleção lexical nos mesmos e no sentido em que os professores, enquanto utilizadores do QECRL para a facilitação da aprendizagem de línguas, devem utilizar livros de texto e materiais pedagógicos.

viii) 1 referência a “materiais de referência”, como auxiliares à compreensão de textos escritos (ex. dicionários, gramáticas).

ix) 1 referência a “materiais de compreensão oral”, no âmbito de textos concebidos para parecerem autênticos, especialmente escritos para compreensão oral e gravados por atores.

Desta análise, concluímos não ser possível identificar nenhuma referência concreta a “material didático” ou “materiais didáticos”. Mesmo que tomemos “materiais educativos”, “materiais de ensino/aprendizagem” ou “materiais pedagógicos” como expressões sinónimas de “materiais didáticos”, em nenhuma das ocorrências há uma explicitação do conceito nem exemplos ou tipologia dos mesmos. No que diz respeito às ocorrências que incluem os termos “produção”, “elaboração”, “seleção” ou “utilização”, os contextos são também pouco

explicativos no que concerne ao conceito de material e a princípios ou aspetos a ter em conta no desenvolvimento do mesmo. Finalmente, é possível identificar uma relação entre a utilização do termo “material” ou “materiais” (no âmbito didático) e o recurso a textos orais ou escritos. A nível do texto (e encarando-a aqui como um material didático) podemos acrescentar que o QECRL (cf. Conselho da Europa, 2001, pp. 136-139) explicita que o mesmo pode ter diferentes funções e conteúdos, veicular diferentes mensagens e surgir em diferentes suportes, elencando inclusivamente uma lista de exemplos acerca dos tipos de texto e suportes.

Com base no exposto anteriormente, e fruto de uma análise mais detalhada do QECRL (Conselho da Europa, 2001) e de Vilaça (2012), elaborámos um quadro em que procuramos sintetizar de forma não exaustiva os materiais didáticos para o ensino de LE, segundo a sua tipologia, desde os mais reconhecíveis (como o livro didático) àqueles que ainda que produzidos para diferentes fins também são passíveis de utilização na sala de LE, nomeadamente fazendo uso de materiais autênticos.

<i>Materiais impressos</i>	<i>Materiais áudio ou audiovisuais</i>	<i>Materiais visuais/gráficos</i>	<i>Materiais com recurso a media digitais²⁹</i>
Livros didáticos	CD	Folhetos	Ficheiros MP3 e MP4
Gramáticas	CD-ROM	Pósteres	Redes sociais
Dicionários	DVD	Quadros e figuras	Podcasts
Enciclopédias	Canções	Transparências	Blogues
Exercícios fotocopiados	Filmes	Fotos	<i>Websites</i> (temáticos, de marcas, de aprendizagem de LE ou com outras vertentes didáticas, etc.)
Textos fotocopiados	Materiais focalizados na competência auditiva	Desenhos	Plataformas de gamificação pedagógica
Outros livros (contos, literatura infantil, literatura adaptada, BD, poesia, ficção, não ficção, etc.)	Vídeos em suporte analógico (videoclips musicais, desenhos animados, reportagens, anúncios, etc.)	Símbolos e ícones	Outros recursos (bases de dados, processadores de texto, correio eletrónico, motores de busca, etc.)
Jornais e revistas		Diapositivos	
Receitas culinárias		Pinturas	
Jogos de tabuleiro		Cartões de vocabulário	
Outros jogos pedagógicos		Outras imagens	

Figura 1. Materiais didáticos para o ensino de LE

²⁹ Excluímos desta coluna todos os materiais didáticos anteriormente enumerados que não estão dependentes exclusivamente do acesso digital.

2.2 Produção e avaliação de materiais didáticos de LE

Se o professor de LE é, por um lado, um utilizador de materiais didáticos, seja o livro didático ou outro recurso como os abordados acima, por outro, ele próprio pode adaptar ou produzir os seus materiais didáticos para irem ao encontro das características, necessidades e objetivos específicos do seu grupo de aprendentes. O autor de materiais, seja professor, investigador, linguista ou outro, deve, contudo, ter em conta que o desenvolvimento dos mesmos implica princípios e procedimentos sobre produção, adaptação, implementação, análise e avaliação (Tomlinson, 2016). Nas suas decisões ele será influenciado por fatores internos e externos (Vilaça, 2012): preferências do autor, necessidades dos aprendentes, metodologia da escola, questões ligadas ao mercado, custos de produção ou orientações e diretrizes pedagógicas públicas (do qual o QECRL é exemplo). No caso de professores-autores, que elaboram materiais para as suas próprias aulas (um contexto próximo, conhecido e real), será expectável que estes sofram “mais influências e direcionamentos de fatores de natureza interna, relacionados ao contexto específico de ensino-aprendizagem” (Vilaça, 2012, p. 54).

Na produção de materiais didáticos devemos ter em conta pelo menos quatro momentos (Leffa, 2007): i) *análise*, que envolve a identificação das necessidades dos alunos, bem como a adequação do material ao nível dos seus conhecimento; ii) *desenvolvimento*, partindo de objetivos claros que deem uma direção à atividade desenvolvida através do material produzido; iii) *implementação*, que no caso de o professor autor aplicar diretamente o material com os seus alunos se dá de modo intuitivo, explicando oralmente o que deve ser feito; iv) *avaliação*, que se o material for desenvolvido por um único professor pode ser feita informalmente (preparação, uso, reformulação e assim indefinidamente com diferentes grupos).

Outros aspetos a ter em conta na elaboração de um material didático são as escolhas metodológicas, bem como a definição de objetivos gerais e específicos, mesmo que no curso do desenvolvimento do material estes possam sofrer alterações (Vilaça, 2012). O autor do material pode ter uma *motivação interna ou subjetiva* (Vilaça, 2012), recorrendo assim às suas experiências prévias bem-sucedidas: “o que pode servir para um contexto provavelmente servirá para outros” (Vilaça, 2012, p. 56). Por outro lado, o autor pode socorrer-se de uma *motivação externa ou objetiva* (Vilaça, 2012), partindo de teorias metodológicas fundamentadas na literatura para a elaboração de materiais. “Neste caso, as experiências e preferências pessoais do autor podem ser relegadas a um segundo plano, dando prioridade a metodologias baseadas de estudos e pesquisas” (Vilaça, 2012, p. 57). Ambas as opções têm vantagens e desvantagens, pelo que a interação das duas abordagens poderá ser uma solução.

“Assim como as teorias não devem rejeitar experiências docentes, as preferências pessoais de professores podem ser analisadas e tratadas com base em teorias” (Vilaça, 2012, p. 57).



Figura 2. Passos para a elaboração de materiais didáticos. Fonte: Vilaça (2012)

Tomlinson (2010, 2013) defende a aplicação de alguns princípios de SLA na produção de materiais didáticos para melhorar a sua eficácia no processo de ensino-aprendizagem, dos quais destacamos:

i) *Expor os aprendentes a usos autênticos da língua*: para atingirem uma comunicação eficaz, os alunos precisam de contactar continuamente com a língua utilizada de várias formas e para diferentes fins.

ii) *Ajudar os aprendentes a prestar atenção aos elementos de “input” real*: para adquirirem esses elementos, os estudantes precisam de se concentrar neles para que se tornem evidentes em *inputs* posteriores.

iii) *Dar oportunidades para que os aprendentes usem a língua-alvo para fins comunicativos*: “isto pode oferecer *feedback* contextual aos aprendentes, ajuda a automatizar a língua, constitui *auto-input* e pode evocar *input* inteligível adicional” (Tomlinson, 2013, p. 14) (Anexo 1, 21).

iv) *Estimular o envolvimento emocional dos aprendentes*: estimular os alunos a mostrar emoções, como o riso, a alegria e a empatia, contribui para o desenvolvimento da sua competência comunicativa.

v) *Estimular o envolvimento intelectual dos aprendentes*: ao fazerem uso de competências “como inferência, associação, predição e avaliação (...) é mais provável que (...) acabem por adquirir a língua e desenvolver competências linguísticas do que se estiverem restringidos ao uso de competências de descodificação e codificação mais reduzidas” (Tomlinson, 2013, p. 12) (Anexo 1, 22).

vi) *Permitir que os aprendentes se foquem no significado*: desta forma será mais provável que adquiram formas do que se o processo for o oposto. Apesar da utilidade deste

princípio para níveis mais baixos, com o progresso do aluno haverá necessidade de um maior foco na forma.

Com base nos princípios acima enumerados e outros quatro³⁰, Tomlinson (2013) analisou a mesma unidade em seis manuais de nível intermédio para o ensino de EFL, concluindo que a relação entre teoria e prática é débil, como é possível verificar no sumário apresentado no quadro 2³¹. O autor refere que nenhum dos manuais se foca no sentido, mas antes na forma, alguns oferecem oportunidades para os aprendentes prestarem atenção a itens de *input* real e a maioria tenta personalizar um pouco os conteúdos. Além disso, os textos são curtos e simples, a maioria das atividades foca-se na prática e não no uso, dificilmente estimulando respostas afetivas, e há falta de oportunidades para os aprendentes interagirem em termos comunicativos.

SLA Theory	EU	g	IO	JR	SO	ff
1 Rich and meaningful exposure	2	3	2	2	2	2
2 Affective engagement	1	1	1	1	2	2
3 Cognitive engagement	2	2	1	3	3	2
4 Utilization of the resources of the brain	0	0	0	0	0	0
5 Noticing	1	0	0	3	3	3
6 Opportunities for use	2	1	1	2	2	2
7 Opportunities for interaction	2	2	1	2	3	3
8 Making use of non-linguistic communication	0	0	0	0	0	0
9 Catering for the individual	1	2	1	2	2	2
10 Focus on meaning	2	2	1	2	2	2

EU = Rea, D. and Clementson, T. (2011), *English Unlimited*. Intermediate. Cambridge: Cambridge University Press.

ff = Redston, C. and Cunningham, G. (2007), *face2face*. Upper Intermediate. Cambridge: Cambridge University Press.

g = Clandfield, L. (2010), *global*. Oxford: Macmillan.

JR = Harmer, J. (2012), *Just Right*. Andover: Heinle.

IO = (2010), *Intermediate Outcomes*. Andover: Heinle.

SO = Clare, A. and Wilson, J. J. (2011), *Speakout*. Harlow: Pearson.

Figura 3. Aplicação dos princípios de SLA a manuais didáticos de EFL.

Fonte: Tomlinson (2013)

³⁰ Os outros princípios são: utilização de recursos cerebrais; oportunidades de interação; utilização de comunicação não linguística; atender às necessidades individuais.

³¹ O autor atribuiu pontos numa escala de 1 a 5, em que 5 significa uma combinação perfeita entre os princípios de SLA e o manual.

Outro estudo (Tavares, 2008), centrado na avaliação de treze manuais didáticos de iniciação ao PLE³² publicados ao longo de cerca de quarenta anos (1964-2005), analisa os seguintes aspetos: i) conteúdos comunicativos; ii) conteúdos linguísticos; iii) conteúdos culturais; iv) conceção e organização gráfica; v) características materiais. A autora denota uma evolução geral positiva, em termos do número crescente de manuais publicados, mais manuais a propor uma abordagem comunicativa para o desenvolvimento de várias competências e também com um aspeto gráfico mais atrativo. Ainda assim, poucos manuais promovem a interatividade, incentivam a oralidade e apresentam uma quantidade relevante de documentos autênticos, privilegiando-se antes o desenvolvimento de conteúdos linguísticos (gramática e vocabulário). No que diz respeito aos aspetos (socio)culturais, a informação é escassa e estereotipada, com tendência a centrar-se na realidade portuguesa, ignorando os outros países da CPLP. “Não será fácil de conseguir uma combinação equilibrada de todos os conteúdos (...) e a maioria dos manuais não atinge esse equilíbrio (...) Será, então, da responsabilidade [dos ensinantes] (...) a avaliação e selecção do manual que melhor se adequa às necessidades dos aprendentes” (Tavares, 2008, p. 117). Tivessem Tavares (2008) e Tomlinson (2013) incluído o aspeto “criatividade” nas suas avaliações, possivelmente os resultados não difeririam muito dos explicitados acima, pois tal como os aspetos analisados pelos autores parecem ser negligenciados, em maior ou menor grau, também a criatividade parece merecer insuficiente destaque nos manuais de LE.

Não se julgue, no entanto, pelos dois exemplos acima, que a tarefa de avaliação de materiais didáticos está reservada apenas a investigadores. As instituições de ensino, responsáveis de curso e professores é solicitada com maior ou menor frequência essa tarefa. Mas qual será o intuito de avaliar os materiais didáticos? Vilaça (2010) refere que este processo permite verificar a qualidade, potencialidades, vantagens e desvantagens do material e se o mesmo se adequa ao contexto de ensino (objetivos, características, necessidades, etc.), embora essa adequação seja sempre parcial devido ao grande número de fatores que envolvem cada situação específica de ensino. O mesmo autor refere ainda que, segundo Cunningsworth (1995, citado em Vilaça, 2010), essa avaliação não se deve cingir ao momento de adoção do material, mas deve sim contemplar três momentos distintos: i) antes da utilização (com vista à sua adoção para o contexto de ensino); ii) em uso (tornando objetiva a compreensão da aplicação real do material); iii) posterior à utilização (para verificar o grau de satisfação e eficácia do material).

³² Níveis A1 e A2 do QECRL (Conselho da Europa, 2001).

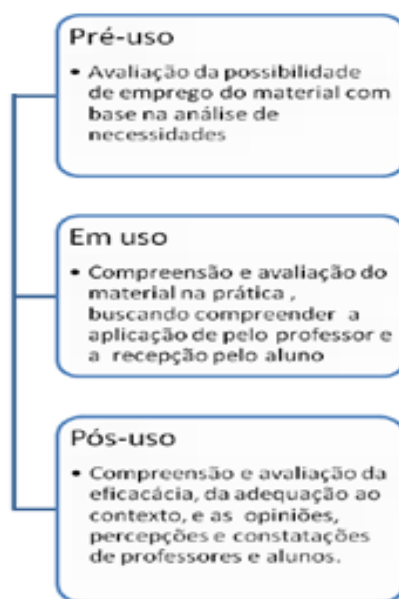


Figura 4. Momentos de avaliação dos materiais didáticos. Fonte: Vilaça (2010)

A literatura até ao momento mencionada neste capítulo debruça-se sobre vários aspetos basilares referentes aos materiais didáticos para o ensino de LE, do conceito à tipologia, da elaboração à avaliação de materiais didáticos. Contudo, não podemos deixar de salientar a inexistência de qualquer referência ao papel da criatividade nos materiais didáticos ao ter em consideração cada um desses aspetos. Existem materiais didáticos para o ensino de LE mais criativos e outros mais convencionais? O que os distingue?

2.3 Materiais didáticos criativos para o ensino de LE: o que são?

No capítulo 1 mencionámos vários documentos que fazem referência à criatividade no âmbito do ensino e à sua relevância, mas ainda assim não nos foi possível encontrar na literatura informação específica sobre: i) as características dos materiais didáticos criativos; ii) tipos de materiais (suporte, áreas temáticas, etc.) que podem ser considerados criativos; iii) diferenças entre eles e materiais didáticos convencionais; iv) o impacto que a criatividade pode ter na motivação e resultados dos alunos quando aplicada à produção de materiais usados em sala de aula. Também se olharmos para um material didático criativo como o eixo *produto criativo*, são vários os desafios conceptuais que enfrentamos. O'Quin e Besemer (1999) identificaram alguns:

i) *o problema de critérios*: quais os critérios a ter em conta para medir a criatividade e, consequentemente, definir um produto criativo?

ii) *os efeitos da avaliação*: a avaliação pode encorajar ou inibir a pessoa criativa. Por exemplo, no meio escolar os aprendentes são encorajados a olhar para um tema de formas ligeiramente diferentes do normal, mas sem se afastarem demasiado do convencional. Por outro lado, nem sempre os avaliadores têm conhecimento para avaliar de forma informada e válida;

iii) *variação de critérios em diferentes áreas*: a adoção de critérios mais universais poderia facilitar a comparação de diferentes tipos de produtos, facilitando o desenvolvimento de padrões aplicáveis de forma mais ampla;

iv) *efeitos culturais*: aspetos culturais e sociais podem afetar a avaliação da criatividade num produto, tornando-se a mesma subjetiva.

Apesar dos constrangimentos expostos, julgamos ser possível, com base na teoria discutida até ao momento, sugerir uma definição de material didático criativo para o ensino de LE: qualquer material que possa ser usado para ensinar uma língua e/ou informar sobre a mesma (Vilaça, 2010; 2012), independentemente de ter sido produzido exclusivamente para esse fim, e possuindo os seguintes atributos (NACCCE, 1999; Gruber & Wallace, 2009; Nickerson, 2009; Runco & Jaeger, 2012):

i) *originalidade*: um material pode ser original em relação a outro produzido pelo mesmo sujeito ou em relação aos seus pares (ex. professores de LE) ou possuir uma originalidade histórica, em que o produto final é único quando comparado com outros dentro da mesma área;

ii) *imaginação*: envolve processos de pensamento ou comportamento que geram algo original, oferecendo alternativas ao esperado, ao convencional, à rotina. Pode surgir a partir de ligações pouco usuais, analogias e relações entre ideias que não foram anteriormente exploradas;

iii) *utilidade*: pode ser um processo bastante dinâmico cujos resultados podem diferir dos inicialmente previstos. Às vezes aparecem novos propósitos após o produto inicial surgir;

iv) *adequabilidade*: não basta uma ideia original para que seja criativa, uma vez que pode ser irrelevante ou deficiente para o fim a que se destina. É, portanto, necessário que tenha valor em função dos objetivos propostos (ex. eficácia, utilidade, validade, diversão, viabilidade, etc.);

v) *inovação*: sem ser uma condição essencial, esta característica também é mencionada relativamente à criatividade. No âmbito dos materiais didáticos podemos encarar a inovação, por exemplo, ligada ao uso de novas tecnologias e ferramentas digitais. Sobre este aspeto debruçar-nos-emos com mais pormenor na última secção deste capítulo.

Referindo-se a atividades didáticas de LE que promovem respostas criativas, Dornyei (2001, citado em Richards, 2013) identifica também um conjunto de características que nalguns casos nos parecem aplicáveis aos materiais didáticos criativos:

- i) *desafio*: possibilita a resolução de problemas ou a descoberta de informação;
- ii) *conteúdo interessante*: temas que os aprendentes considerem cativantes e sobre os quais tenham interesse fora da sala de aula;
- iii) *elemento pessoal*: materiais que relacionem atividades em sala de aula com a vida dos aprendentes;
- iv) *novidade*: aspetos novos, diferentes ou inesperados;
- v) *encorajamento do pensamento original*: materiais que requeiram uma resposta original. Por exemplo, em vez de perguntas de interpretação após a leitura de um texto, os aprendentes são encorajados a dar uma resposta pessoal sobre o que leram.
- vi) *fantasia*: materiais que encorajem o aprendente a usar a imaginação para criar histórias, identificar-se com personagens fictícias ou representar situações imaginárias.

Com base nas dimensões criativas referidas, Richards (2013) relata exemplos concretos da experiência de professores de EFL em vários países e com grupos diferentes. Uma professora da Colômbia, referindo-se ao desenvolvimento da competência de produção escrita, menciona a utilização de redes sociais como o Facebook, Google+ e Twitter para incentivar os aprendentes a escrever mensagens curtas, inicialmente, e a produzir um conto através de escrita colaborativa, numa fase posterior. Outro professor, do Peru, responsável por um curso de escrita empresarial em que o grupo deveria escrever mensagens de e-mail, publicações em blogues e cartas formais, pediu aos alunos para inventarem a sua própria empresa, logotipo, produtos, etc. Os aprendentes usaram depois os materiais criados para desenvolverem os seus próprios cenários e situações em vez de usarem os exemplos padrão do livro didático.

Tal como foi mencionado anteriormente, o QECRL (Conselho da Europa, 2001) não faz qualquer referência a “materiais didáticos” e, consequentemente, também não é possível encontrar referências a “materiais didáticos criativos”. No entanto, ao longo das quase trezentas páginas do documento, identificámos 11 ocorrências de “criatividade” ou “criativo”. A primeira referência menciona que professores e outros envolvidos no ensino de PLE são responsáveis por decidir sobre conteúdos, textos, exercícios, atividades a usar no processo de ensino-aprendizagem e, para tal, devem usar tanto o seu juízo crítico como a criatividade. Existem também quatro referências a “escrita criativa” e duas a “textos criativos” no contexto de produção e/ou receção oral e escrita. Além disso, o documento refere a execução de tarefas que podem envolver “atividades linguísticas criativas” (como a pintura ou a escrita criativa) e “usos artísticos e criativos” da língua (produção e receção oral e escrita), destacando a sua importância por si só e em termos educativos, dando ainda exemplos de tipos de atividades: canções; reescrita ou reconto de histórias; audição, leitura, escrita ou narração oral de textos criativos, incluindo audiovisuais e banda desenhada, entre outros; representação de peças de teatro; produção e receção de textos literários. O NACCCE (1999) também faz várias referências ao longo do relatório *All our futures* ao papel das artes nas suas variadas formas (dança, música, pintura, etc.) para um processo de ensino-aprendizagem criativo.

Na secção “usos lúdicos da língua” do QECRL (Conselho da Europa, 2001), apesar de não existir uma referência direta à criatividade, consideramos que estes também podem relacionar-se com a criatividade: ou seja, o recurso ao jogo ou elementos lúdicos como forma de incorporação da criatividade em atividades ou materiais didáticos. O documento refere que o jogo tem de facto um papel importante na aprendizagem e desenvolvimento da língua, mencionando vários exemplos:

- i) *jogos sociais de linguagem*: orais (encontrar o erro); escritos (verdade ou consequência, força); audiovisuais (loto de imagens); jogos de cartas e de tabuleiro; mímica;
- ii) *atividades individuais*: adivinhas e enigmas (palavras cruzadas, anagramas); jogos mediáticos (quebra-cabeças, palavra puxa palavra); jogos de palavras; publicidade;
- iii) *trocadilhos e jogos de palavras*: publicidade (“um cigarro mal apagado pode apagar a floresta”); títulos de jornais (“noite consolada”, em referência ao lançamento de um álbum dos Beatles perto do Natal); graffiti (“Quem não tem nada não tem nada a perder”).

A associação que estabelecemos entre os usos lúdicos da língua ou o recurso ao jogo e a criatividade encontra eco na literatura (Fonseca, 1998; NACCCE, 1999; Tomlinson, 2009; Craft, 2011). Fonseca (1998) refere quatro áreas principais em que se observam manifestações criativas, entre elas o jogo³³, distinguindo entre jogos espontâneos (com uma finalidade lúdica) e jogos organizados (que implicam uma certa competição). O NACCCE (1999) também faz várias referências ao jogo e ao aspeto lúdico na sua relação com a criatividade, afirmando nomeadamente que a criatividade enquanto forma de aprendizagem “envolve uma abordagem lúdica refletida da aprendizagem através de ‘jogo’ experimental. Trata-se de jogo a sério que evoca, explora e desenvolve possibilidades e depois avalia-as e testa-as de forma crítica” (p. 93) (Anexo 1, 23). Tomlinson (2009) defende que os jogos (em particular os que envolvem movimento físico) facilitam a aquisição de LE e podem promover o desenvolvimento educacional, mencionando a existência de referências que exploram o valor do uso lúdico e criativo da língua. Finalmente, Craft (2011) discute a criatividade na educação, focando o papel do jogo e da componente lúdica na aprendizagem, nomeadamente no que diz respeito à gamificação digital.

Por oposição aos materiais didáticos criativos, como podemos, então, definir materiais didáticos convencionais ou não criativos? Cropley (1999a) constata que para haver criatividade é necessário fazer-se algo de forma diferente, desafiar as regras sociais e até inconformismo. Debruçando-se especificamente sobre a criatividade dentro da sala de aula, Torrance (1977) contrasta também criatividade com conformidade: se no primeiro caso se trata de ideias originais, um ponto de vista diferente ou uma forma nova de encarar um problema, já no segundo caso trata-se de fazer o que é expectável sem perturbar os outros. Tomlinson (2013) refere, ao avaliar um conjunto de manuais para o ensino de EFL, que raramente é pedido aos aprendentes que sejam criativos e que esses livros recorrem frequentemente a “exercícios práticos convencionais”, dando alguns exemplos: Verdadeiro/Falso; fazer a correspondência entre palavras e frases/imagens/significados; preenchimento de espaços; completar frases; *role-play*; trabalho a pares para comparar ideias. Concluimos que, por oposição aos materiais didáticos criativos, os materiais didáticos não criativos são aqueles que não se desviam do tradicional, do *status quo*, em que não existe inovação, originalidade ou imaginação e os quais podem ou não ter utilidade, um propósito ou finalidade, contribuindo em maior ou menor grau para a aprendizagem de uma LE. Contudo, elencar uma tipologia de materiais didáticos em função da sua vertente criativa afigura-se-nos uma tarefa subjetiva, nomeadamente porque não

³³ As outras áreas mencionadas pelo autor são a religião, a arte e a ciência ou tecnologia.

foram encontradas referências na literatura a esse respeito. O livro didático é convencional? Uma canção é por si só criativa? Sabemos, ainda assim, que certos recursos, como a arte ou jogo, surgem associados à criatividade e por extensão aos materiais didáticos. Outro recurso que se destaca cada vez mais na educação, incluindo de LE, são as novas tecnologias. O seu impacto, positivo e negativo, é inegável e estende-se à própria produção de materiais didáticos e ao aspeto criativo.

2.4 Materiais didáticos criativos na era digital

O séc. XXI caracteriza-se pelo aparecimento de uma variedade de novas tecnologias no nosso dia-a-dia. Telemóveis, computadores e Internet são apenas alguns exemplos presentes em todos os espectros da nossa vida, que causam impacto na forma como nos divertimos, trabalhamos, interagimos, comunicamos e também como aprendemos. No campo da educação, as novas tecnologias trazem potenciais perigos e desvantagens (NACCCE, 1999; Craft, 2011), mas abrem também novas formas de literacia (Craft, 2011), têm implicações não só no que ensinamos, mas também na forma como ensinamos (Cramond, 1999), incitando a reinvenção dos processos de ensino-aprendizagem: por um lado, as TIC permitiram o aparecimento de novos caminhos para o ensino à distância, por outro, trouxeram oportunidades para a integração de materiais didáticos digitais na sala de aula física. Sendo a inovação uma das características atribuídas à criatividade, como vimos mais acima, as TIC podem de facto ter um contributo notável para que esse aspeto seja posto em prática. Ainda assim, não devemos assumir que o uso da tecnologia por si só é uma mais-valia para o ensino-aprendizagem e para a produção de materiais didáticos mais criativos.

Entendemos para o propósito desta secção como materiais didáticos digitais aqueles que são produzidos e publicados (no sentido de serem acedidos, disponibilizados ou distribuídos) recorrendo a tecnologias digitais como a Internet ou outros *media*/dispositivos digitais (Vilaça, 2011). Incluem-se aqui tanto materiais que podem também ser disponibilizados através de um suporte físico (textos, imagens), como conteúdos com especificidades digitais (apresentações multimédia, ficheiros de áudio e vídeo, redes sociais, blogues).

Debruçando-nos mais uma vez no QECRL (Conselho da Europa, 2001), encontramos referências escassas e pouco detalhadas sobre o papel das TIC para o ensino-aprendizagem de PLE, sendo que estas focam a importância, contributo e potencial das novas tecnologias. Por outro lado, e apesar de ter sido redigido há quase duas décadas, o relatório do NACCCE (1999) presta grande atenção ao papel da tecnologia no ensino e à sua ligação à criatividade: i) as TIC

como parte do currículo escolar; ii) a literacia digital como exigência do mundo laboral e do dia-a-dia; iii) as implicações (positivas e negativas) do uso de novas tecnologias; iv) a necessidade de integração das TIC no processo de ensino-aprendizagem; v) as oportunidades criativas trazidas pela tecnologia. O documento defende também que as TIC tornam os processos criativos mais fáceis no que diz respeito à expressão artística: programas para a composição musical, animação computadorizada, gráficos digitais, entre outros. Estas oportunidades digitais abrem novas formas de prática criativa que devem ser tidas em consideração no ensino-aprendizagem.

“O valor potencial dos avanços tecnológicos não está apenas no uso dos aparelhos e aplicações em si, mas também na criação de novas formas de aprendizagem e trabalho em que a tecnologia é um catalisador para um pensamento inovador, bem como um meio para comunicar e desenvolver novas ideias e artefactos” (NACCCE, 1999, p. 150) (Anexo 1, 24).

Poderá o ambiente digital contribuir, então, para a criatividade nos materiais de ensino de LE? Na secção anterior mencionámos o aspeto lúdico e o recurso ao jogo no âmbito da produção de materiais didáticos criativos e, de facto, as novas tecnologias também vieram transformar esta área. “A criatividade oferecida e requerida pela tecnologia é inquestionável, não só ao nível da interação humano-tecnologia que conhecemos hoje em dia, mas potencialmente ao ponto de as relações entre humanos e máquinas poderem começar a desafiar o que consideramos humano” (Craft, 2011, p. 23) (Anexo 1, 25). Os defensores da aprendizagem através do jogo digital defendem que estes espaços lúdicos abrem de facto várias oportunidades à aprendizagem (Craft, 2011), estimulando a vertente lúdica e a interação social em contextos de “faz de conta” e sendo apropriados a diferentes idades. Não são, contudo, apenas os jogos os únicos facilitadores da criatividade no ensino com recurso ao digital.

“Os conteúdos gerados por utilizadores estão ativos nas nossas vidas em grande escala, do visionamento e interação com carregamentos de outras pessoas à produção e carregamento das nossas próprias gravações de eventos e ideias. Destas formas e de muitas outras, a tecnologia digital está integrada nas nossas vidas como nunca antes, fornecendo ferramentas e também uma forma de matéria-prima para ser moldada” (Craft, 2011, p. 23) (Anexo 1, 26).

Richards e Coterall (2016) também defendem, no âmbito do ensino-aprendizagem de LE, o recurso à tecnologia por parte do professor criativo, pois “o uso criativo da tecnologia na sala de aula pode apoiar o desenvolvimento da imaginação, resolução de problemas, tomada de risco e pensamento divergente por parte de professores e estudantes” (p. 36) (Anexo 1, 27). Os autores dão o exemplo da utilização de blogues no ensino de LE, quer pela sua leitura, análise e discussão, quer incitando os próprios estudantes a criarem e escreverem blogues. Outros exemplos de recursos digitais, que podem abrir oportunidades à exploração da interação, com elevadas possibilidades lúdicas e criativas são o Skype, *wikis*, *chats*, YouTube, plataformas de gamificação³⁴, redes sociais e *podcasts*³⁵.

Um estudo de caso (Chik, 2016) levado a cabo num curso de educação procurou explorar a criatividade através da utilização de meios digitais, centrando-se na análise do Ambiente e Processo³⁶ ao integrar a tecnologia para a aprendizagem e utilização de EFL. Foi proposto aos estudantes que em grupos elaborassem um vídeo sobre uma cidade, mas evitando focar aspetos turísticos e discutindo antes áreas como a literatura, gastronomia ou política. Além disso, os grupos não podiam recorrer ao PowerPoint, devendo usar o Google Maps para criar, por exemplo, uma visita virtual. No artigo, a autora relata e discute dois trabalhos resultantes do projeto, concluindo que este permitiu evidenciar os espaços para a criatividade no processo e impacto dos ambientes digitais, desafiando os estudantes a procurar soluções alternativas para a produção de conteúdos. “Quando foi pedido aos estudantes que adotassem a tecnologia, eles adaptaram os seus padrões operativos. Ao utilizar a ‘forma livre’ de um vídeo, os estudantes prestaram atenção a diferentes formas de expressão: o som, a escrita e o visual” (Chik, 2016, p. 192) (Anexo 1, 28).

Apesar destes exemplos concretos de integração digital em materiais didáticos criativos, o professor deverá, tal como com qualquer outro material, ter em mente as características concretas do grupo de aprendentes a quem se destina o material, nomeadamente prevendo as utilizações que estes fazem das TIC, de forma a que as novas tecnologias não sejam um entrave à aprendizagem, mas sim uma mais-valia. Para ilustrar esta questão, uma sondagem realizada em 2008 sobre a presença dos americanos *online* (Craft, 2011) mostrou que a maioria usa a

³⁴ Não se trata neste contexto de plataformas de aprendizagem de línguas *online* com recurso à gamificação, como o Duolingo, mas sim de plataformas de gamificação que os professores podem utilizar em sala de aula como material didático para a criação de atividades digitais com elevado potencial criativo e de interação, como por exemplo o Kahoot.

³⁵ A este propósito sugere-se a consulta do website do projeto PortCast, uma plataforma digital para o ensino-aprendizagem de PLE que disponibiliza *podcasts* com transcrições e exercícios, por tema e nível do QECRL (Conselho da Europa, 2001).

³⁶ Referência aos 4 P de Mel Rhodes (1961): Pessoa, Produto, Processo e Ambiente, já discutido no capítulo 1.

Internet, apesar de as formas de uso variarem conforme as gerações. Em geral, todos usam a Internet para consultar o e-mail, fazer pesquisas em motores de busca, compras, saúde e operações bancárias. No entanto, a geração mais jovem (18-32 anos) é a que usa mais a Internet para comunicar com amigos e família e para entretenimento (mensagens instantâneas, música, jogos, vídeos, blogues, redes sociais, *podcasts*).

As novas tecnologias convidam a uma elevada participação dos seus utilizadores, nomeadamente graças a aspetos como a imaginação, comunicação e produção cultural (Craft, 2011). Perante as ferramentas que a era digital põe à disposição de todos, os professores veem abrir-se perante si novas opções de produção de materiais didáticos e novas oportunidades de criatividade. Os próprios aprendentes podem assumir um papel mais proativo na execução de atividades, tornando-se também produtores de conteúdos. No entanto, alguns autores (Cramond, 1999; Craft, 2011; Vilaça, 2011) alertam que o novo paradigma implica também, por um lado, que os aprendentes estejam munidos de competências que lhes permitam avaliar a informação disponível e sintetizá-la de forma relevante e, por outro, que as questões pedagógicas, os aspetos tecnológicos (de produção, distribuição, interativos, multimédia), os interesses e as limitações digitais (dos aprendentes e/ou professores) sejam mais investigados para que a produção e utilização de materiais didáticos seja mais eficaz.

Capítulo 3. Estudo empírico

Neste capítulo damos a conhecer os resultados do nosso estudo empírico. Analisamos os dados quantitativos resultantes das respostas dos participantes a um inquérito, discutindo-os em função da literatura. Apresentamos ainda algumas relações entre as variáveis do estudo e as respostas ao questionário e correlações de significância estatística. Analisamos, por fim, as respostas abertas dos respondentes, que constituem a parte qualitativa deste estudo.

3.1 Pergunta de partida e objetivos

Como foi referido na Introdução desta dissertação, a **pergunta de partida** deste estudo é: **Qual é o papel da criatividade na produção de materiais didáticos para o ensino de PLE?**

Decorrente desta questão, definimos os seguintes objetivos:

Objetivo geral

- ✓ Conhecer práticas pedagógicas que permitam aferir a inclusão ou não da criatividade na produção de materiais didáticos.

Objetivos específicos

- ✓ Saber o que os professores de PLE entendem por materiais didáticos.
- ✓ Saber o que os professores de PLE entendem por criatividade nos materiais didáticos.
- ✓ Conhecer a opinião dos professores sobre a importância da criatividade na produção de materiais didáticos.
- ✓ Conhecer a opinião dos professores sobre os benefícios da criatividade nos materiais didáticos.
- ✓ Averiguar as práticas pedagógicas dos professores de PLE no âmbito da utilização e produção de materiais didáticos.
- ✓ Apresentar recomendações que possam estimular nos professores a produção de materiais didáticos criativos.

3.2 Metodologia

Para a elaboração deste estudo empírico tomámos como ponto de partida um estudo das investigadoras Azevedo e Moraes (2009), sobre perceções de professores de várias áreas (artes, ciências e humanísticas) do ensino básico e secundário acerca da criatividade em aprendentes e professores.

De forma a ser possível alcançar um número mínimo relevante de participantes no estudo, optámos pelo inquérito³⁷ como instrumento de recolha de dados, o qual foi elaborado com recurso a uma plataforma digital (Formulários do Google®) e difundido através da Internet (por e-mail e através da sua publicitação em meios digitais). As respostas ao inquérito foram recolhidas entre 27 de dezembro de 2017 e 27 de janeiro de 2018.

Na introdução ao questionário do estudo foram explicitados aos respondentes os objetivos, o enquadramento da pesquisa, a estrutura do questionário, bem como lhes foi garantido o anonimato e absoluta confidencialidade dos dados recolhidos. O questionário era constituído por duas partes, sendo pedido aos respondentes que: na primeira parte, respondessem a alguns dados de caracterização pessoal; na segunda parte, se posicionassem sobre algumas afirmações sobre a criatividade no ensino de PLE, que os inquiridos deveriam avaliar numa escala de Linkert de 1 a 5, em que 1 significa “discordo totalmente”, 2 significa “discordo parcialmente”, 3 significa “não concordo nem discordo”, 4 significa “concordo parcialmente” e 5 significa “concordo totalmente”. A segunda parte era constituída por três blocos de afirmações e no final de cada um os respondentes poderiam justificar as suas respostas em perguntas abertas.

Tratando-se de uma pequena “amostra”³⁸ por conveniência, julgámos pertinente limitar a participação do estudo a professores de PLE de nacionalidade e língua nativa portuguesas que lecionam PLE em Portugal. Acreditamos assim ter uma maior uniformidade cultural e linguística que trará benefícios à análise dos dados recolhidos.

³⁷ O inquérito original pode ser consultado no Anexo 2.

³⁸ Utilizamos a designação *amostra* entre aspas porque não corresponde à definição do conceito amostra.

3.3 Caracterização dos participantes

Participaram neste estudo um total de 36 professores de PLE³⁹. Todos eram de nacionalidade e língua nativa portuguesas e constituíram uma “amostra” aleatória por conveniência. A maioria dos respondentes eram do sexo feminino (n=26; 72%). A média de idades dos respondentes foi de 40 anos, enquanto que a mediana se situou nos 38 anos, sendo a idade mínima dos respondentes de 28 anos e a máxima de 68 anos. Em termos de distribuição geográfica, a grande maioria dos inquiridos (n=30; 83%) leciona PLE no distrito de Lisboa e os restantes dão aulas nos distritos de Aveiro, Leiria, Porto, Santarém, Setúbal e Viseu, respetivamente 1 respondente (2,8%) por distrito.

No que respeita às habilitações académicas, a maioria dos respondentes (n=21; 58%) possui um mestrado, seguido de licenciatura (n=6; 17%) e pós-graduação (n=6; 17%) e uma minoria (n=3; 8%) possui um doutoramento. A nível da área de formação dos professores, a distribuição é a seguinte: Línguas e Literaturas Modernas (n=13; 36%), Português Língua Estrangeira (n=7; 19%), Linguística (n=7; 19%), Estudos Portugueses (n=3; 8%), Filologia (n=3; 8%), Estudos Clássicos (n=1; 3%), Ciências da Educação (n=1; 3%) e História (n=1; 3%). Finalmente, em relação ao número de anos de ensino de PLE a média é de 10 anos e a mediana é de 9,5 anos, sendo que o número mínimo de anos é inferior a um ano e o número máximo é de 45 anos⁴⁰.

3.4 Instrumentos e procedimentos

Os participantes responderam a um questionário, elaborado pela autora deste estudo, com recurso a uma escala de Linkert de 5 pontos, em que 1 significa “discordo totalmente” e 5 significa “concordo totalmente”. Foram avaliadas um total de 22 afirmações, distribuídas por três blocos, acerca da perceção dos professores no âmbito do ensino de PLE sobre: i) conceito de materiais didáticos (criativos); ii) presença da criatividade nos materiais didáticos; iii) utilização e produção de materiais didáticos (criativos). No final de cada bloco, os professores tiveram ainda a oportunidade de responder a uma pergunta aberta no sentido de justificarem as suas respostas ao questionário. As afirmações apresentadas no questionário tiveram em conta

³⁹ Para dados detalhados sobre a caracterização da amostra, consultar o Anexo 3.

⁴⁰ Apesar de a pergunta referir explicitamente o número de anos de ensino de PLE, é possível que alguns respondentes, como o professor que afirma ter 45 anos de experiência, tenham referido a sua experiência global como docentes e não especificamente no ensino de PLE.

teorias sobre criatividade e materiais didáticos (ex. a criatividade é algo original e útil; os livros didáticos são o material didático por excelência; um material didático é algo que informe sobre a língua a ser aprendida; um material didático criativo pode aumentar a motivação de aprendentes e professores).

O tratamento dos dados foi efetuado recorrendo à utilização do programa estatístico SPSS®, versão 25.0, e da folha de cálculo do Excel®. Procedemos, numa primeira fase, a uma análise descritiva de todas as variáveis, calculando médias e medianas para as variáveis numéricas e obtendo as frequências e percentagens das variáveis. No caso dos itens da escala de Linkert, foram também calculadas as percentagens para cada resposta. Apesar de se tratar de uma “amostra” pequena, e cientes das limitações causadas por esse facto, cruzámos algumas variáveis de caracterização dos respondentes com as respostas aos itens do questionário. Foram ainda elaborados testes de significância estatística (Fisher, 1934) com recurso às correlações de Spearman ($p < 0,05$ e $p < 0,01$) entre itens. Considerámos valores $< 0,4$ como uma relação baixa, entre 0,5 e 0,6 como uma relação moderada e $> 0,7$ como uma relação elevada. Os resultados da análise dos dados quantitativos são apresentados através de tabelas e gráficos. Finalmente, procedeu-se, ainda, a uma análise de conteúdo das respostas abertas.

3.5 Análise e discussão dos resultados

Iniciamos o capítulo com a análise e discussão dos dados quantitativos do nosso estudo relativamente ao posicionamento dos respondentes aos itens da escala de Linkert⁴¹, com recurso a alguns gráficos ilustrativos e fazendo um paralelo com a teoria. Além disso, propomo-nos a apresentar algumas relações relevantes entre variáveis de caracterização dos respondentes e respostas aos itens da escala de Linkert e, ainda, algumas correlações de significância estatística de Spearman entre itens. Finalmente, analisamos os dados qualitativos do mesmo estudo.

3.5.1 Dados quantitativos: conceito de materiais didáticos (criativos)

Em relação à afirmação de que um material didático ajuda a ensinar a língua (ver gráfico 1), a maioria dos respondentes ($n=30$; 84%) concorda parcialmente ou totalmente, sendo que uma minoria se mostra indecisa ($n=6$; 17%) e nenhum dos respondentes discorda da afirmação. No entanto, quando questionados sobre se um material didático informa sobre a língua (ver

⁴¹ Para dados detalhados sobre as respostas aos itens de Linkert, consultar o Anexo 4.

gráfico 2), a percentagem de respondentes que concorda parcialmente ou totalmente com a afirmação desce para 64% (n=23), o número de indecisos sobe ligeiramente (n=8; 22%) e 14% (n=5) afirmam mesmo discordar parcialmente ou totalmente da afirmação. Se na primeira afirmação as respostas dos participantes parecem ir ao encontro da definição de Tomlinson (2010, citado em Vilaça, 2012), já no caso da segunda afirmação parece haver menos consenso, embora ainda assim a maioria dos respondentes vá ao encontro da teoria. Estes resultados confirmam, no entanto, a dificuldade referida por Vilaça (2009) sobre a compreensão do que é um material didático.

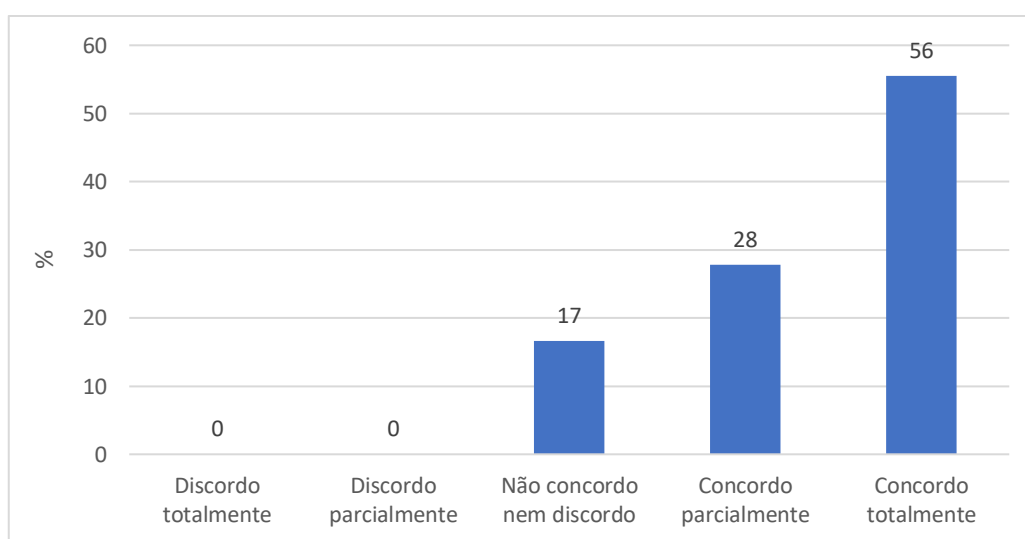


Gráfico 1. Um material didático ajuda a ensinar a língua

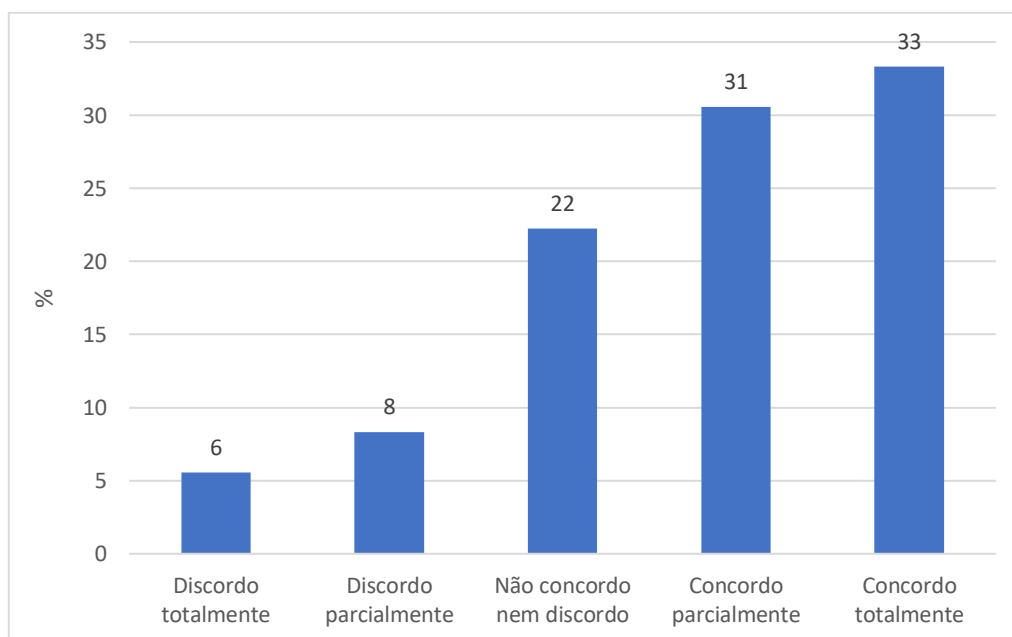


Gráfico 2. Um material didático informa sobre a língua

Em relação ao que define um material didático criativo (ver gráficos 3, 4, 5, 6 e 7), a maioria dos respondentes concorda parcialmente ou totalmente que este é original (n=23; 64%), útil (n=29; 80%), imaginativo (n=27; 75%), inovador (n=20; 56%) e apropriado (n=25; 69%). As respostas dos professores inquiridos parecem estar de acordo com o que a literatura (Mumford, 2003; Lubart, 2009; Martindale, 2009; Sternberg & Lubart, 2009; Sternberg & O'Hara, 2009; Sternberg & Sternberg, 2012) entende na generalidade por criatividade (“originalidade” e “utilidade”) ou outros critérios análogos (NACCCE, 1999; Nickerson, 2009; Runco & Jaeger, 2012), como “imaginação”, “inovação” e “adequação”. Estes resultados vão também ao encontro da definição que propusemos no capítulo 2 sobre o que é um material didático criativo.

Ainda assim, uma minoria de respondentes discorda parcialmente ou totalmente que um material didático criativo seja original (n=6; 16%), imaginativo (n=4; 11%), inovador (n=4; 11%) ou apropriado (n=2; 6%). De realçar também que nenhum inquirido afirmou discordar parcialmente ou totalmente que um material didático criativo seja útil. As dificuldades que alguns professores mostraram sobre a definição de material didático criativo vão de algum modo ao encontro do que Cropley (1999b) e Azevedo e Moraes (2009) referem sobre a incerteza de muitos professores acerca do que a criatividade significa na prática, bem como do que Coffey e Leung (2016) relatam sobre a subjetividade na interpretação do conceito de criatividade, por parte de professores de LE, limitada pela sua visão parcial e pessoal sobre o ensino e a aprendizagem de línguas.

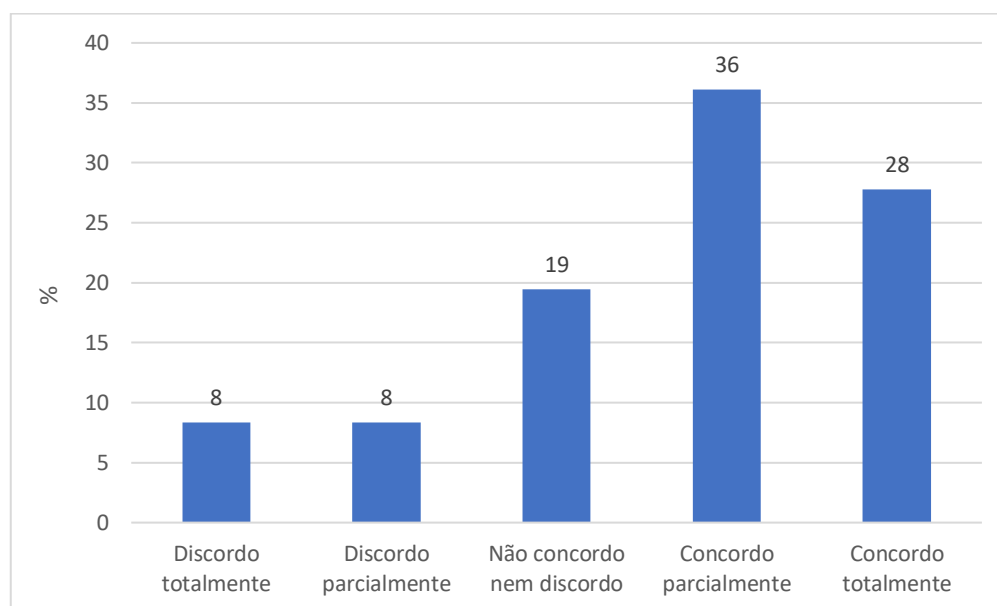


Gráfico 3. Um material didático criativo é original

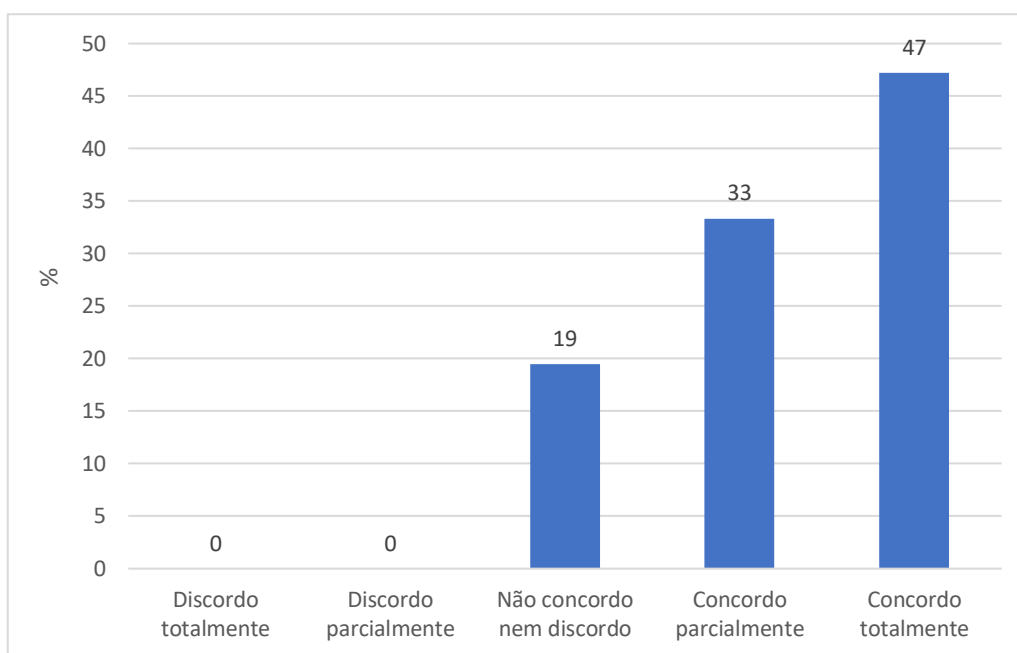


Gráfico 4. Um material didático criativo é útil

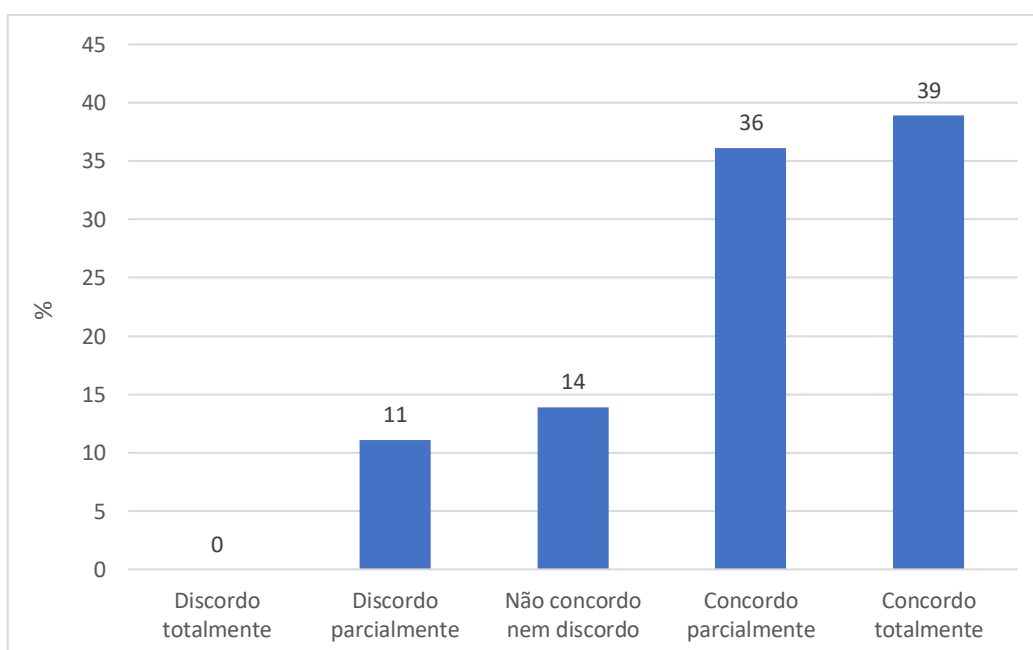


Gráfico 5. Um material didático criativo é imaginativo

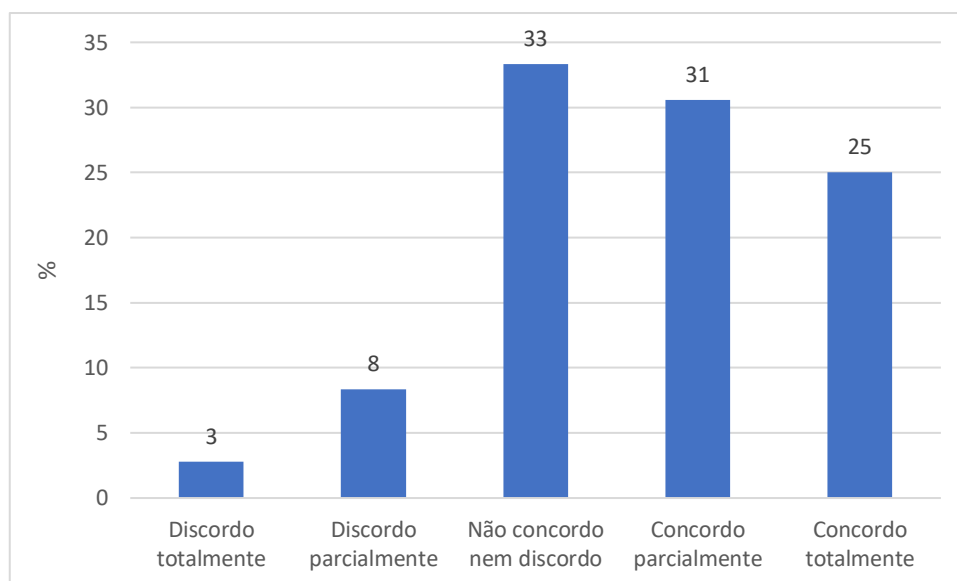


Gráfico 6. Um material didático criativo é inovador

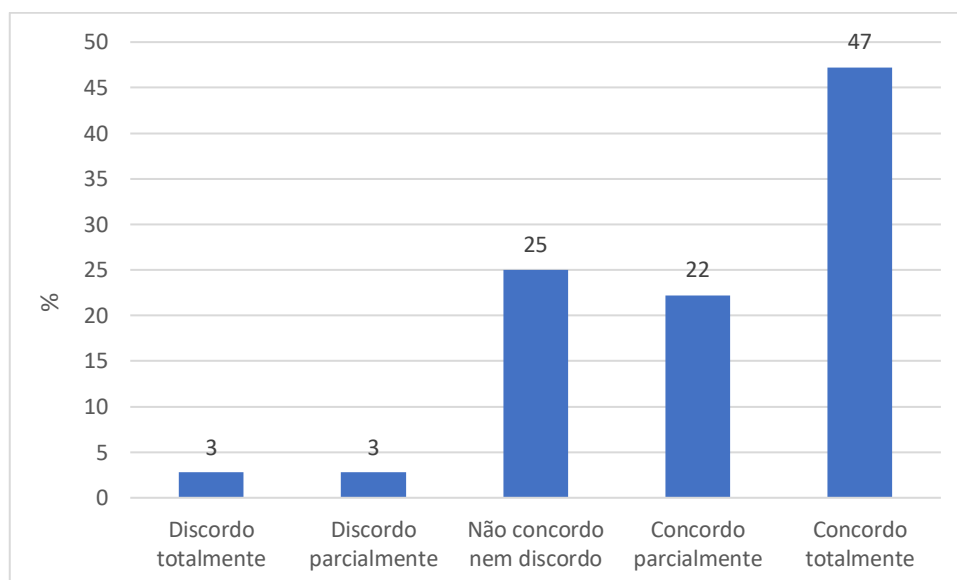


Gráfico 7. Um material didático criativo é apropriado

3.5.2 Dados quantitativos: presença da criatividade nos materiais didáticos

Quando questionados acerca da criatividade dos livros didáticos (ver gráfico 8), apenas uma minoria ($n=5$; 14%) dos inquiridos concorda parcialmente com a afirmação. Os professores parecem bastante indecisos acerca desta questão, com 47% ($n=17$) a não concordar nem discordar. Ainda assim, 39% ($n=14$) dos participantes afirmam mesmo discordar parcialmente ou totalmente que os livros didáticos sejam criativos. Apesar de a criatividade não ser focada nas análises de livros didáticos para o ensino de LE, os estudos de Tavares (2008) e Tomlinson

(2013) concluem que quanto aos aspetos analisados (ex. aplicação de princípios de SLA, conteúdos comunicativos, conteúdos culturais) a avaliação desses manuais é fraca a moderada. É possível que, se a criatividade também fosse um critério de avaliação, os resultados desses investigadores não fossem muito diferentes da percepção dos professores inquiridos no nosso estudo.

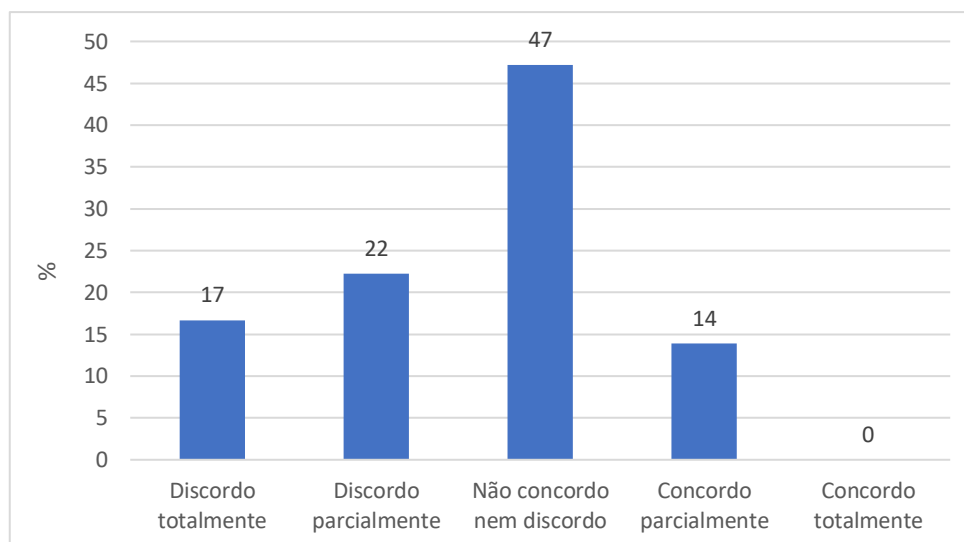


Gráfico 8. Em geral os livros didáticos são criativos

Os participantes associaram pouco a arte aos materiais didáticos criativos (ver gráfico 9), com apenas 31% (n=11) dos respondentes a concordarem parcialmente ou totalmente com a afirmação. Este resultado não vai ao encontro da suposição de que a criatividade está primeiramente associada às artes (Fryer, 2008), pelo menos quando colocamos esta última em relação aos materiais didáticos de ensino de PLE, nem de outras associações referidas noutros documentos (NACCCE, 1999; QECRL, 2001) entre as artes e a criatividade. No entanto, quando referimos a associação entre cultura e materiais didáticos criativos (ver gráfico 10), a maioria dos inquiridos (n=24; 67%) concorda parcialmente ou totalmente com a afirmação, levando-nos a concluir que, no âmbito dos materiais didáticos para o ensino de PLE, os professores veem primeiramente a cultura como um recurso criativo em detrimento das artes. Finalmente, quando questionados sobre se os materiais didáticos criativos recorrem ao jogo (ver gráfico 11), metade dos respondentes (n=18; 50%) concorda parcialmente ou totalmente com a afirmação e uma minoria (n=7; 19%) discorda parcialmente ou totalmente desta associação. Este resultado parece ir parcialmente ao encontro da articulação que estabelecemos no capítulo 2 entre criatividade e jogo com base na literatura (Fonseca, 1998; NACCCE, 1999; QECRL, 2001; Craft, 2011).

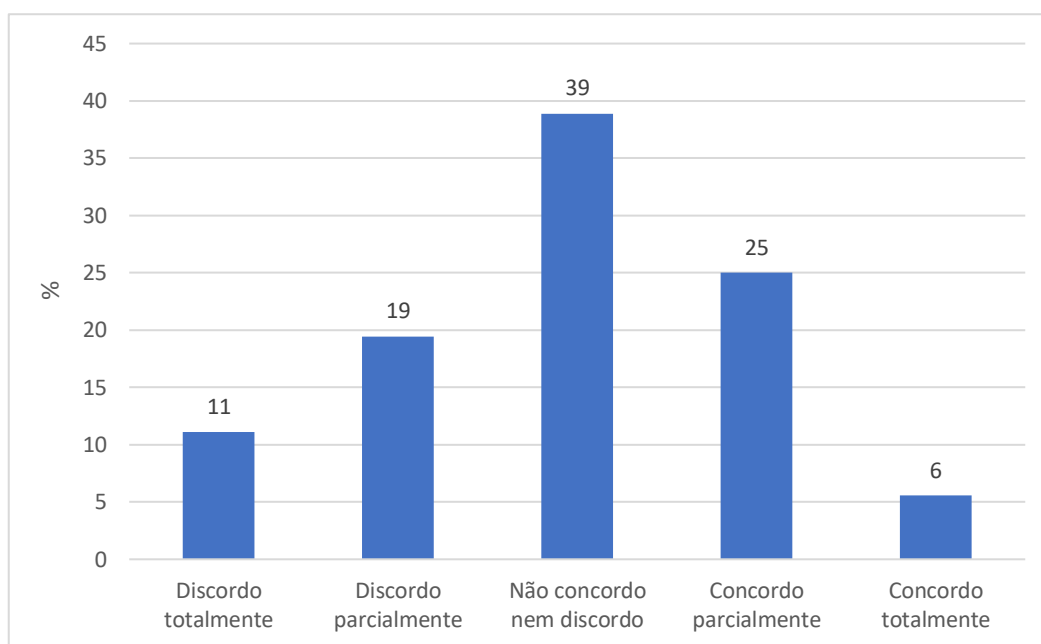


Gráfico 9. Os materiais didáticos criativos recorrem às artes

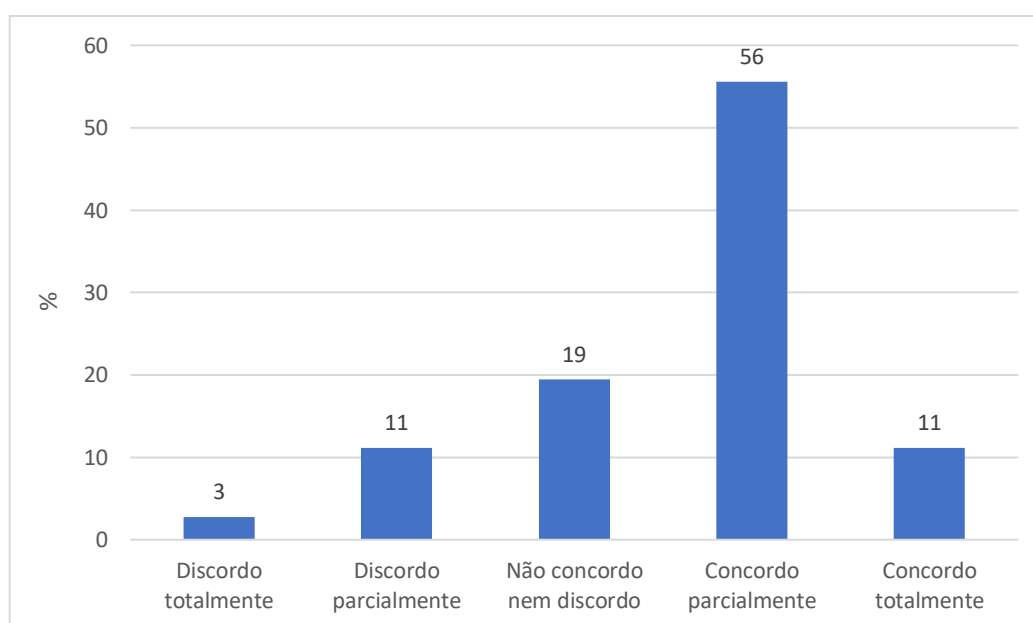


Gráfico 10. Os materiais didáticos criativos recorrem à cultura

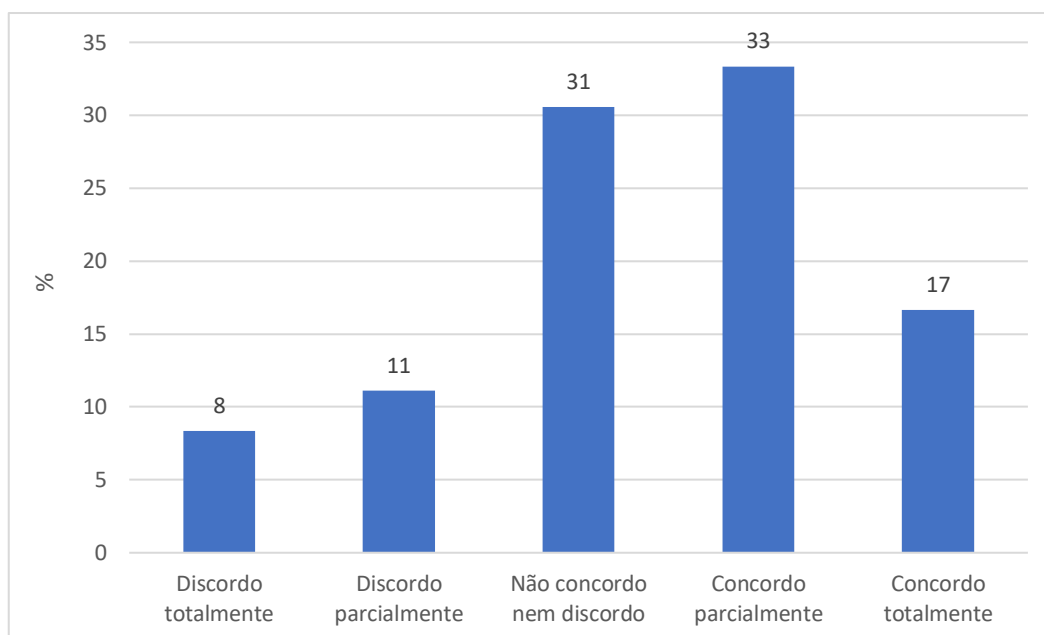


Gráfico 11. Os materiais didáticos criativos recorrem ao jogo

Relativamente à importância da criatividade nos materiais didáticos (ver gráfico 12), uma esmagadora maioria dos professores reconhece o seu valor ($n=31$; 86%), sendo que nenhum respondente discordou da afirmação. Isto vai claramente ao encontro do que a literatura (NACCCE, 1999; Richards, 2013; Richards & Cotterall, 2016) refere sobre a relevância da criatividade no campo da educação. Além disso, os participantes reconheceram ainda os benefícios associados à utilização da criatividade nos materiais didáticos para o ensino de PLE (ver gráfico 13, 14 e 15), a saber: i) motivam os aprendentes ($n=29$; 80%); ii) motivam os professores ($n=30$; 83%); iii) podem melhorar os resultados de aprendizagem ($n=32$; 88%). De referir ainda que nenhum participante discordou parcialmente ou totalmente destes benefícios, exceto na afirmação “os materiais didáticos criativos motivam os aprendentes”, em que um único respondente (3%) afirmou discordar parcialmente da afirmação. Estes resultados vão ao encontro de alguns benefícios referidos na literatura (Torrance, 1977; Torrance, 1993; Cropley, 1999b; Cramond, 2008; Richards, 2013; Richards & Cotterall, 2016) no âmbito de uma abordagem criativa ao ensino, nomeadamente em LE.

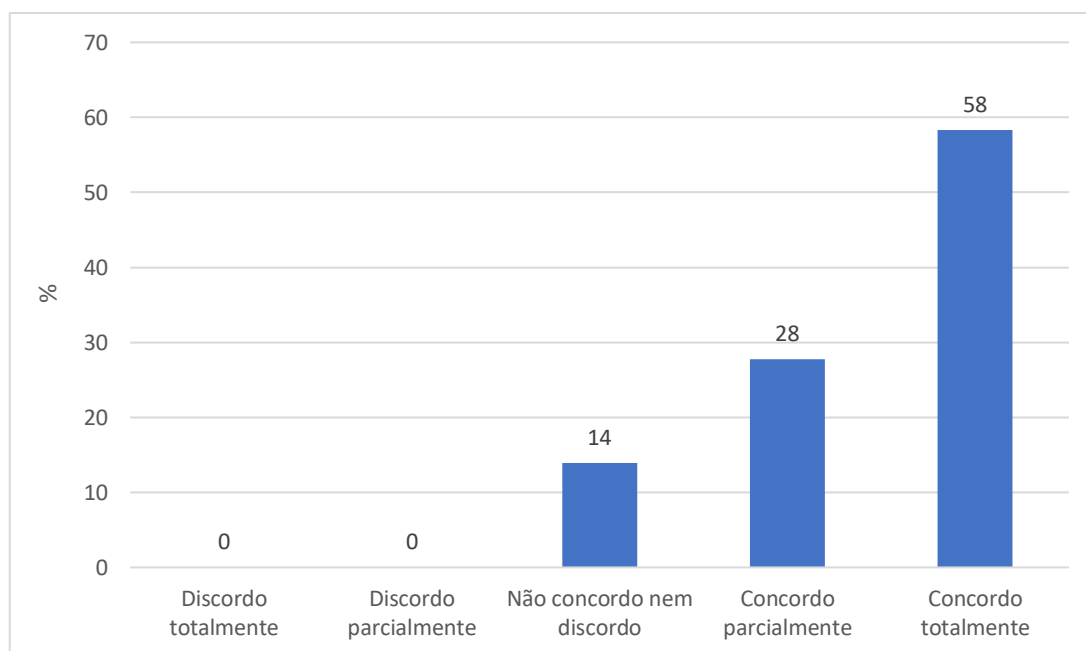


Gráfico 12. A criatividade nos materiais didáticos é importante

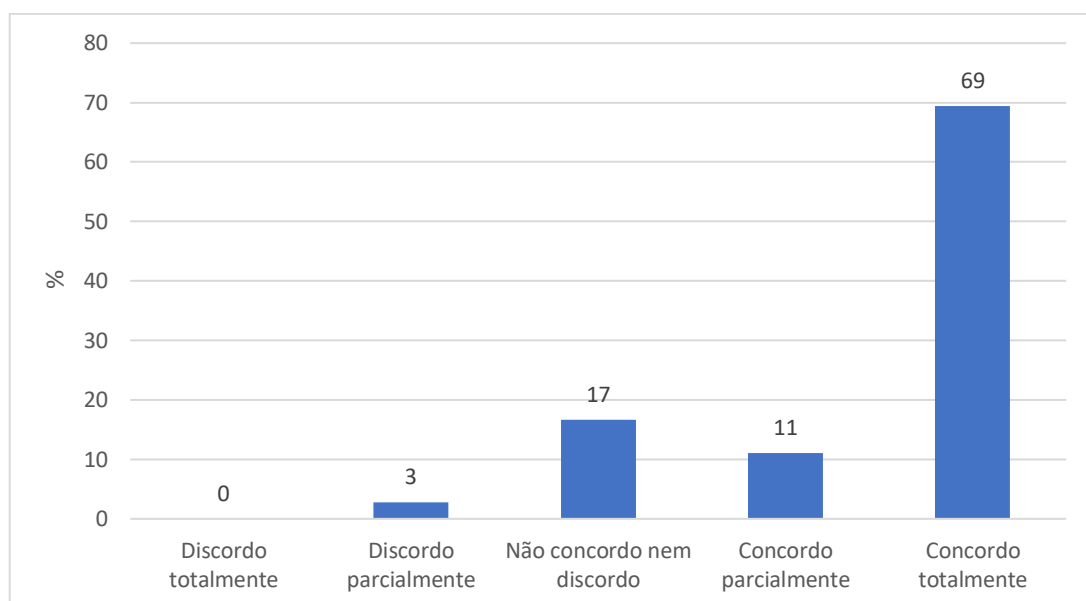


Gráfico 13. Materiais didáticos criativos motivam os aprendentes

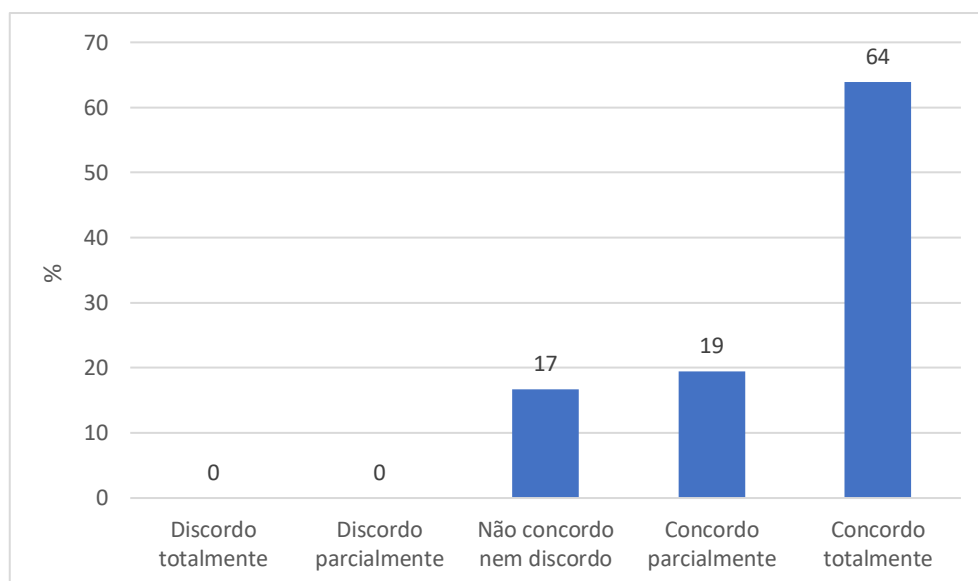


Gráfico 14. Materiais didáticos criativos motivam os professores

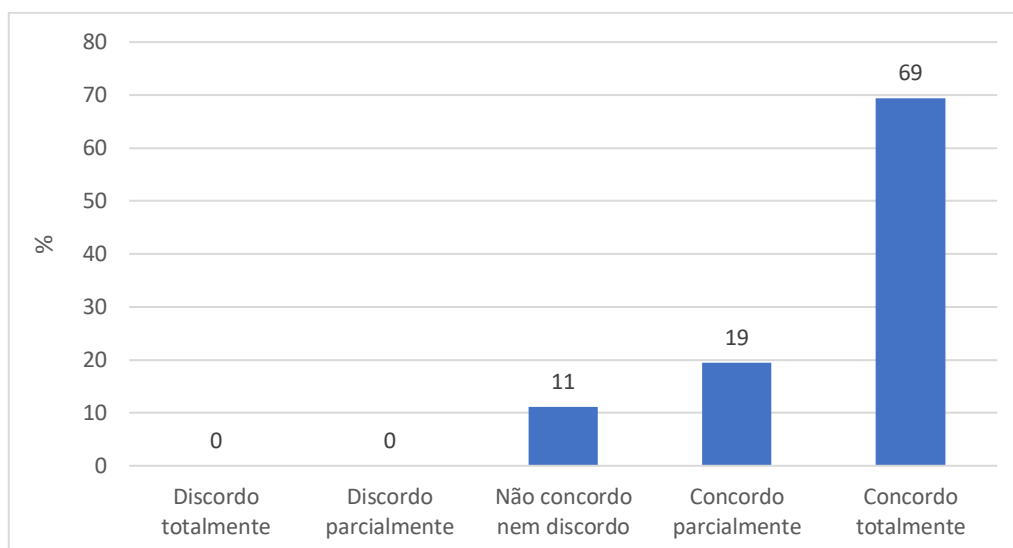


Gráfico 15. Materiais didáticos criativos podem melhorar os resultados de aprendizagem

3.5.3 Dados quantitativos: utilização e produção de materiais didáticos (criativos)

Relativamente às práticas pedagógicas dos professores que responderam a este inquérito (ver gráfico 16, 17 e 18), salientamos que menos de metade ($n=15$; 42%) utiliza o livro didático como principal material didático, sendo que a grande maioria ($n=32$; 89%) afirma ter por hábito recorrer a outros materiais didáticos. Quanto a preferências, uma minoria dos respondentes prefere usar o livro didático ($n=8$; 22%), sendo que quase metade ($n=16$; 44%) discorda parcialmente ou totalmente dessa afirmação. Estes dados opõem-se ao reconhecimento do livro

didático como o instrumento de aprendizagem mais utilizado na aula de LE que a literatura refere (Vilaça, 2009; Vilaça, 2012), sendo inclusivamente por vezes o único material nesse contexto (Coracini, 1999b, citado em Vilaça, 2009, p. 6). Acrescentamos ainda que quanto ao recurso a outros materiais além do livro didático, os resultados deste estudo estão em conformidade com o pressuposto de Vilaça (2009) e Tomlinson (2016) de que no ensino de LE a utilização de outros materiais didáticos que não o livro ou manual didático é uma prática comum, necessária e desejável.

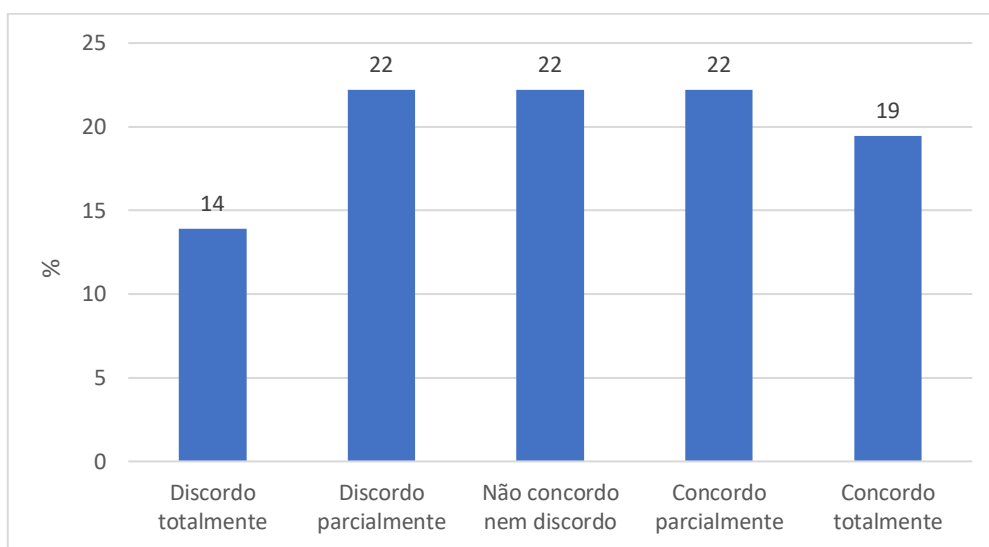


Gráfico 16. O material didático que mais utilizo é o livro didático

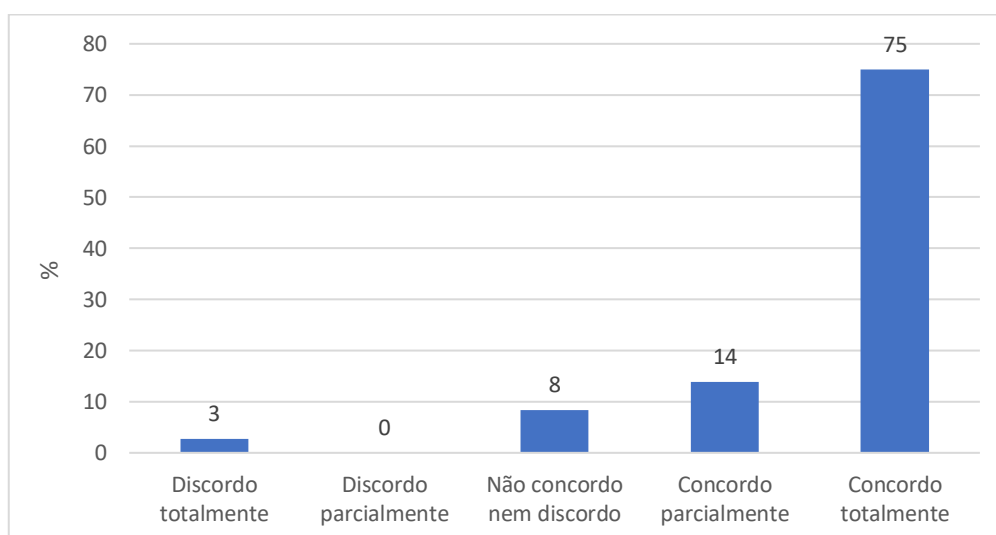


Gráfico 17. Costumo recorrer a outros materiais didáticos além dos livros didáticos

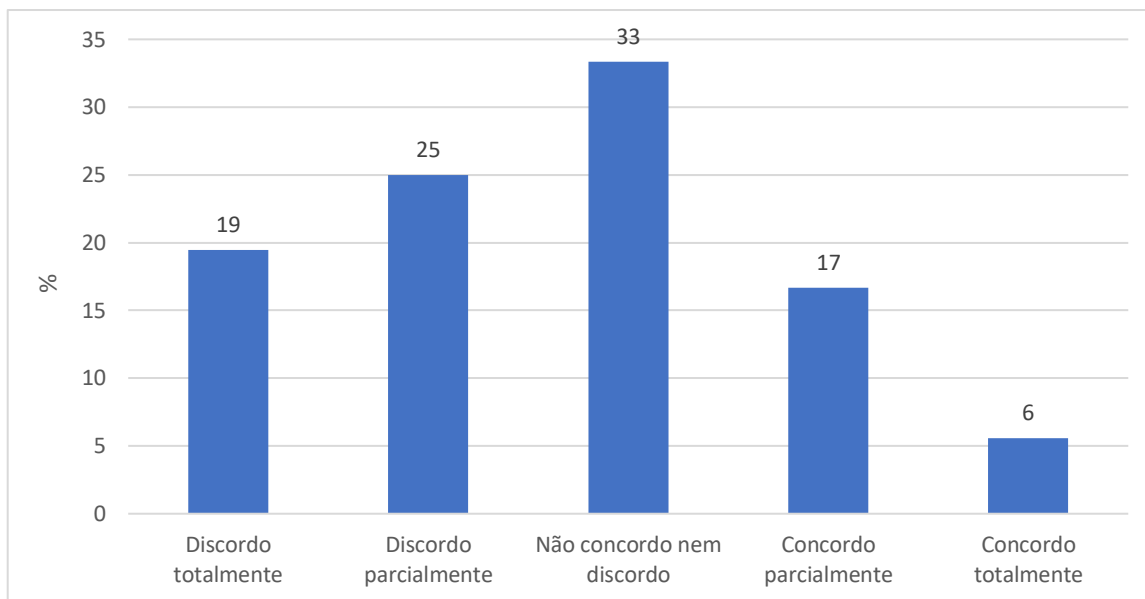


Gráfico 18. O material didático que prefiro utilizar é o livro didático

No que diz respeito à produção de materiais didáticos (ver gráfico 19), a maioria dos respondentes ($n=27$; 75%) afirma ter o hábito de produzir os seus próprios materiais, sendo que apenas uma minoria ($n=2$; 6%) revela não o fazer. Questionados sobre se têm em conta a criatividade quando produzem materiais didáticos (ver gráfico 20), mais uma vez uma significativa maioria dos participantes ($n=29$; 80%) respondeu de forma afirmativa e houve somente uma resposta discordante.

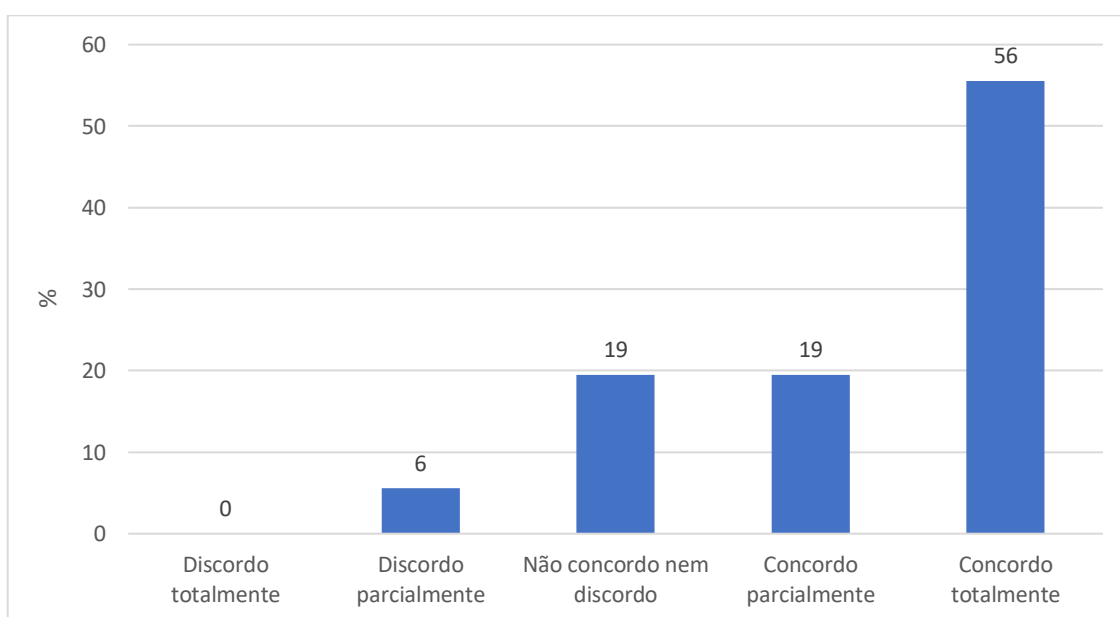
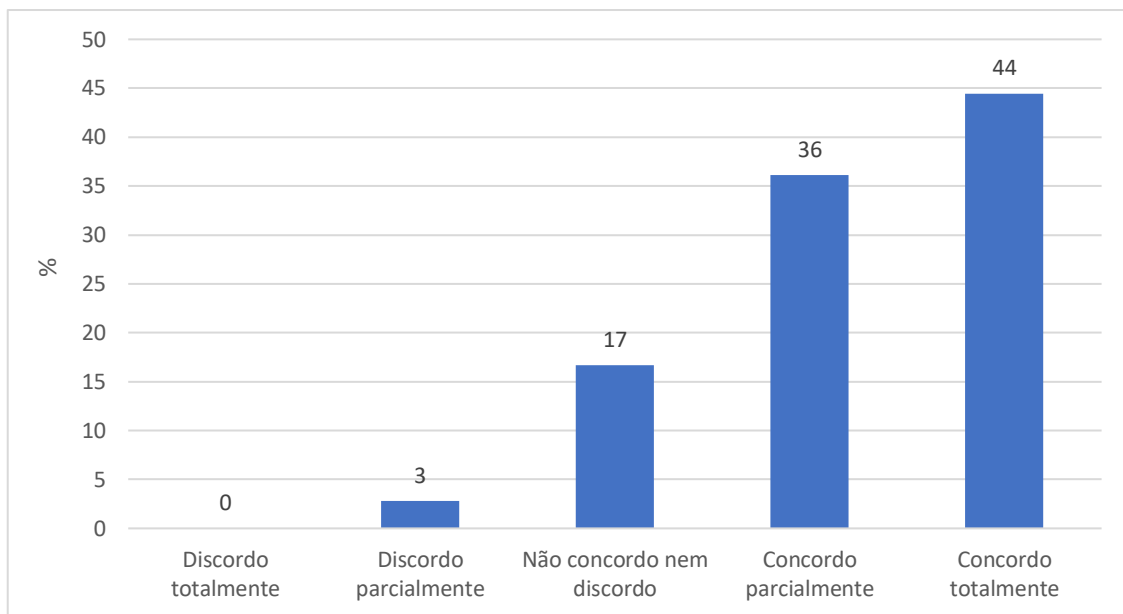


Gráfico 19. Costumo produzir os meus próprios materiais didáticos



**Gráfico 20. Quando produzo materiais didáticos
tenho em conta se são criativos**

Finalmente, os participantes foram convidados a manifestar-se acerca de alguns constrangimentos à criatividade na produção de materiais didáticos (ver gráfico 21 e 22). Questionados sobre se a falta de tempo os impedia de produzirem materiais didáticos criativos, metade ($n=18$; 50%) discordou parcialmente ou totalmente da afirmação, sendo que apenas 25% ($n=9$) reconheceu a falta de tempo como um constrangimento. Apesar de a teoria (Richards, 2013; Nelson, 2016) identificar a falta de tempo como um constrangimento à prática criativa, isso não parece afetar a maioria dos professores deste estudo.

Outro constrangimento que procurámos averiguar foi se os participantes não se sentiam suficientemente criativos para produzirem materiais didáticos criativos. No entanto, apenas uma percentagem reduzida dos respondentes ($n=4$; 11%) afirmou não se sentir suficientemente criativa, sendo que a grande maioria ($n=26$; 72%) não percecionou a falta de criatividade pessoal como um entrave à produção de materiais criativos. Estes resultados vão ao encontro do estudo de Azevedo e Moraes (2011) em que 78% dos respondentes se consideraram a si mesmos professores criativos, contra apenas 3% que discordaram da afirmação.

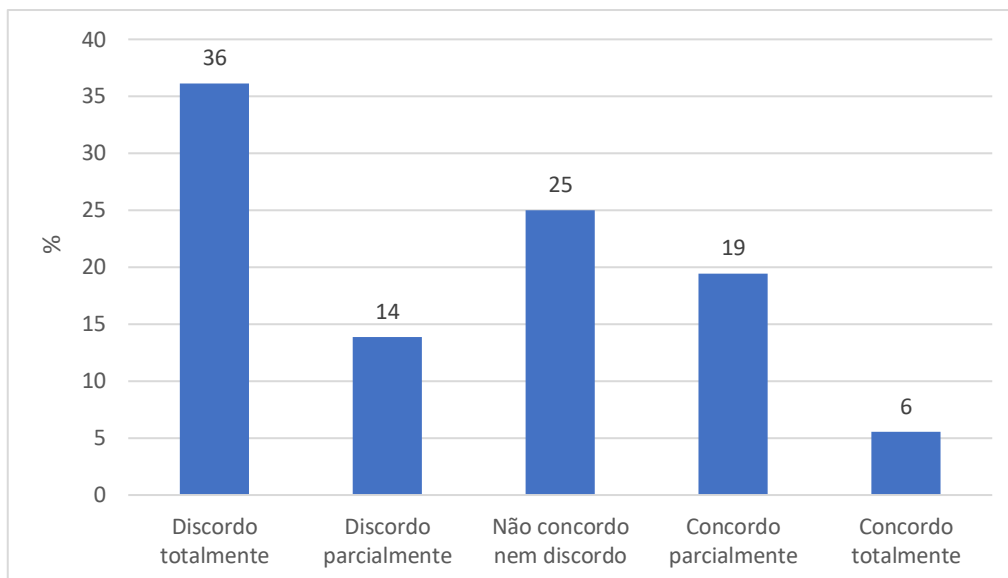


Gráfico 21. Não tenho tempo para produzir materiais didáticos criativos

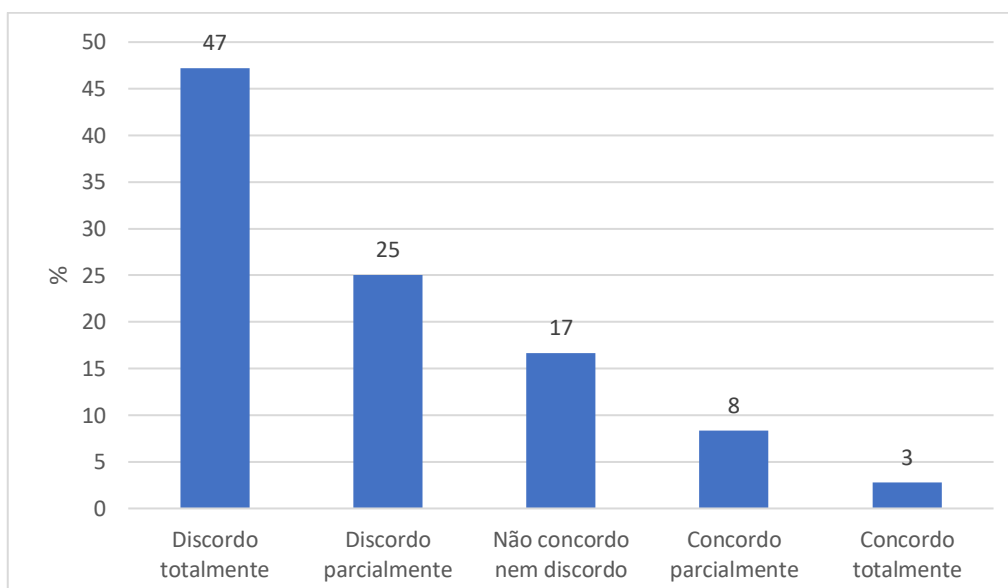


Gráfico 22. Não me sinto suficientemente criativo/a para produzir materiais didáticos criativos

3.5.4 Dados quantitativos: relações entre variáveis e itens

Analizados e discutidos os dados relativos às respostas dos participantes a cada item da escala de Linkert, procurámos explorar as relações entre algumas variáveis da “amostra” (idade, área de formação e anos de ensino de PLE) e as respostas a cada um dos itens⁴². Tratando-se de

⁴² Consultar os anexos 5 e 6 para informação detalhada.

uma “amostra” reduzida, estamos cientes das limitações que enfrentamos neste tipo de análise. Por exemplo, se tivermos apenas um professor da área de formação X, a sua resposta a qualquer um dos itens será a única a ter em conta nessa variável. O mesmo se passa se ao compararmos a resposta a um item, em função da variável idade, apenas um ou dois respondentes representarem todo o seu escalão. Ainda assim, cremos ser possível nalguns casos aferir resultados e será apenas sobre os que nos parecem mais evidentes, e de alguma forma relevantes, que iremos apresentar a análise que se segue.

Verificámos, relativamente aos escalões de idade, que todos os respondentes com idades compreendidas entre os 21 e os 30 anos concordaram ($n=4$; 100%) com as afirmações propostas para a definição de criatividade nos materiais didáticos (original, útil, imaginativo e apropriado), exceto na característica “inovador” em que um dos respondentes se mostrou indeciso. Nos outros escalões de idades as respostas tenderam a ser menos homogéneas.

Relativamente à importância e benefícios da criatividade nos materiais didáticos, notámos também que o escalão de respondentes com mais de 50 anos ($n=5$) foi aquele em que se verificou maior indecisão e uma taxa inferior de concordância relativamente às afirmações.

Quando confrontados com a afirmação que os livros didáticos são criativos, o grupo de respondentes com mais de 50 anos foi o único em que não houve nenhuma resposta discordante e também onde se verificou uma maior taxa de indecisos ($n=4$; 80%).

Relativamente à questão se têm em conta a criatividade ao produzir materiais criativos, os respondentes entre os 21 e os 30 anos foram os que concordaram mais com a afirmação ($n=4$; 100%) e os respondentes com mais de 50 anos foram os que concordaram menos ($n=3$; 60%) e também onde se registou um maior número de indecisos ($n=2$; 40%).

Se, por um lado, parece não haver uma relação entre a idade dos respondentes e a falta de criatividade para produzir materiais didáticos criativos, por outro, os professores com mais de 50 anos são aqueles que mais identificam a falta de tempo como um constrangimento à produção de materiais didáticos criativos ($n=3$; 60%).

Em seguida, analisámos as respostas dos professores tendo em conta a sua área de formação. No entanto, optámos por ignorar os casos em que $n=1$ representa o universo de formação, uma vez que não seria possível extrair daí qualquer informação pertinente e fidedigna.

Relativamente ao conceito de material didático criativo, todos os respondentes com formação em PLE ($n=7$) concordaram com os atributos associados (original, útil, imaginativo e apropriado), exceto na característica “inovador” em que um dos respondentes se mostrou

indeciso. Por sua vez, todos os participantes com formação em Filologia (n=3) discordaram do atributo “original”, mostrando-se indecisos (n=3) relativamente à característica útil, 66,7% (n=2) discordaram que um material didático criativo é imaginativo e os restantes 33,3% (n=1) não concordaram nem discordaram, 33,3% (n=1) dos respondentes discordaram quanto aos atributos “inovador” e “apropriado” e os restantes 66,7% (n=2) mostraram-se indecisos. Em termos de formação, este grupo apresenta as percentagens mais elevadas de discordância em todos os atributos e são o único grupo que não apresenta nenhuma resposta de concordância a nenhum dos atributos.

No que diz respeito à importância e benefícios da criatividade nos materiais didáticos, constatamos por um lado que os professores com formação em Línguas e Literaturas Modernas, PLE e Estudos Portugueses⁴³ concordaram com todas as afirmações (n= 23), exceto na referente à motivação dos professores, em que 1 dos respondentes formados em PLE se mostrou indeciso. Por outro lado, todos os respondentes com formação em Filologia (n=3) se mostraram indecisos relativamente à importância da criatividade nos materiais didáticos e aos seus benefícios. Finalmente, os professores formados em Linguística (n=7) também apresentam resultados que merecem a pena ser analisados: quanto à importância da criatividade, 14,3% (n=1) mostram-se indecisos, o segundo valor mais alto por área de formação; relativamente à motivação dos aprendentes 14,3% (n=1) discordam da afirmação (sendo a única resposta negativa em toda a “amostra”) e 28,3% (n=2) não concordam nem discordam; sobre a motivação de professores, 28,6% (n=2) não concordam nem discordam deste benefício, sendo o segundo valor mais alto por área de formação; sobre os benefícios da criatividade para a aprendizagem 14,3% (n=1) não concordam nem discordam.

À semelhança das variáveis anteriores cruzámos também o número de anos de ensino de PLE com alguns itens do questionário. No entanto, o número limitado de respondentes e a sua distribuição por essa variável não nos permitiu encontrar relações relevantes que merecessem qualquer destaque.

3.5.5 Dados quantitativos: Correlações significativas entre itens

Recorrendo às correlações de significância estatística de Spearman ($p < 0,05$ e $p < 0,01$), cruzámos todos os itens da escala Linkert do questionário aplicado para averiguar a existência

⁴³ As respostas dos participantes com formação em Estudos Clássicos, Ciências da Educação e História foram também neste sentido, mas como n=1 consideramos que não há qualquer relação relevante nesses casos.

de relações entre eles⁴⁴ e iremos em seguida comentar alguns dos resultados que nos parecem mais pertinentes.

Foram encontradas correlações positivas moderadas e elevadas entre os atributos dos materiais didáticos criativos “original”, “útil”, “imaginativo”, “inovador” e “apropriado”, como se pode constatar na tabela abaixo, sendo a mais elevada entre “imaginativo” e “apropriado” (0,82, $p < 0,05$). Isto significa, por exemplo, que ao considerar que um material criativo é imaginativo o respondente considera também que o mesmo é apropriado: associa os dois atributos ao conceito de material didático criativo para o ensino de PLE.

	Um material didático criativo é original	Um material didático criativo é útil	Um material didático criativo é imaginativo	Um material didático criativo é inovador
Um material didático criativo é útil	0,41**			
Um material didático criativo é imaginativo	0,72**	0,65**		
Um material didático criativo é inovador	0,73**	0,46**	0,64**	
Um material didático criativo é apropriado	0,64**	0,74**	0,82**	0,57**

** Correlação de significância estatística $p < 0,01$ * Correlação de significância estatística $p < 0,05$

Tabela 34. Correlação entre itens: conceito de material didático criativo

Outras correlações elevadas, expressas na tabela seguinte, são entre a importância dos materiais didáticos criativos e os benefícios da criatividade nos materiais didáticos, sendo que destacamos as seguintes relações: importância dos materiais didáticos e motivação dos aprendentes através de materiais didáticos criativos (0,83, $p < 0,05$); motivação dos aprendentes e motivação dos professores através de materiais didáticos criativos (0,86, $p < 0,05$); motivação dos aprendentes através de materiais didáticos criativos e possibilidade de melhoria dos resultados de aprendizagem através de materiais didáticos criativos (0,86, $p < 0,05$); motivação dos professores através de materiais didáticos criativos e possibilidade de melhoria dos resultados de aprendizagem através de materiais didáticos criativos (0,91, $p < 0,05$). Quanto

⁴⁴ No anexo 7 é possível consultar a tabela completa de correlações.

mais o participante concorda que a criatividade nos materiais didáticos é importante mais reconhece também cada um dos benefícios expressos no questionário.

	A criatividade nos materiais didáticos é importante	Materiais didáticos criativos motivam os aprendentes	Materiais didáticos criativos motivam os professores
Materiais didáticos criativos motivam os aprendentes	0,83**		
Materiais didáticos criativos motivam os professores	0,71**	0,86**	
Materiais didáticos criativos podem melhorar os resultados de aprendizagem	0,71**	0,86**	0,91**

** Correlação de significância estatística $p < 0,01$ * Correlação de significância estatística $p < 0,05$

Tabela 35. Correlação entre itens: conceito de material didático criativo

Verificámos ainda uma relação moderada entre a preferência pela utilização do livro didático e a percepção de que em geral o mesmo é criativo (0,59, $p < 0,05$) e uma relação elevada entre a preferência pela utilização do livro didático e o hábito de utilizar o mesmo (0,75, $p < 0,05$), como expresso na tabela abaixo. Por um lado, quanto mais os professores percecionam os livros didáticos como sendo criativos mais parecem preferir utilizá-los. Por outro, o hábito de utilizar o livro didático está ligado à preferência pela sua utilização.

	Em geral os livros didáticos são criativos	O material didático que mais utilizo é o livro didático
O material didático que mais utilizo é o livro didático	0,54**	
O material didático que prefiro utilizar é o livro didático	0,59**	0,75**

** Correlação de significância estatística $p < 0,01$ * Correlação de significância estatística $p < 0,05$

Tabela 36. Correlação entre itens: utilização e criatividade nos livros didáticos

Entre a importância atribuída à criatividade nos materiais didáticos e o hábito de produção de materiais didáticos criativos a relação encontrada é moderada (0,56, $p < 0,05$),

como expresso na tabela abaixo. Ou seja, existe uma tendência para o respondente ter em conta a criatividade ao produzir materiais didáticos em função da importância que atribui à criatividade nos materiais didáticos.

A criatividade nos materiais didáticos é importante	
Quando produzo materiais didáticos tenho em conta se são criativos	0,56**

** Correlação de significância estatística $p < 0,01$ * Correlação de significância estatística $p < 0,05$

Tabela 37. Correlação entre itens: Importância da criatividade e produção de materiais didáticos criativos

Quanto aos constrangimentos à produção de materiais didáticos criativos (tabela seguinte) verificamos também uma relação moderada entre a falta de tempo e a falta de criatividade do professor (0,64, $p < 0,05$), sendo que, tendencialmente, ambos os constrangimentos apontados à produção de materiais didáticos criativos variam em conformidade: quanto mais os professores identificam a falta de tempo como constrangimento, mais indicam também a falta de criatividade, e vice-versa.

Não tenho tempo para produzir materiais didáticos criativos	
Não me sinto suficientemente criativo/a para produzir materiais	0,64**

** Correlação de significância estatística $p < 0,01$ * Correlação de significância estatística $p < 0,05$

Tabela 38. Correlação entre itens: constrangimentos à produção de materiais didáticos criativos

Relativamente a correlações negativas, apenas uma merece o nosso destaque, como expresso na tabela abaixo. Verificámos uma correlação negativa moderada entre o hábito de produção de materiais didáticos criativos e a percepção de falta de criatividade pelo professor (0,59, $p < 0,05$): quanto menos criativo o professor se considera menor é o seu hábito de considerar a criatividade na produção de materiais didáticos.

	Quando produzo materiais didáticos tenho em conta se são criativos
Não me sinto suficientemente criativo/a para produzir materiais	-0,59**

** Correlação de significância estatística $p < 0,01$ * Correlação de significância estatística $p < 0,05$

Tabela 39. Correlação entre itens: produção de materiais didáticos criativos e falta de criatividade

Não foram encontradas correlações relevantes no que diz respeito aos hábitos de produção de materiais didáticos e à importância e benefícios da criatividade nos materiais didáticos, nem entre os hábitos e preferências de utilização do livro didático e esses mesmos atributos. Também não foi possível estabelecer relações entre a criatividade percebida pelos professores nos livros didáticos e as características associadas a materiais didáticos criativos (originalidade, utilidade, imaginação, inovação, adequação) nem entre o primeiro item e a importância e benefícios da criatividade nos materiais didáticos. Ainda assim, essas correlações poderiam ser consideradas expectáveis ao elaborarmos o questionário. A falta de relação pode ser consequência do número reduzido de participantes, estar relacionada com falta de clareza das afirmações ou pode simplesmente não existir uma correlação entre os itens.

3.5.6 Dados qualitativos

No final de cada bloco de afirmações foi dada aos respondentes a possibilidade de justificarem as suas respostas através de perguntas abertas⁴⁵. Dos 36 participantes do estudo, apenas 13 responderam às perguntas abertas. Desses 13 respondentes, nem todos responderam às três perguntas de resposta aberta: dois apenas responderam à primeira pergunta (Q4 e Q30), um só respondeu à segunda pergunta (Q27) e um (Q32) respondeu às duas primeiras perguntas, mas deixou a terceira em branco. Estes dados sugerem talvez indisponibilidade por parte dos professores para dedicarem mais tempo ao questionário, desconforto em comprometerem-se com respostas mais personalizadas ou até falta de vontade em revelarem o seu posicionamento em relação ao tema. De referir ainda que houve algumas respostas contraditórias que comprometeram a análise das mesmas: *“Embora um material didático criativo deva, sempre que possível, ser inovador, não considero que a inovação seja um atributo obrigatório para*

⁴⁵ A tabela com os dados qualitativos pode ser consultada no Anexo 8.

definir o conceito” (Q4 sobre o conceito de material didático). *“A improvisação sem material é uma qualidade que poucos têm, mas ter a base de um bom material é fundamental”* (Q15 sobre o conceito de material didático).

Sobre o conceito de material didático criativo, alguns professores mencionaram a sua dificuldade em definir/compreender o conceito e/ou em aceitar que os materiais criativos tenham de ser inovadores, uma vez que não necessitam de ser totalmente novos ou originais: *“se um determinado material funciona, então, pode ser replicado e modernizado”* (Q30). Um aspeto também várias vezes referido foi a necessidade de adaptação dos materiais didáticos criativos ao grupo de aprendentes, seja explorando temas do seu interesse, seja tendo em conta o seu nível de proficiência, faixa etária e necessidades. Os materiais didáticos criativos foram ainda identificados como uma excelente estratégia de ensino de PLE, como algo importante e necessário. Um dos respondentes (Q12) alerta ainda que um material pode ser criativo para o professor, mas insipiente para os alunos.

Quanto à importância e benefícios de materiais didáticos criativos, os respondentes referiram que estes podem favorecer a aprendizagem, são importantes *“para que os processos não sejam repetitivos e previsíveis”* (Q11) e *“são mais facilmente apelativos aos professores e aos aprendentes”* (Q32). Por outro lado, a criatividade não pode ser a única estratégia a utilizar, sendo necessário repensar as metodologias e não só os recursos e *“é preciso capacitar os professores para a sua utilização”* (Q12). Também foi mencionada novamente a questão da adequação dos materiais ao grupo-alvo (faixa etária e país de origem). Finalmente, alguns professores voltaram a expressar a sua dificuldade acerca do significado de criatividade no contexto de materiais didáticos para o ensino de PLE, sendo que *“reconhecer a criatividade depende do utilizador e do público a que se destina”* (Q33).

Relativamente ao último grupo de perguntas, e mais especificamente aos entraves para a produção de materiais didáticos criativos, alguns professores mencionaram a falta de tempo. *“O principal obstáculo à criação de materiais didáticos não é a falta de criatividade, mas a falta de tempo e de materiais de referência”* (Q14). Quanto aos hábitos de produção de materiais didáticos, vários respondentes salientaram a sua vontade de produzirem os seus próprios materiais, nomeadamente porque isso lhes permite adequá-los ao grupo de aprendentes. *“Produzir materiais é um importante desafio pois permite-me adequar a cada grupo-turma, a abordagens temáticas diferentes e atualizadas e em função dos objetivos programáticos preconizados, sobretudo de forma a estimular os alunos para posicionamentos mais críticos e dinâmicos em aula”* (Q12). Os professores mencionaram ainda que procuram produzir

materiais estimulantes, incluindo a nível visual. *“O processo tem de ser criativo e interessante para quem ensina e para quem aprende”* (Q11).

As respostas abertas do nosso questionário confirmam alguns dos resultados anteriormente analisados: dificuldades na definição de criatividade, reconhecimento da importância e benefícios de materiais didáticos criativos e produção de materiais pelos próprios professores. Por outro lado, alguns professores aproveitaram também para expressar a sua opinião quanto à importância da adequação dos materiais a vários fatores de índole interna do grupo alvo, bem como os constrangimentos de tempo para a produção de materiais criativos.

Conclusão e recomendações

A criatividade na educação, em particular no que concerne a área dos materiais didáticos para o ensino de LE, carece ainda de uma maior investigação, apesar de as últimas décadas terem conhecido significativos avanços. Esta questão contribui certamente para a dificuldade que alguns professores revelam quando se lhes pede que definam o conceito, o qual está sujeito a uma ampla variedade de fatores: *externos* – dependendo da área em que pretendemos abordar o conceito, segundo a corrente dos autores que o debatem, influenciado por épocas históricas e a própria cultura em que se insere; *internos* – devido à subjetividade e experiência do sujeito que procura definir o conceito.

Ainda assim, depois da revisão de literatura pertinente para a discussão, foi-nos possível definir, para efeitos do nosso estudo empírico, o conceito de materiais didáticos criativos como aqueles que podem ser usados para o ensino de uma língua e/ou para informar sobre a mesma, mesmo que a sua produção não tenha tido por objeto esse fim, e possuindo cinco características: i) originalidade; ii) imaginação; iii) utilidade; iv) adequabilidade; v) inovação.

Com a definição anterior em mente, analisámos e discutimos as percepções de professores de PLE tendo por base o que estipula a literatura e outros estudos existentes. Concluímos que o conceito de materiais didáticos criativos é entendido pela maioria segundo os critérios que definimos, mas ainda assim alguns professores mostram dificuldade em reconhecer a definição proposta, confirmando a subjetividade inerente ao conceito e que é discutida por alguns autores. Dever-se-á esta situação à complexidade e abrangência do conceito de criatividade? Será que o pouco investimento em estudos sobre criatividade, materiais didáticos para o ensino de LE e mais especificamente sobre criatividade nos materiais didáticos contribui para essa dificuldade?

Por outro lado, podemos concluir com segurança que a quase totalidade dos participantes reconhece a importância e os benefícios da criatividade nos materiais didáticos para o ensino de PLE. Isto contribui certamente para que a maioria dos professores tenha em conta esse aspeto ao produzirem os seus próprios materiais, sendo que constrangimentos como a falta de tempo ou de criatividade parecem afetá-los pouco significativamente. Não estamos certos se a valorização da criatividade nos materiais didáticos está diretamente ligada ao contacto dos professores com estudos científicos sobre a matéria, se é resultado da sua formação docente ou se é simplesmente fruto da sua prática letiva e sensibilidade pessoal para o tema.

Apesar de alguma homogeneidade das respostas ao questionário, verificámos que fatores como a idade e a área de formação influenciaram algumas respostas ao questionário. Por exemplo, os professores mais novos parecem mais seguros relativamente à definição de criatividade proposta, enquanto que nos outros escalões etários as respostas foram mais heterogéneas. Por outro lado, no que concerne à importância e benefícios da criatividade, os respondentes mais velhos foram os mais indecisos e os que concordaram menos com esses aspetos. A idade pareceu ainda influenciar a perceção dos livros didáticos como materiais criativos e o ter em conta a criatividade na produção dos próprios materiais didáticos. Estarão estes resultados ligados à formação e experiência dos professores em função da sua idade? Estarão os professores mais velhos menos sensibilizados para o papel da criatividade no ensino de LE?

Quanto à área de formação, se, por um lado, os professores com formação em PLE parecem concordar mais com os atributos associados ao conceito de criatividade, por outro, os professores da área de Filologia tenderam a discordar mais ou a mostrar-se mais indecisos do que os respondentes das outras áreas de formação. Também relativamente à importância e benefícios da criatividade nos materiais didáticos, verificámos que os participantes formados em Línguas e Literaturas Modernas, PLE e Estudos Portugueses foram os que se mostraram mais concordantes, enquanto que, novamente, os respondentes da área de Filologia foram os mais indecisos, seguidos dos formados em Linguística. Dever-se-á esta situação a uma excessiva formação teórica e científica nesses cursos? Haverá pouca valorização de aspetos como a criatividade nesses mesmos cursos?

Tendo em conta algumas dificuldades na definição de materiais didáticos criativos e apesar da grande maioria dos professores estar já ciente da importância e dos benefícios da criatividade no ensino de PLE, julgamos pertinente dar lugar à criatividade em ações de formação, conferências e currículos académicos, a fim de esclarecer e debater o conceito de criatividade no ensino de LE e sensibilizar ainda mais os professores para a sua importância e benefícios, apontando caminhos e dando pistas sobre como podem incorporá-la na sala de aula e, em particular, na produção e avaliação de materiais didáticos para o ensino de PLE.

A constatação de que existem grupos mais resistentes e discordantes sobre a criatividade nos materiais didáticos para o ensino de PLE, nomeadamente em função da idade e da área de formação dos respondentes, permite-nos avançar com uma proposta: repensar a formação destes profissionais em específico, os quais parecem ignorar que o seu contexto em sala de aula tem de ter em conta a criatividade como um dos aspetos englobantes do ensino-aprendizagem.

Ela tem de facto um papel fundamental não só nos objetivos de desempenho como também na formação integral do aprendente.

Apesar de julgarmos que esta dissertação contribui para uma compreensão geral do tema dos materiais didáticos criativos no ensino de PLE, alguns constrangimentos à pesquisa, como tempo, extensão, logística ou número reduzido de respondentes, não nos permitiram discussões mais aprofundadas sobre o tema. Será assim vital, e tendo em conta o relevante papel que a criatividade desempenha no processo de ensino-aprendizagem, instar investigadores a debruçarem-se sobre a temática e prosseguirem estudos que nos permitam continuar o debate e aumentar o nosso conhecimento. Consideramos que, por exemplo, seria útil desenvolver investigação sobre o uso da criatividade na produção de materiais didáticos, e a definição do conceito, abrangendo um maior número de respondentes. Isto poderá contribuir para um maior consenso entre os professores de LE sobre o conceito, diminuir a dificuldade que a sua definição coloca e ajudar a uma consequente aplicação da criatividade quando desenvolvem ou avaliam materiais didáticos para o ensino de LE.

Por outro lado, seria também pertinente investigar a temática do ponto de vista dos aprendentes, dando-lhes “voz” para que também eles nos ajudem, a nós professores e aos investigadores, a compreender que importância, benefícios e papel estes reconhecem à criatividade no seu percurso formativo em LE. Um dos caminhos seria inquiri-los para conhecer as suas perceções, como fizemos neste estudo do lado dos professores. Além disso, sugerimos que se faça investigação testando materiais didáticos concretos, quer para obter resultados relativamente à satisfação de professores e aprendentes, quer até possivelmente para medir resultados de aprendizagem, ambos benefícios associados à criatividade no processo de ensino-aprendizagem. Finalmente, debruçarmo-nos sobre a questão tendo em conta os estilos de aprendizagem e a forma como influenciam o sucesso da utilização de materiais criativos, seja a nível de satisfação, seja em termos de resultados de aprendizagem, poderia também trazer contributos pertinentes ao debate (cf. Sternberg & O’Hara, 1999; Sternberg & Lubart, 2009).

Apesar de todo o caminho que ainda urge percorrer, esperamos que esta dissertação contribua para o debate do papel da criatividade no ensino de PLE e para a consciencialização de docentes e investigadores acerca da sua pertinência. Desejamos, igualmente, que a área continue a conhecer a atenção merecida e isso se traduza em estudos que nos ofereçam novos dados para que possamos imbuir a nossa prática de ensino de materiais didáticos criativos.

Bibliografia e Sitografia

- Abra, J. & Abra, G. (1999). Sports and creativity. In M.A. Runco & S.R. Pritzker *Encyclopedia of creativity*, vol. 2. EUA: Academic Press, pp. 577-583.
- Associação Educativa para o Desenvolvimento da Criatividade: <http://criatividade.net>
- Azevedo, I. & Morais, M.F. (2008). Criatividade em contexto escolar: representações de professores dos ensinos básico e secundário. In M.F. Morais & S. Bahia *Criatividade: conceito, necessidades e intervenção*. Braga: Psiquilíbrios Edições, pp. 157-195.
- Azevedo, I. & Morais, M.F. (2009). *What is a creative teacher and what is a creative pupil? Perceptions of teachers*. s/l: Elsevier Ltd.
- Bahia, S. (2008). Promoção de Ethos criativos. In M.F. Morais & S. Bahia *Criatividade: conceito, necessidades e intervenção*. Braga: Psiquilíbrios Edições, pp. 229-252.
- Chik, A. (2016). Creativity and technology in second-language learning and teaching. In R.H. Jones & J.C. Richards *Creativity in language teaching: Perspectives from research and practice*. Nova Iorque: Routledge, pp. 180-195.
- Coffey, S. & Leung, C. (2016). Creativity in language teaching. In R.H. Jones & J.C. Richards *Creativity in language teaching: Perspectives from research and practice*. Nova Iorque: Routledge, pp. 114-129.
- Conselho da Europa (2001). *Quadro europeu comum de referência para as línguas: aprendizagem, ensino e avaliação*. Porto: Edições ASA.
- Conselho da Europa (2009). *Europa: novas fronteiras Nº 6 24/25. Os desafios da criatividade e inovação*. Lisboa: Princípia.
- Craft, A. & Jeffrey, B. (2004). Teaching creatively and teaching for creativity: distinctions and relationships. *Educational Studies*, 30:1, pp. 77-87.
- Craft, A. (2005). A universalização da criatividade. *Ensinar e Aprender no Novo Milénio – Cadernos de Criatividade*, Nº 6. Lisboa: Cadernos de Criatividade/AEDC, pp. 11-30.
- Craft, A. (2011). *Creativity and education futures: learning in a digital era*. Reino Unido: Trentham Books Ltd.
- Cramond, B. (1999). Creativity in the future. In M.A. Runco & S.R. Pritzker *Encyclopedia of creativity*, volume 1. EUA: Academic Press, pp. 423-425.
- Cramond, B. (2008). Creativity: An international imperative for society and the individual. In M.F. Morais & S. Bahia *Criatividade: conceito, necessidades e intervenção*. Braga: Psiquilíbrios Edições, pp. 13-40.

Cremin, T. (2009). Creative teachers and creative teaching. In A. Wilson *Creativity in primary education*. Exeter: Learning Matters, pp. 36-46.

Cropley, A.J. (1999a). Definitions of creativity. In M.A. Runco & S.R. Pritzker *Encyclopedia of creativity, volume 1*. EUA: Academic Press, pp. 511-524.

Cropley, A.J. (1999b). Education. In M.A. Runco & S.R. Pritzker *Encyclopedia of creativity, volume 1*. EUA: Academic Press, pp. 629-642.

Csikszentmihalyi, M. (2009). Implication of a systems perspective for the study of creativity. In R.J. Sternberg *Handbook of Creativity*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 313-335.

Dacey, J. (1999). Concepts of creativity: a history. In M.A. Runco & S.R. Pritzker *Encyclopedia of creativity, volume 1*. EUA: Academic Press, pp. 309-322.

Ellis, R. (2016). Creativity and language learning. In R.H. Jones & J.C. Richards *Creativity in language teaching: Perspectives from research and practice*. Nova Iorque: Routledge, pp. 32-48.

Estatuto da Carreira Docente:

www.spn.pt/Media/Default/Info/7000/300/30/1/ecd_consolidado_novembro2013.pdf

Fisher, R.A. (1934). *Statistical methods for research workers*. Edinburgh: Oliver and Boyd Ltd.

Fonseca, A. F. (1998). *A Psicologia da criatividade*. Porto: Universidade Fernando Pessoa.

Fryer, M. (2008). Creative teaching and learning in the UK: Early research and some subsequent developments. In M.F. Morais & S. Bahia *Criatividade: conceito, necessidades e intervenção*. Braga: Psiquilíbrios Edições, pp. 135-156.

Graves, K. (2016). Creativity in the curriculum. In R.H. Jones & J.C. Richards *Creativity in language teaching: Perspectives from research and practice*. Nova Iorque: Routledge, pp. 165-179.

Gruber, H.E. & Wallace, D.B. (2009). The case study method and evolving systems approach for understanding unique creative people at work. In R.J. Sternberg *Handbook of Creativity*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 93-115.

Guedes, T. (2000). *Criatividade precisa-se: na poesia, na narrativa e na área de projecto*. Lisboa: Caminho.

Leffa, V. J. (2007). *Produção de materiais de ensino: prática e teoria*. Pelotas: Educat.

Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei No 46/86, de 14 de outubro):

www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=1744&tabela=leis

- Lubart, T.I. (2009). Creativity across cultures. In R.J. Sternberg *Handbook of Creativity*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 339-350.
- Martindale, C. (2009). Biological bases of creativity. In R.J. Sternberg *Handbook of Creativity*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 137-152.
- Mayer, R.E. (2009). Fifty years of creativity research. In R.J. Sternberg *Handbook of Creativity*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 449-460.
- Miranda, L. & Almeida, L.S. (2008). Estimular a criatividade: O programa de enriquecimento escolar “Odisseia”. In M.F. Morais & S. Bahia *Criatividade: conceito, necessidades e intervenção*. Braga: Psiquilíbrios Edições, pp. 279-300.
- Monteiro, A.J. (1997). *Imaginação e criatividade no ensino da história: o texto literário como documento didático*. Lisboa: Associação de Professores de História.
- Moreira, M. & Freitas, D.M. (2009). *A criatividade como alavanca para uma melhor gestão desportiva*. Consultado a 19 de setembro de 2017: www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S1645-05232009000200003&script=sci_arttext&tlng=pt
- Morris, D. (1971). *A Biologia da arte*. Vila da Maia: Publicações Europa-América.
- National Advisory Committee on Creative and Cultural Education (NACCCE) (1999). *All our futures: creativity, culture and education*. Londres: DFEE.
- Nelson, C.D. (2016). Cultivating creative teaching via narrative inquiry. In R.H. Jones & J.C. Richards *Creativity in language teaching: Perspectives from research and practice*. Nova Iorque: Routledge, pp. 240-255.
- Nickerson, R.S. (2009). Enhancing creativity. In R.J. Sternberg *Handbook of Creativity*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 392-430.
- O’Quin, K. & Besemer, S.P. (1999). Creative products. In M.A. Runco & S.R. Pritzker *Encyclopedia of creativity, volume 1*. EUA: Academic Press, pp. 413-422.
- Piirto, J. (1999). Poetry. In M.A. Runco & S.R. Pritzker *Encyclopedia of creativity, vol. 2*. EUA: Academic Press, pp. 409-415.
- Portcast: <https://portcast.net>
- Ribeiro, A. (1997). *Projecto Cria-se: educar e formar para a criatividade*. Santa Maria da Feira: Rainho & Neves.
- Richards, J.C. (2013). Creativity in language teaching. *Iranian Journal of Language Teaching Research* 1(3), pp. 19-43.

- Richards, J.C. & Cotterall, S. (2016). Exploring creativity in language learning. In R.H. Jones & J.C. Richards *Creativity in language teaching: Perspectives from research and practice*. Nova Iorque: Routledge, pp. 97-113.
- Ripple, R.E. (1999). Teaching creativity. In M.A. Runco & S.R. Pritzker *Encyclopedia of creativity*, vol. 2. EUA: Academic Press, pp. 629-638.
- Romo, M. (2008). Criatividade en los dominios artístico y científico y sus correlatos educativos. In M.F. Morais & S. Bahia *Criatividade: conceito, necessidades e intervenção*. Braga: Psiquilíbrios Edições, pp. 65-90.
- Runco, M.A. (2008). Creativity and Education. *New Horizons in Education*, 56, pp. 96-104.
- Runco, M.A. & Albert, R.S. (2009). A history of research on creativity. In R.J. Sternberg *Handbook of Creativity*. Cambridge: Cambridge University Press, pp.16-31
- Runco, M.A. & Sakamoto, S.O. (2009). Experimental studies of creativity. In R.J. Sternberg *Handbook of Creativity*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 62-92.
- Runco, M.A. & Jaeger, G.J. (2012). The standard definition of creativity. *Creativity Research Journal*, 24 (1), pp. 92-96.
- Runco, M.A. (2014). “Big C, little c” creativity as a false dichotomy; reality is not categorical. *Creativity Research Journal*, 26 (1), pp. 131-132.
- Santos, M.C. (2005). Criatividade no processo ensino-aprendizagem – estratégias para a disciplina de ciências naturais. *Ensinar e Aprender no Novo Milénio – Cadernos de Criatividade*, Nº 6. Lisboa: Cadernos de Criatividade/AEDC, pp. 61-78.
- Silva, C.V. & Greco, P.J. (2009). A influência dos métodos de ensino-aprendizagem-treinamento no desenvolvimento da inteligência e criatividade tática em atletas de futsal. *Revista Brasileira de Educação Física, Esporte*, Vol. 23, Nº 3. São Paulo, pp. 297-307.
- Sousa, F. (2008). O ensino criativo como intenção de promover a comunicação professor-aluno. In M.F. Morais & S. Bahia *Criatividade: conceito, necessidades e intervenção*. Braga: Psiquilíbrios Edições, pp. 301-316.
- Sternberg, R.J. & O’Hara, L.A. (1999). Learning styles. In M.A. Runco & S.R. Pritzker *Encyclopedia of creativity*, vol. 2. EUA: Academic Press, pp. 147-153.
- Sternberg, R.J. & Kaufman, J.C. (2007). *Creativity*. Change: The Magazine of Higher Learning. 39 (4), Heldref Publications, pp. 55-60.
- Sternberg, R.J. & Lubart, T.I. (2009). The concept of creativity: prospects and paradigms. In R.J. Sternberg *Handbook of Creativity*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 3-15.

- Sternberg, R.J. & O'Hara, L.A. (2009). Creativity and intelligence. In R.J. Sternberg *Handbook of Creativity*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 3-15.
- Sternberg, R.J. & Sternberg, K. (2012). *Cognitive Psychology*. Estados Unidos da América: Wadsworth, Cengage Learning.
- Tavares, A. (2008). *Ensino/aprendizagem do português como língua estrangeira – manuais de iniciação*. Lisboa: Lidel.
- Tomlinson, B. & Masuhara, H. (2009). Playing to learn: A review of physical games in second language acquisition. *Simulation & Gaming*. 40 (5), Sage Publications, pp. 645-668.
- Tomlinson, B. (2010). Principles of effective materials development. In N. Harwood *Materials in ELT: Theory and Practice*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 81-108.
- Tomlinson, B. (2013). Second language acquisition and materials development. In B. Tomlinson *Applied Linguistics and Materials Development*. London: Bloomsbury Academic, pp. 11-29.
- Tomlinson, B. (2016). The importance of materials development for language learning in M. Azarnoosh, M. Zeraatpishe, A. Akram, H.R. Kargozari *Issues in materials development*. Rotterdam: Sense Publishers, pp. 1-9.
- Torrance, E.P. (1977). *Creativity in the classroom: what research says to the teacher*. Washington: National Education Association.
- Torrance, E.P. (1993). Understanding creativity: where to start? *Psychological Inquiry*. 4 (3), Lawrence Erlbaum Associates, Inc., pp. 232-234.
- Vilaça, M.L.C. (2009). O material didático no ensino de língua estrangeira: definições, modalidades e papéis. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*, Vol. VIII, pp. 1-14.
- Vilaça, M.L.C. (2010). Materiais didáticos de língua estrangeira: aspectos de análise, avaliação e adaptação. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*, Vol. VIII, pp. 67-78.
- Vilaça, M.L.C. (2011). Web 2.0 e materiais didáticos de línguas: reflexões necessárias. *Cadernos do CNLF*, Vol. XV, Nº 5, pp. 1017-1025.
- Vilaça, M.L.C. (2012). A elaboração de materiais didáticos de línguas estrangeiras: autoria, princípios e abordagens. *Cadernos do CNLF*, Vol. XVI, pp. 51-60.
- Vilaça, M.L.C. (2013). Livros didáticos de línguas e as novas tecnologias: reflexões e questões para avaliação e análise. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*, Nº XXXVIII, pp. 80-90.

Anexo 1

Abaixo encontram-se as citações originais utilizadas ao longo da dissertação.

1) “How can we possibly define creativity as a single construct that unifies the work of Leonardo da Vinci and Marie Curie, of Vincent van Gogh and Isaac Newton, and of Toni Morrison and Albert Einstein? There may be about as many narrow definitions of creativity as there are people who think about creativity” (Sternberg, & Sternberg, 2012, p. 479)

2) “It seems to be influenced by (...) developmental, social, and educational experiences, and it manifests itself in different ways in a variety of domains. The highest achievements in the arts are characterized by their creativity, as are those in the sciences. Creativity is also quite common in a wide range of everyday activities” (Runco, & Sakamoto, 2009, p. 62)

3) “Ancient views attributed the power of creativity to the muses. The gods were the source of creativity, endowing human beings with their transcendental powers. Creativity bore the elitist mark of divine ancestry” (Ripple, 1999, p.630)

4) “Such views are not supported by the evidence from research and are no longer respectable as the dominant model of human creativity. (...) Although there is a stream of thought that regards subsequent scientific approaches to the understanding of creativity more as a threat than a promise, it is clear that attributing creativity to divine intervention suffers from a paucity of ideas” (Ripple, 1999, p. 630)

5) “Beyond the conception of creativity, culture influences the manifestation of creativity in terms of the forms and domains of creativity, the limitation of creativity to certain social groups, and the effects of language on creativity” (Lubart, 2009, p. 342)

6) “this view in the sense that (...) is viewed as an insightful production achieved by an individual engaged in a working process with a finite beginning and end (...) in summary, modern views of creativity seem to echo cultural creation myths and may derive from them” (Lubart, 2009, p. 341).

- 7) “The mystical approaches to the study of creativity have probably made it harder for scientific psychologists to be heard. Many people seem to believe (...) that creativity is something that just doesn’t lend itself to scientific study, because it is a spiritual process” (Sternberg, & Lubart, 2009, p. 5)
- 8) “Through correlational studies and research contrasting high- and low-creativity samples (at both eminent and everyday levels) a large set of potentially relevant traits has been identified” (Sternberg, & Lubart, 2009, p. 8)
- 9) “So many variables must coincide in the right combinations for creativity to be manifested, that it is no wonder great creative accomplishments are rare” (Cramond, 2008, p. 17)
- 10) “Amabile (1983) describes creativity as the confluence of intrinsic motivation, domain-relevant knowledge and abilities, and creative-relevant skills” (Sternberg, & Lubart, 2009)
- 11) “The something could take many forms. It might be a theory, a dance, a chemical, a process or procedure, a story, a symphony, or almost anything else” (Sternberg, 2012, p. 479)
- 12) “Although they may not produce innovative (...) creativity, a high proportion of adults engage in the production of (at least for them) new ideas or products (...) Thus it is possible, in the sense of everyday creativity, to speak of creativity as a widely distributed characteristic seen in large numbers of people, although to a greater or lesser degree in different people” (Cropley, 1999, p. 515)
- 13) “We therefore define creativity as: Imaginative activity fashioned so as to produce outcomes that are both original and of value” (NACCCE, 1999, p. 29)
- 14) “It seems quite clear that their understandings and interpretations of the concept of creativity are at least partly shaped by their beliefs and values regarding the nature of language teaching and learning, effective pedagogy, and institutional requirements. And the different views appear to impact the ways in which they translate creativity into their practice” (Coffey, & Leung, 2016, p. 127)

15) “can help understand needs, misconceptions or even prejudice ideas, and to discern positive beliefs that should be reinforced; evaluating teachers conceptions of creativity can help consequently to establish better practices to foster creativity in classroom (Fryer, 1996; Newton & Newton, 2009)” (Morais & Azevedo, 2009:331)

16) “Learning a language may be a creative exercise because languages are so vast and complex, each user needs to combine elements of knowledge in new ways constantly” (Clarke citado em Ellis, 2016, p. 35-36)

17) “In making decisions of this kind, teachers draw on their subject-matter knowledge and their personal theories and principles as well as the practical knowledge developed from their teaching experience in making decisions of this kind” (Richards, & Cotterall, 2016, p. 97).

18) “Because without knowledge, imagination cannot be productive. Creativity does not mean making unfocussed and unprincipled actions. It does not mean making it up as you go” (Richards, 2013, p. 23)

19) “Formerly, our educational systems were geared almost totally to the development of the left hemisphere. The introduction of educational objectives which require creative thinking makes more use of the right hemisphere and should produce a greater amount of genuine learning” (Torrance, 1977, p. 22)

20) “their understanding and interpretation of this concept and to ask themselves, ‘how does creativity, as I understand it, promote language learning in my context?’ ‘And which aspect/s of the language learning would benefit from a focus on creativity?’” (Coffey, & Leung, 2016, p. 127)

21) “It can provide learners with contextual feedback, it helps to automatize language, it constitutes auto-input and it can elicit further comprehensible input too” (Tomlinson, 2013, p. 14).

22) “as inferencing, connecting, predicting and evaluating (...) they are more likely (...) to eventually acquire language and develop language skills than if they are restricted to using such low level decoding and encoding skills” (Tomlinson, 2013, p. 12).

23) “It involves a thoughtful playfulness learning through experimental 'play'. It is serious play conjuring up, exploring and developing possibilities and then critically evaluating and testing them” (NACCCE, 1999, p. 93).

24) “The potential value of technological advances is not just in using the devices and applications themselves, but also in creating new ways of learning and working where the technology is a catalyst for innovative thinking as well as a medium for communicating and developing new ideas and artefacts” (NACCCE, 1999, p. 150).

25) “The creativity offered and demanded by technology is indisputable, not only at the level of human-technology interaction known to us today but potentially where the relationships between humans and machines may begin to challenge what we consider it to be human” (Craft, 2011, p. 23).

26) “User-generated content is active in our lives on a vast scale, from viewing and engaging with other people’s uploads to making and uploading our own records of events and ideas. In these and many more ways, digital technology is integrated with our lives as never before, providing tools and also a form of raw material to be shaped” (Craft, 2011, p. 23).

27) “Creative use of technology in the classroom can support the development of imagination, problem-solving, risk-taking, and divergent thinking on the part of teachers and students” (Richards, & Coterall, 2016, p. 36).

28) “When students were required to adopt technology, they adapted their operation patterns. By utilizing the ‘free form’ of a video, students paid attention to different modes of expression: the sound, the writing, and the visual” (Chik, 2016, p. 192).

Anexo 2

Questionário original utilizado no estudo empírico desta dissertação.

Secção 1 de 3



Questionário para dissertação de mestrado

Este questionário constitui um dos instrumentos do estudo empírico da dissertação de Mestrado em Português Língua Segunda e Estrangeira em desenvolvimento na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa por Rita Almeida sob orientação da Professora Doutora Maria do Carmo Vieira da Silva.

O seu objetivo é recolher a opinião dos professores de PLE inquiridos acerca da criatividade no ensino de PLE e, em particular, sobre os materiais didáticos.

Este questionário é constituído por duas partes, sendo-lhe pedido que: na primeira parte, responda a alguns dados de caracterização pessoal; na segunda parte, ser-lhe-ão apresentadas algumas afirmações sobre a criatividade no ensino de PLE que deverá avaliar numa escala de 1 a 5, em que 1 significa "discordo totalmente", 2 significa "discordo parcialmente", 3 significa "não concordo nem discordo", 4 significa "concordo parcialmente" e 5 significa "concordo totalmente".

O preenchimento deste questionário demora cerca de 10 minutos e a informação recolhida é anónima e confidencial.

A sua participação é voluntária, podendo a qualquer momento desistir, mesmo tendo concordado com este termo de aceitação.

Para obter informação adicional sobre este estudo, por favor, entre em contacto com Rita Almeida (rita.almeida@campus.fcsh.unl.pt).

Termo de Aceitação



Ao seleccionar a opção "Concordo" estará a indicar que é professor de PLE, que leu integralmente o presente termo de aceitação, que compreendeu os procedimentos e as condições de participação, que participa de livre vontade neste questionário e que concorda que os dados obtidos sejam apresentados de forma completamente anónima e confidencial em apresentações públicas, congressos científicos e publicações.

- ☐ Concordo
- ☐ Não concordo

DADOS DEMOGRÁFICOS

Descrição (opcional)

Sexo *

☐ Feminino

☐ Masculino

Idade *

Texto de resposta curta

Nacionalidade *

☐ Portuguesa

☐ Outra

Língua nativa *

☐ Portuguesa

☐ Outra

Distrito ou região autónoma onde ensina PLE *

- ☐ Aveiro
- ☐ Beja
- ☐ Braga
- ☐ Bragança
- ☐ Castelo Branco
- ☐ Coimbra
- ☐ Évora
- ☐ Faro
- ☐ Guarda
- ☐ Leiria
- ☐ Lisboa
- ☐ Portalegre
- ☐ Porto
- ☐ Santarém
- ☐ Setúbal
- ☐ Viana do Castelo
- ☐ Vila Real
- ☐ Viseu
- ☐ Açores
- ☐ Madeira

Há quantos anos ensina PLE? *

Texto de resposta curta

Habilitações Académicas *

- ☐ Licenciatura
- ☐ Pós-graduação
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutoramento

Área de formação *

Texto de resposta curta

CRIATIVIDADE NO ENSINO DE PLE

Descrição (opcional)

Conceito de Material Didático *

Em seguida, serão apresentadas afirmações acerca do conceito de material didático para o ensino de PLE. Por favor, diga se concorda com cada afirmação utilizando uma escala de 1 a 5, em que 1 significa "discordo totalmente" e 5 significa "concordo totalmente".

	1	2	3	4	5
Um material didático ajuda a ensinar a língua.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Um material didático informa sobre a língua.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Um material didático criativo é original.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Um material didático criativo é útil.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Um material didático criativo é imaginativo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Um material didático criativo é inovador.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Um material didático criativo é apropriado.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Justifique as suas opções.

Texto de resposta longa

.....

Criatividade dos Materiais Didáticos *

Em seguida, ser-lhe-ão apresentadas afirmações acerca da sua opinião sobre a criatividade dos materiais didáticos no ensino de PLE. Por favor, diga se concorda com cada afirmação utilizando uma escala de 1 a 5, em que 1 significa "discordo totalmente" e 5 significa "concordo totalmente".

	1	2	3	4	5
Em geral, os livros didáticos são criativos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os materiais didáticos criativos recorrem às artes.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os materiais didáticos criativos recorrem à cultura.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os materiais didáticos criativos recorrem ao jogo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A criatividade nos materiais didáticos é importante.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Materiais didáticos criativos motivam os aprendentes.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Materiais didáticos criativos motivam os professores.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Materiais didáticos criativos podem melhorar os resultados de aprendizagem.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

...

Justifique as suas opções.

Texto de resposta longa

Utilização e Produção de Materiais Didáticos *

Em seguida, serão apresentadas afirmações acerca dos seus hábitos de utilização e produção de materiais didáticos para o ensino de PLE. Por favor, diga se concorda com cada afirmação utilizando uma escala de 1 a 5, em que 1 significa "discordo totalmente" e 5 significa "concordo totalmente".

	1	2	3	4	5
O material didático que mais utilizo é o livro didático.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Costumo recorrer a outros materiais didáticos além dos livros didáticos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O material didático que prefiro utilizar é o livro didático.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Costumo produzir os meus próprios materiais didáticos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quando produzo materiais didáticos tenho em conta se são criativos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não tenho tempo para produzir materiais didáticos criativos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não me sinto suficientemente criativo/a para produzir materiais didáticos criativos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Justifique as suas opções.

Texto de resposta longa

Muito obrigada pela sua colaboração!

Anexo 3

Tabelas e gráficos que ilustram a caracterização dos participantes.

Tabela 1. Distribuição por género

Género	N	%
Feminino	26	72
Masculino	10	28
Total	36	100

Gráfico 1. Distribuição por género

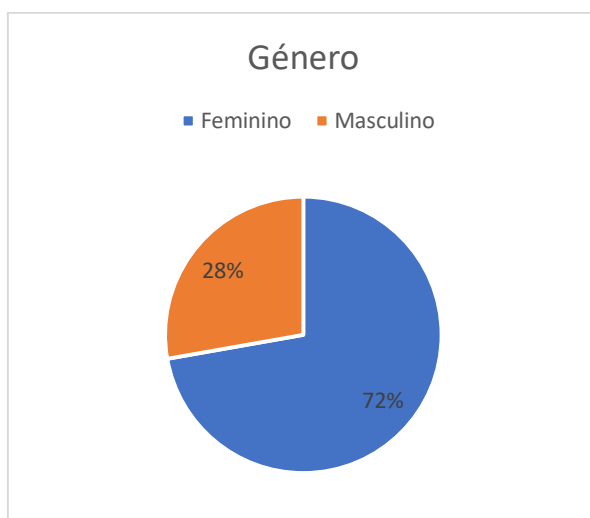


Tabela 2. Distribuição por escalões etários

Escalões etários (em anos)	N	%
21-30	4	11
31-40	21	58
41-50	6	17
> 50	5	14
Total	36	100

Tabela 3. Média e mediana de idades

Idade (em anos)	
Média	40
Mediana	38
Mínimo	28
Máximo	68

Gráfico 2. Distribuição por escalões etários

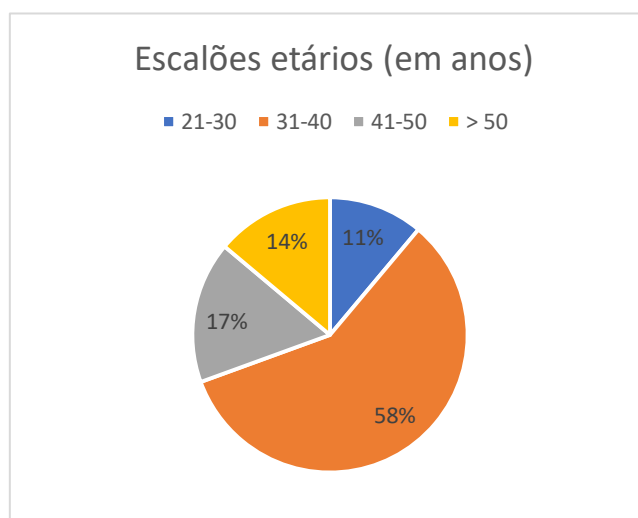


Tabela 4. Distribuição por distrito ou região autónoma onde ensina PLE

Distrito ou região autónoma	N	%
Aveiro	1	2,8
Leiria	1	2,8
Lisboa	30	83,3
Porto	1	2,8
Santarém	1	2,8
Setúbal	1	2,8
Viseu	1	2,8
Total	36	100

Gráfico 3. Distribuição por distrito ou região autónoma onde ensina PLE

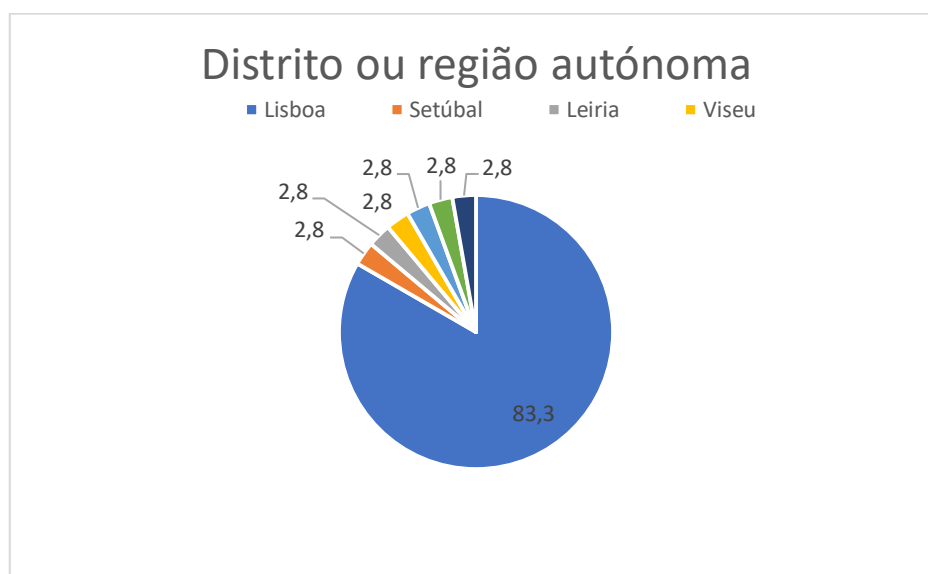


Tabela 5. Distribuição por habilitações académicas

Habilitações académicas	N	%
Licenciatura	6	17
Pós-graduação	6	17
Mestrado	21	58
Doutoramento	3	8
Total	36	100

Gráfico 4. Distribuição por habilitações académicas

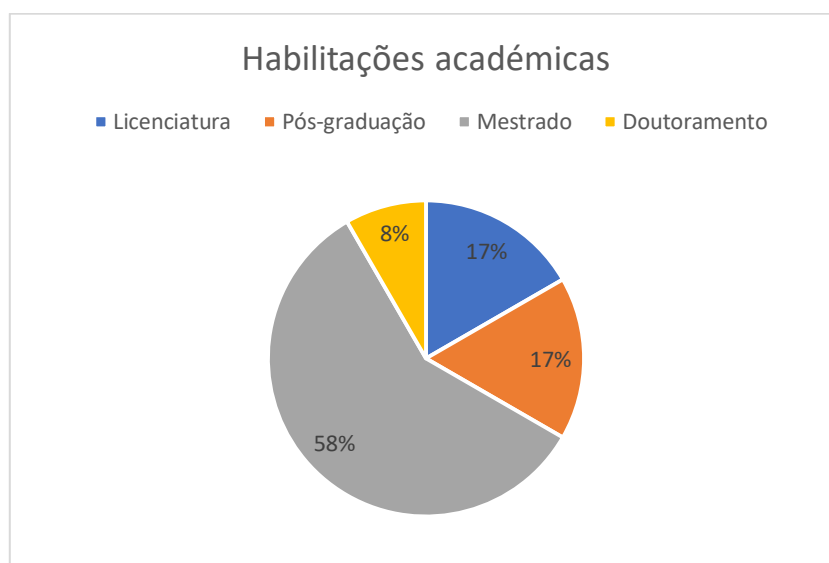


Tabela 6. Distribuição por área de formação

Área de formação	N	%
Línguas e Literaturas Modernas	13	36
Linguística	7	19
Português Língua Estrangeira	7	19
Estudos Portugueses	3	8
Filologia	3	8
Ciências da Educação	1	3
Estudos Clássicos	1	3
História	1	3
Total	36	100

Gráfico 5. Distribuição por área de formação

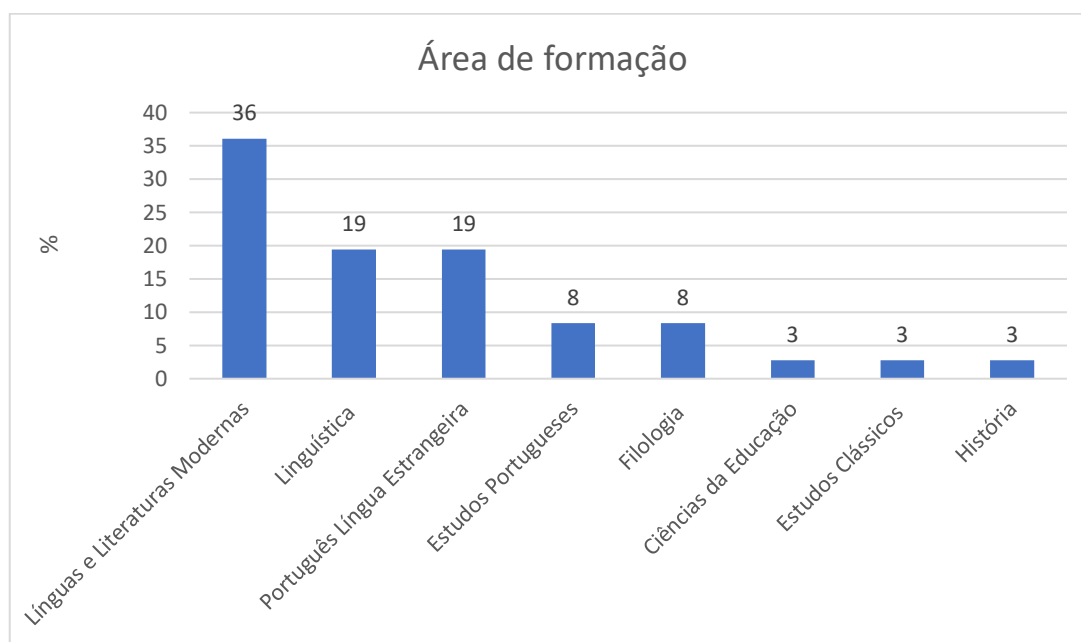


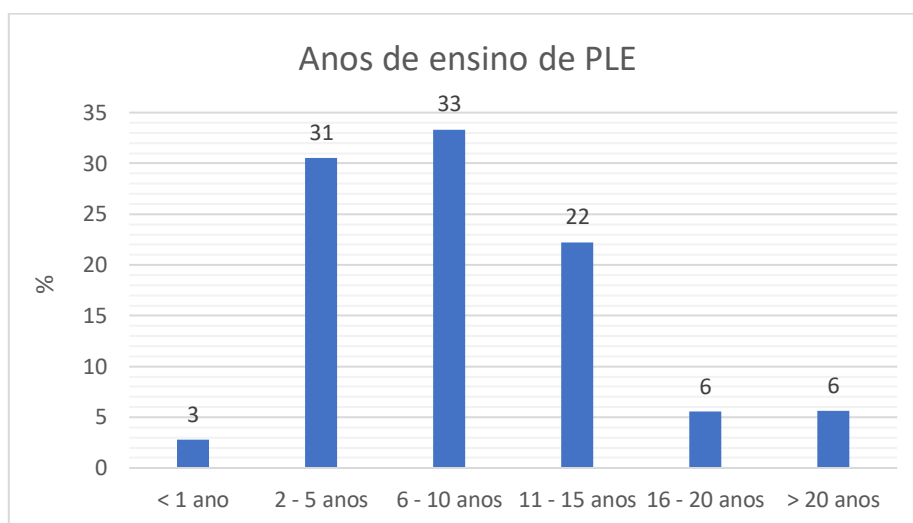
Tabela 7. Distribuição por anos de ensino de PLE

Anos de ensino de PLE (por escalões)	N	%
< 1 ano	1	3
2 - 5 anos	11	31
6 - 10 anos	12	33
11 - 15 anos	8	22
16 - 20 anos	2	6
> 20 anos	2	6
Total	36	100

Tabela 8. Média e mediana de anos de ensino de PLE

Anos de ensino de PLE	
Média	10
Mediana	9,5
Mínimo	0
Máximo	45

Gráfico 6. Distribuição por anos de ensino de PLE



Anexo 4

Tabelas e gráficos ilustrativos das respostas aos itens da escala de Linkert.

Tabela 9. Conceito de materiais didáticos (criativos) (n=36)

Resultados em percentagem					
	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Um material didático ajuda a ensinar a língua	0%	0%	17%	28%	56%
Um material didático informa sobre a língua	6%	8%	22%	31%	33%
Um material didático criativo é original	8%	8%	19%	36%	28%
Um material didático criativo é útil	0%	0%	19%	33%	47%
Um material didático criativo é imaginativo	0%	11%	14%	36%	39%
Um material didático criativo é inovador	3%	8%	33%	31%	25%
Um material didático criativo é apropriado	3%	3%	25%	22%	47%

Gráfico 7. Um material didático ajuda a ensinar a língua

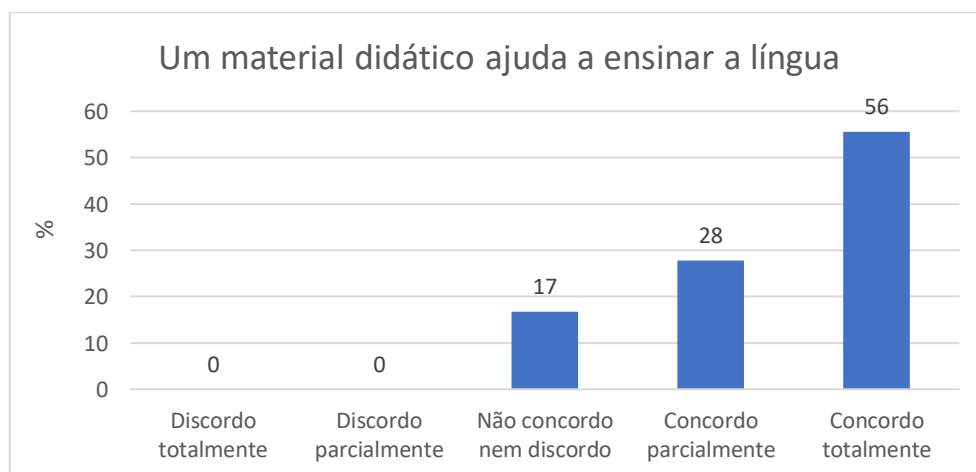


Gráfico 8. Um material didático informa sobre a língua

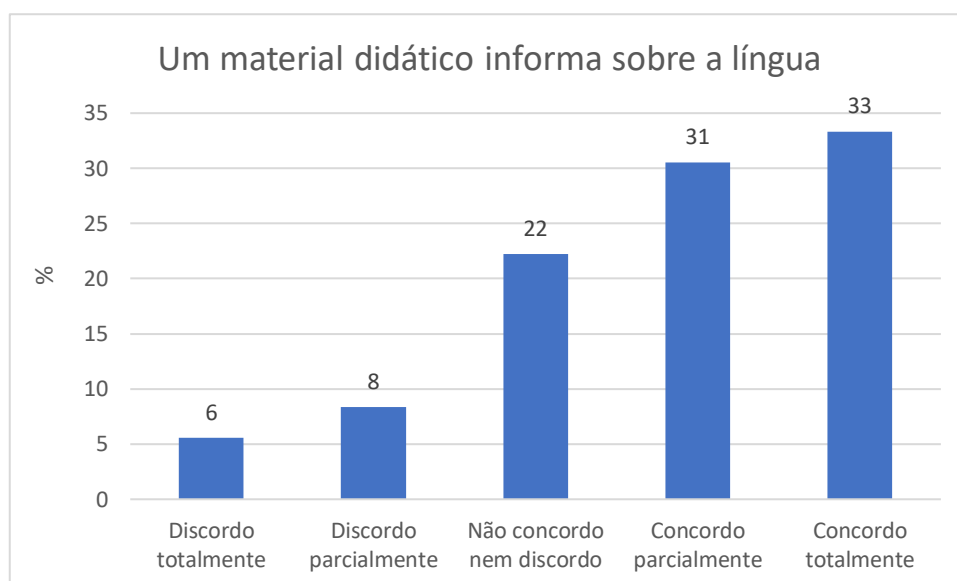


Gráfico 9. Um material didático criativo é original

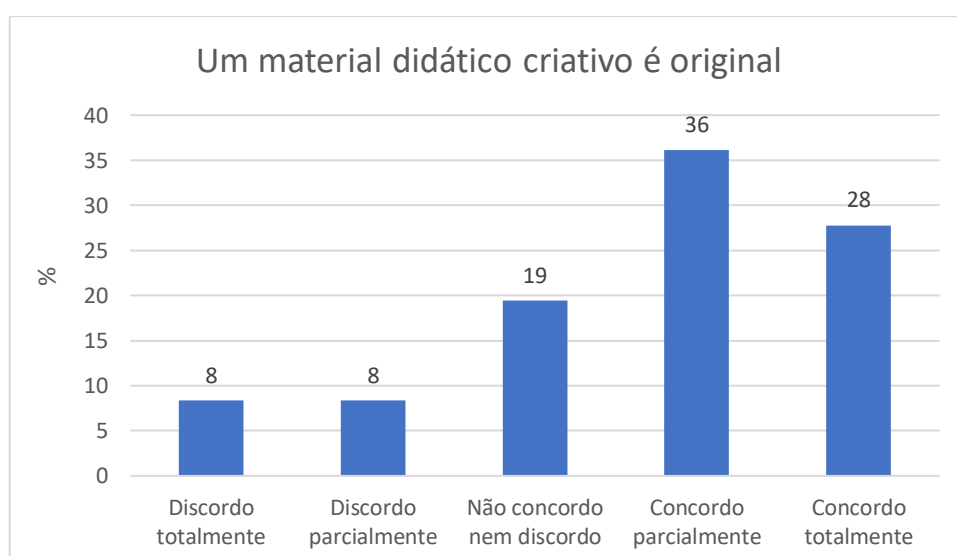


Gráfico 10. Um material didático criativo é útil

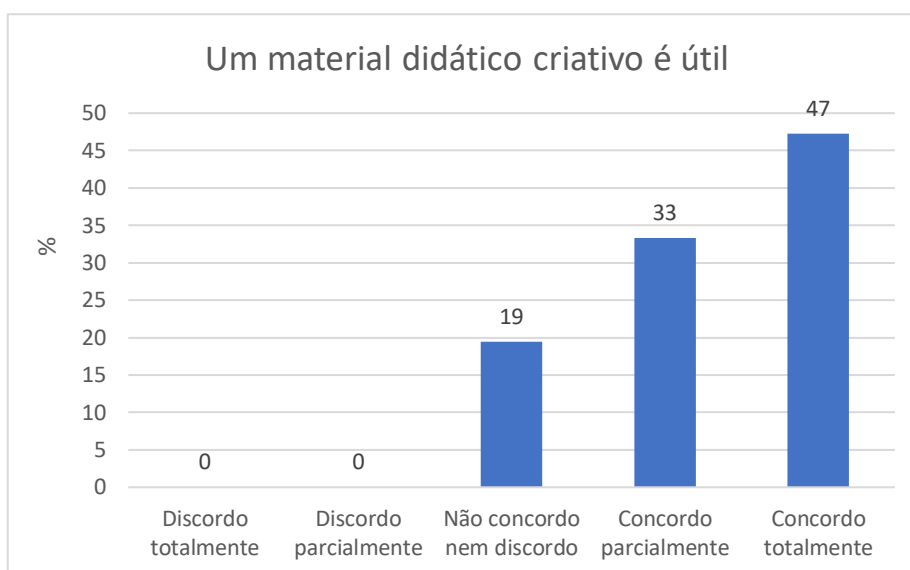


Gráfico 11. Um material didático criativo é imaginativo

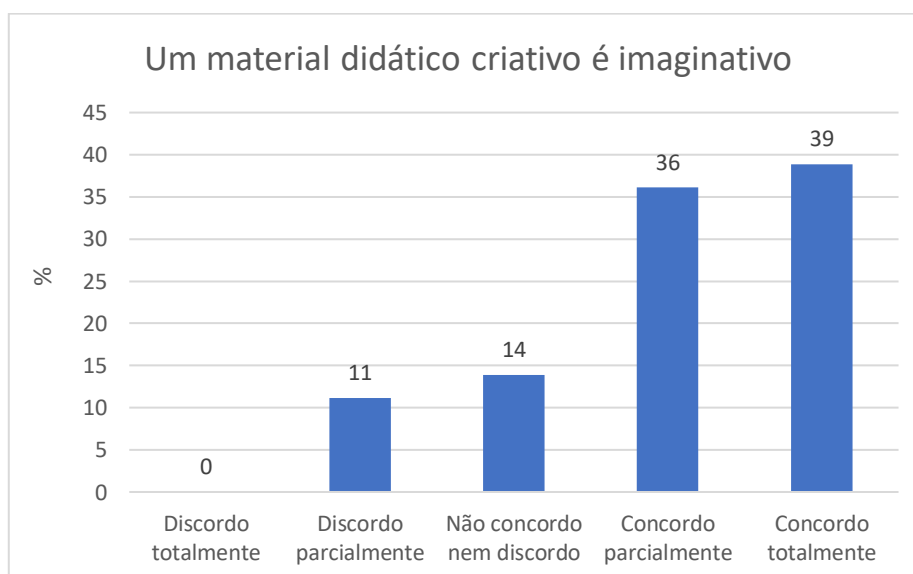


Gráfico 12. Um material didático criativo é inovador

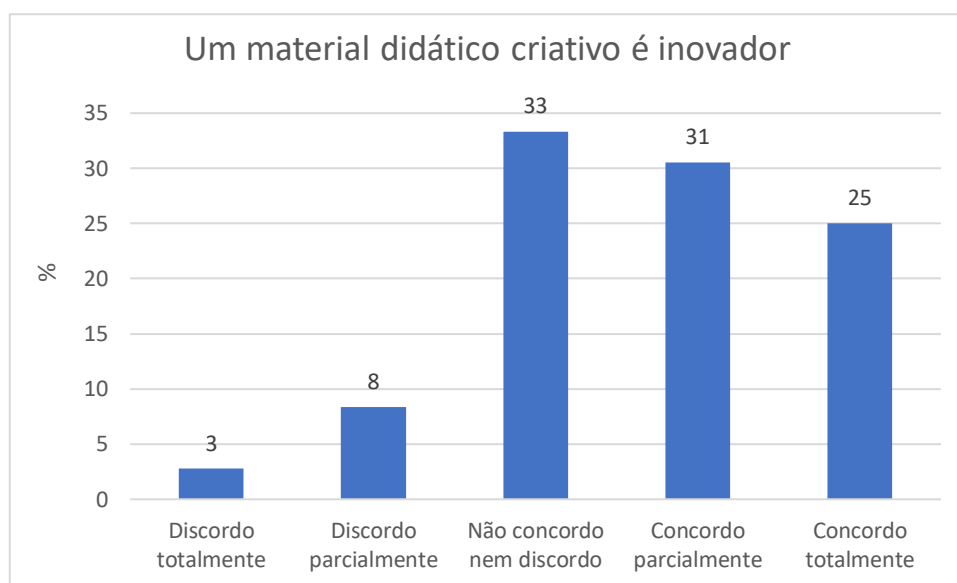


Gráfico 13. Um material didático criativo é apropriado

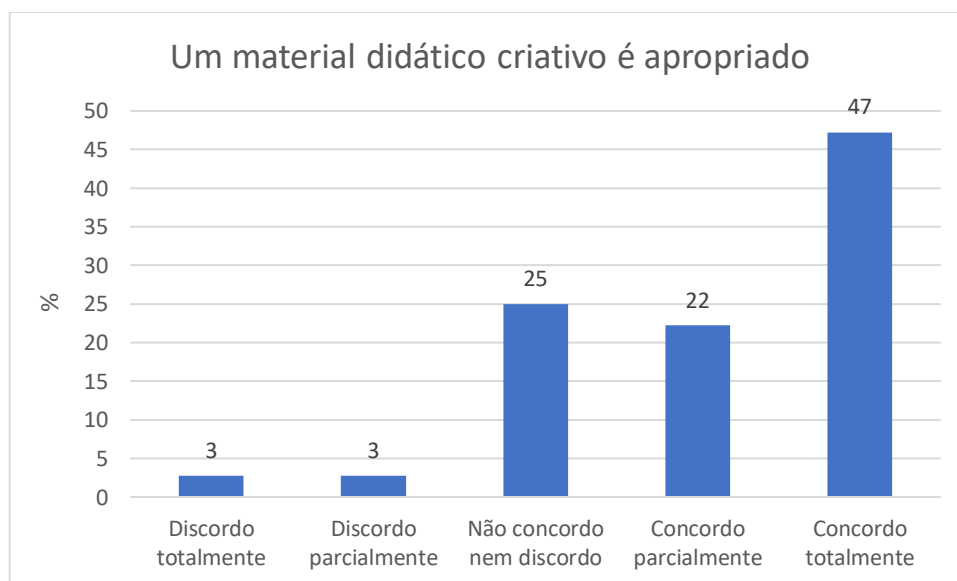


Tabela 10. Criatividade nos materiais didáticos (n=36)

	Resultados em percentagem				
	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Em geral os livros didáticos são criativos	17%	22%	47%	14%	0%
Os materiais didáticos criativos recorrem às artes	11%	19%	39%	25%	6%
Os materiais didáticos criativos recorrem à cultura	3%	11%	19%	56%	11%
Os materiais didáticos criativos recorrem ao jogo	8%	11%	31%	33%	17%
A criatividade nos materiais didáticos é importante	0%	0%	14%	28%	58%
Materiais didáticos criativos motivam os aprendentes	0%	3%	17%	11%	69%
Materiais didáticos criativos motivam os professores	0%	0%	17%	19%	64%
Materiais didáticos criativos podem melhorar os resultados de aprendizagem	0%	0%	11%	19%	69%

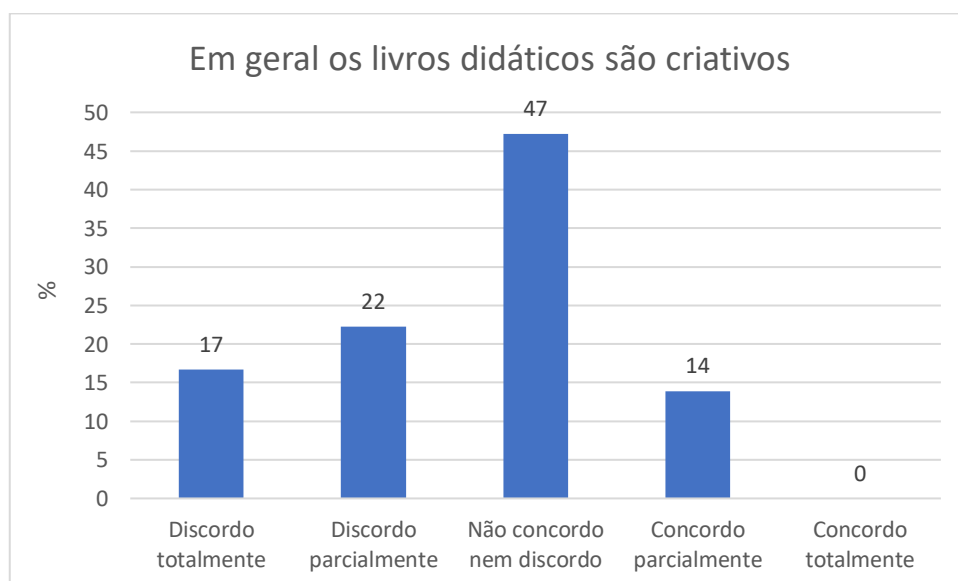
Gráfico 14. Em geral os livros didáticos são criativos

Gráfico 15. Os materiais didáticos criativos recorrem às artes

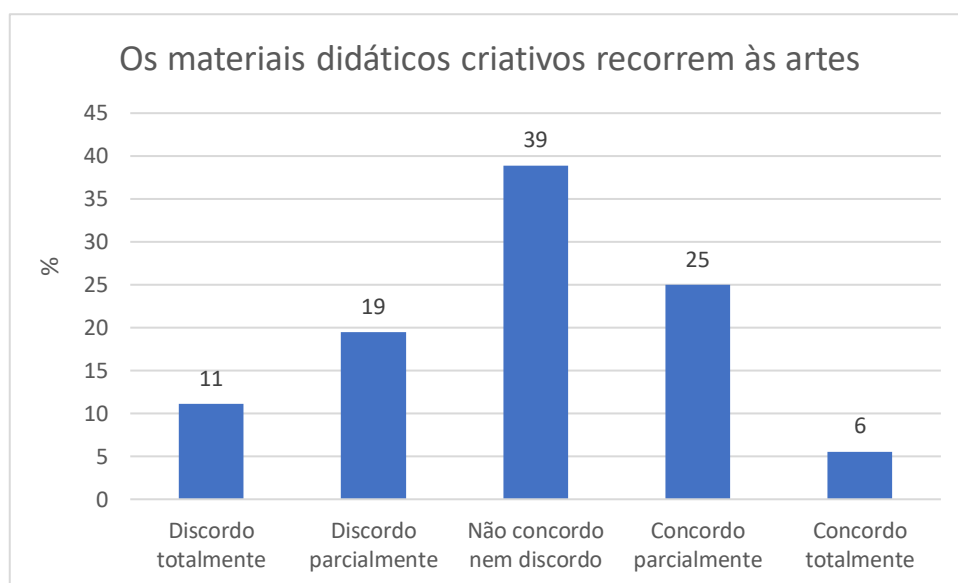


Gráfico 16. Os materiais didáticos criativos recorrem à cultura

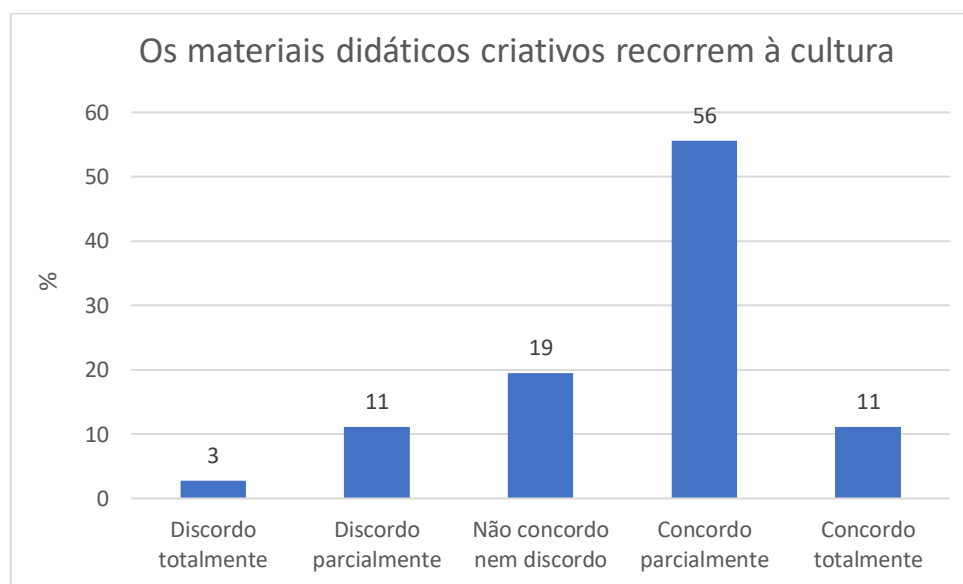


Gráfico 17. Os materiais didáticos criativos recorrem ao jogo

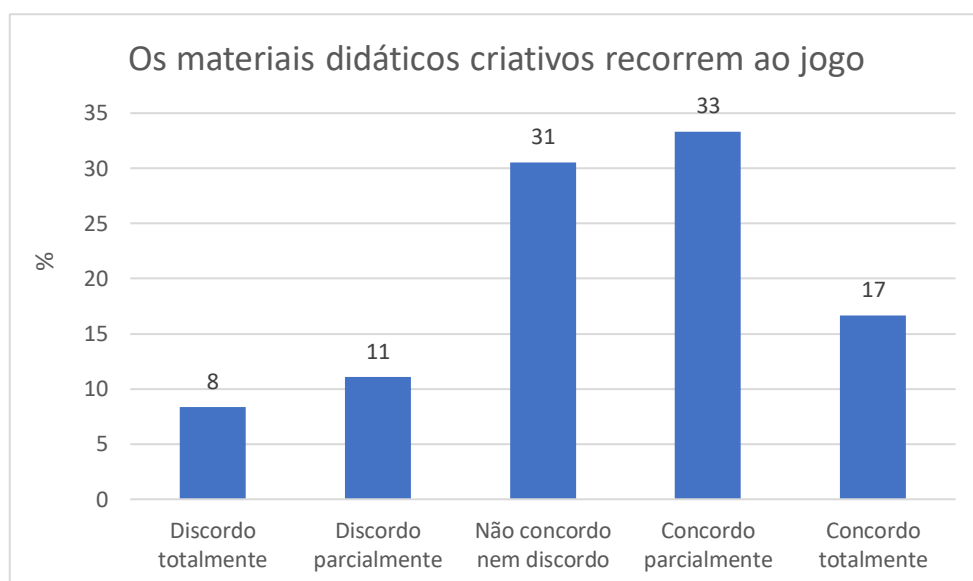


Gráfico 18. A criatividade nos materiais didáticos é importante

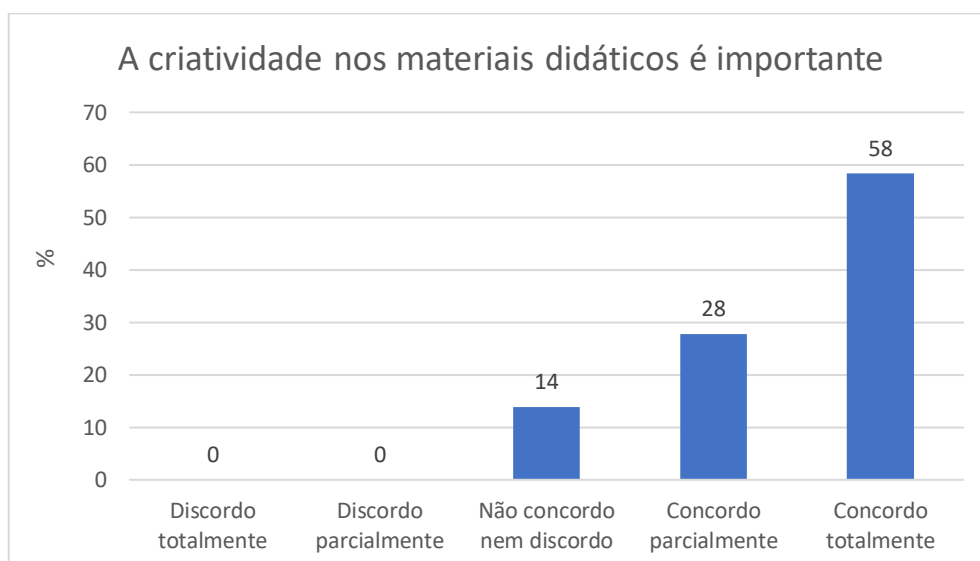


Gráfico 19. Materiais didáticos criativos motivam os aprendentes

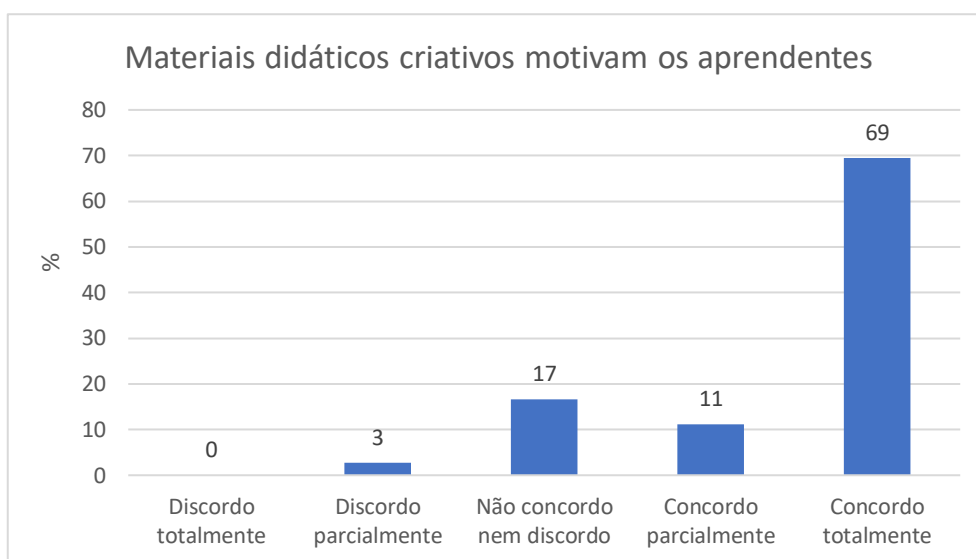
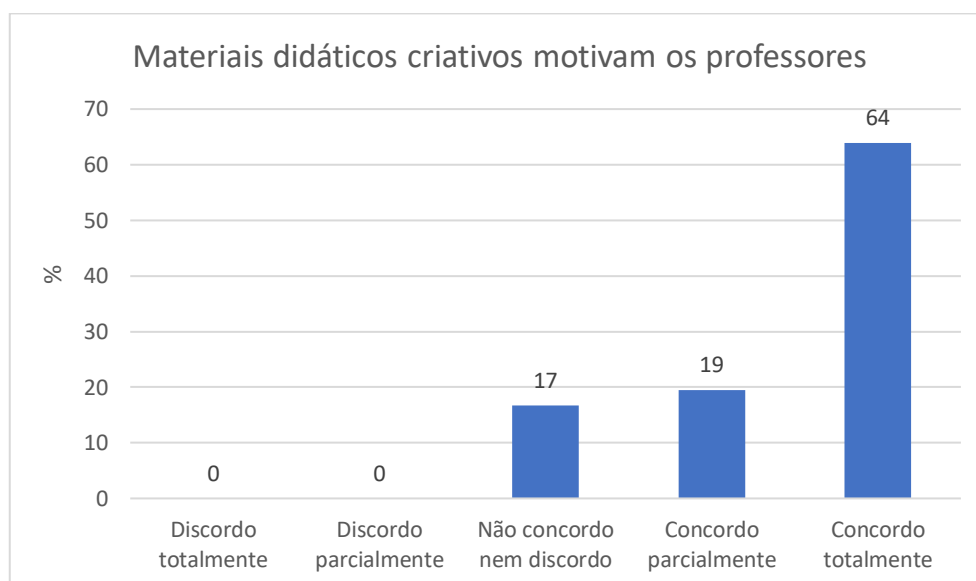


Gráfico 20. Materiais didáticos criativos motivam os professores



**Gráfico 21. Materiais didáticos criativos
podem melhorar os resultados de aprendizagem**

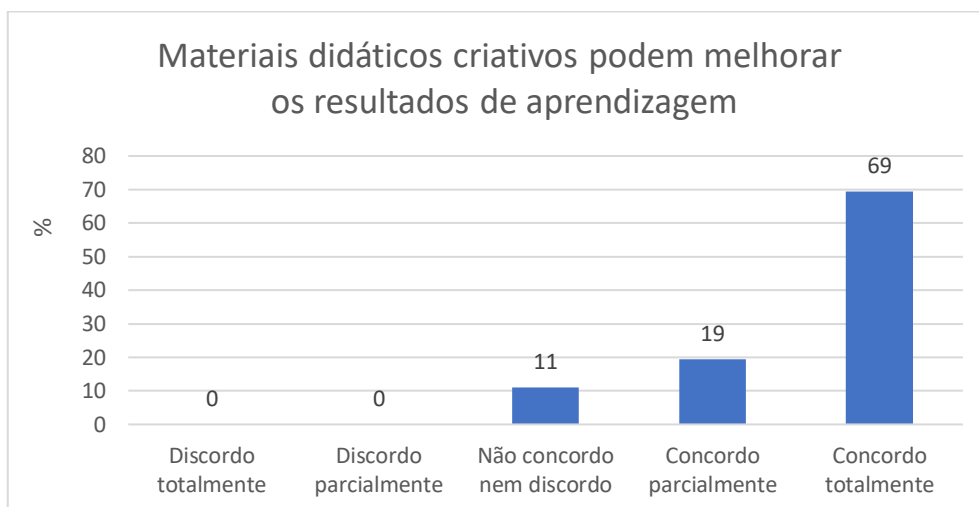


Tabela 11. Utilização e produção de materiais didáticos (criativos) (n=36)

Resultados em percentagem

	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
O material didático que mais utilizo é o livro didático	14%	22%	22%	22%	19%
Costumo recorrer a outros materiais didáticos além dos livros didáticos	3%	0%	8%	14%	75%
O material didático que prefiro utilizar é o livro didático	19%	25%	33%	17%	6%
Costumo produzir os meus próprios materiais didáticos	0%	6%	19%	19%	56%
Quando produzo materiais didáticos tenho em conta se são criativos	0%	3%	17%	36%	44%
Não tenho tempo para produzir materiais didáticos criativos	36%	14%	25%	19%	6%
Não me sinto suficientemente criativo para produzir materiais didáticos criativos	47%	25%	17%	8%	3%

Gráfico 22. O material didático que mais utilizo é o livro didático

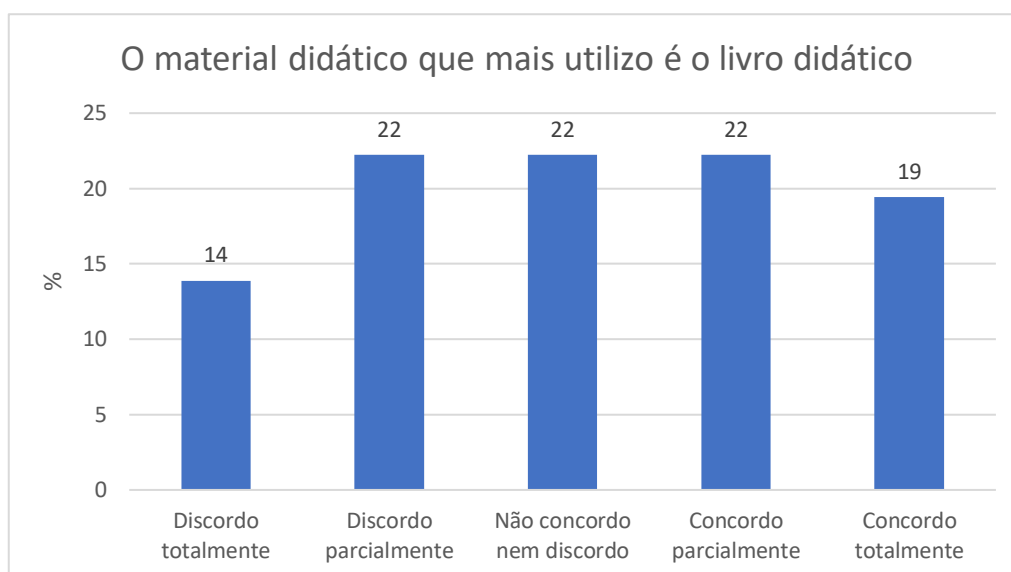


Gráfico 23. Costumo recorrer a outros materiais didáticos além dos livros didáticos

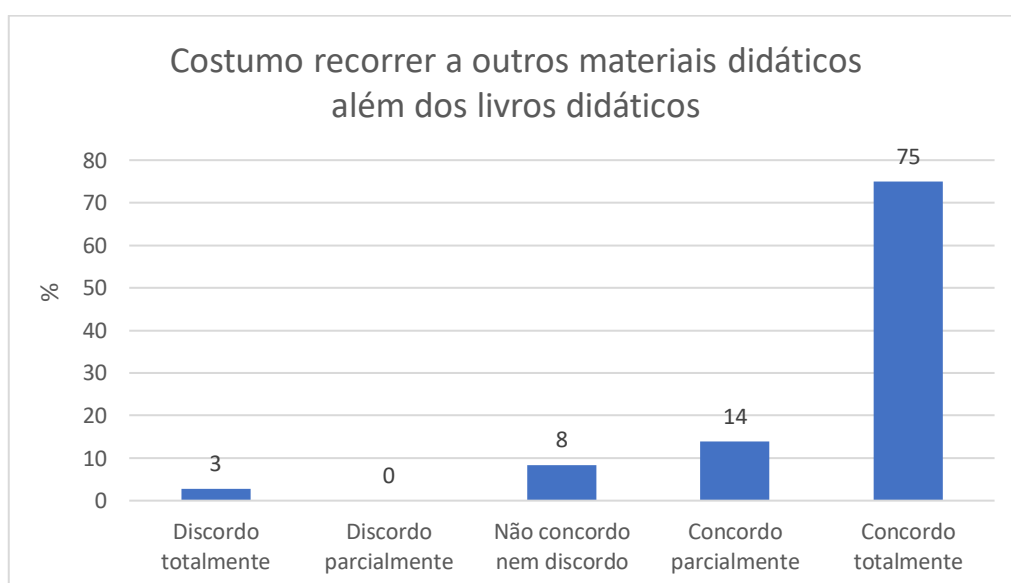


Gráfico 24. O material didático que prefiro utilizar é o livro didático

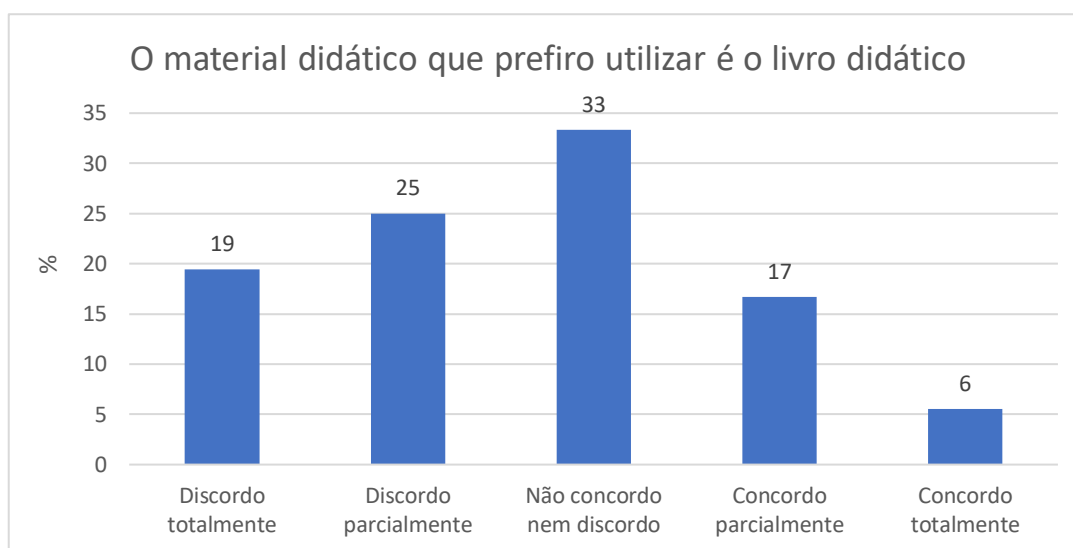
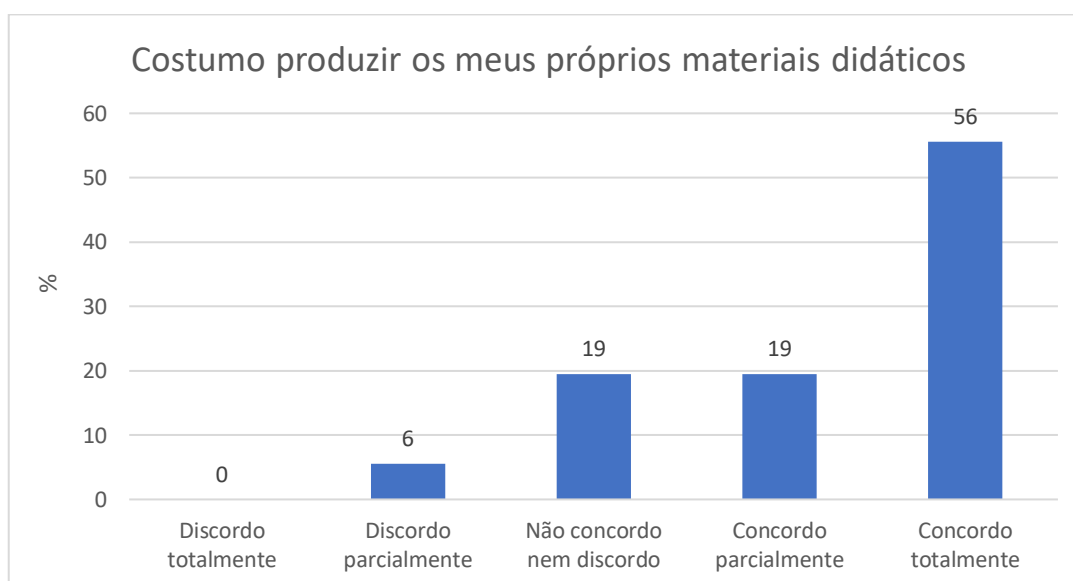


Gráfico 25. Costumo produzir os meus próprios materiais didáticos



**Gráfico 26. Quando produzo materiais didáticos
tenho em conta se são criativos**

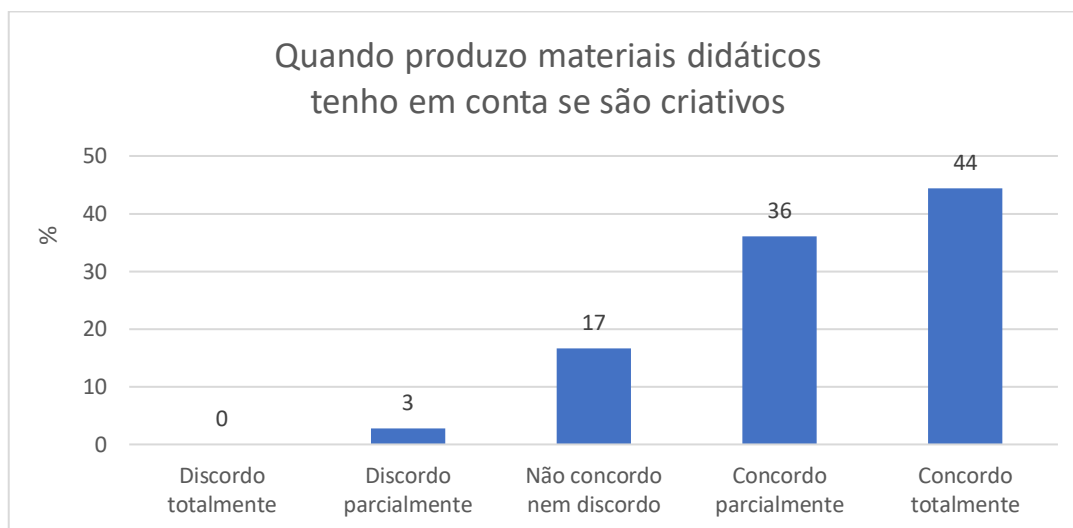
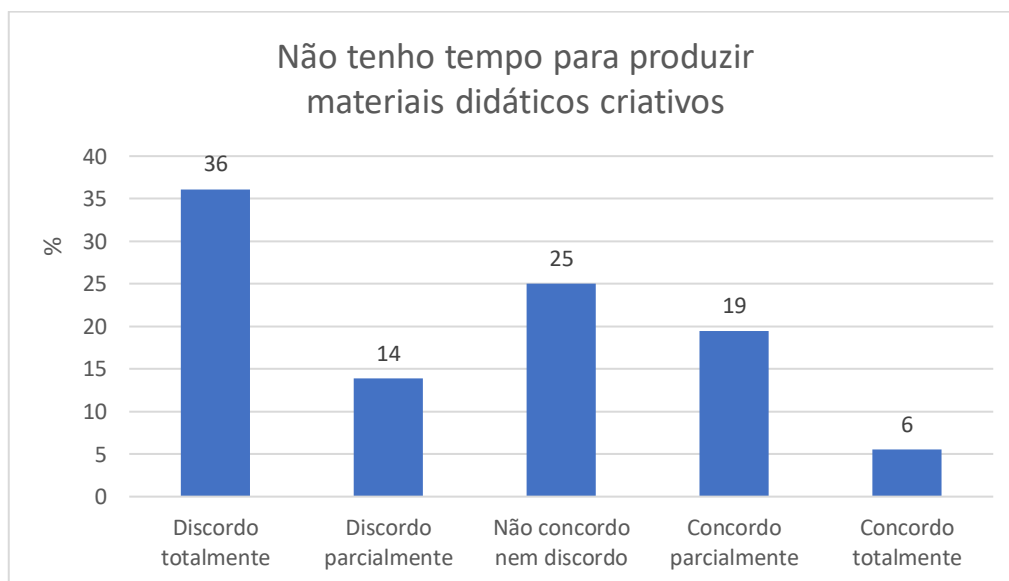


Gráfico 27. Não tenho tempo para produzir materiais didáticos criativos



**Gráfico 28. Não me sinto suficientemente criativo/a
para produzir materiais didáticos criativos**



Anexo 5

Tabelas que ilustram as relações entre os escalões etários dos respondentes e as respostas a alguns itens do questionário.

Tabela 12. Idade * Um material didático criativo é original (n=36)

			Um material didático criativo é original					Total
			Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente	
Escalões etários (em anos)	21-30	N	0	0	0	2	2	4
		% dentro da idade	0,0%	0,0%	0,0%	50,0%	50,0%	100,0 %
		% do total	0,0%	0,0%	0,0%	5,6%	5,6%	11,1%
	31-40	N	3	2	4	7	5	21
		% dentro da idade	14,3%	9,5%	19,0%	33,3%	23,8%	100,0 %
		% do total	8,3%	5,6%	11,1%	19,4%	13,9%	58,3%
	41-50	N	0	0	2	2	2	6
		% dentro da idade	0,0%	0,0%	33,3%	33,3%	33,3%	100,0 %
		% do total	0,0%	0,0%	5,6%	5,6%	5,6%	16,7%
	> 50	N	0	1	1	2	1	5
		% dentro da idade	0,0%	20,0%	20,0%	40,0%	20,0%	100,0 %
		% do total	0,0%	2,8%	2,8%	5,6%	2,8%	13,9%

Tabela 13. Idade * Um material didático criativo é útil (n=36)

			Um material didático criativo é útil			Total
			Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente	
Escalões etários (em anos)	21-30	N	0	2	2	4
		% dentro da idade	0,0%	50,0%	50,0%	100,0%
		% do total	0,0%	5,6%	5,6%	11,1%
	31-40	N	4	7	10	21
		% dentro da idade	19,0%	33,3%	47,6%	100,0%
		% do total	11,1%	19,4%	27,8%	58,3%
	41-50	N	1	2	3	6
		% dentro da idade	16,7%	33,3%	50,0%	100,0%
		% do total	2,8%	5,6%	8,3%	16,7%
	> 50	N	2	1	2	5
		% dentro da idade	40,0%	20,0%	40,0%	100,0%
		% do total	5,6%	2,8%	5,6%	13,9%

Tabela 14. Idade * Um material didático criativo é imaginativo (n=36)

				Um material didático criativo é imaginativo				Total
				Discordo parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente	
Escalões etários (em anos)	21-30	N	0	0	2	2	4	
		% dentro da idade	0,0%	0,0%	50,0%	50,0%	100,0%	
		% do total	0,0%	0,0%	5,6%	5,6%	11,1%	
	31-40	N	4	4	7	6	21	
		% dentro da idade	19,0%	19,0%	33,3%	28,6%	100,0%	
		% do total	11,1%	11,1%	19,4%	16,7%	58,3%	
	41-50	N	0	0	3	3	6	
		% dentro da idade	0,0%	0,0%	50,0%	50,0%	100,0%	
		% do total	0,0%	0,0%	8,3%	8,3%	16,7%	

> 50	N	0	1	1	3	5
	% dentro da idade	0,0%	20,0%	20,0%	60,0%	100,0%
	% do total	0,0%	2,8%	2,8%	8,3%	13,9%

Tabela 15. Idade * Um material didático criativo é inovador (n=36)

			Um material didático criativo é inovador					Total
			Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente	
Escalões etários (em anos)	21-30	N	0	0	1	2	1	4
		% dentro da idade	0,0%	0,0%	25,0%	50,0%	25,0%	100,0%
		% do total	0,0%	0,0%	2,8%	5,6%	2,8%	11,1%
	31-40	N	1	1	9	6	4	21
		% dentro da idade	4,8%	4,8%	42,9%	28,6%	19,0%	100,0%
		% do total	2,8%	2,8%	25,0%	16,7%	11,1%	58,3%
	41-50	N	0	1	1	1	3	6
		% dentro da idade	0,0%	16,7%	16,7%	16,7%	50,0%	100,0%
		% do total	0,0%	2,8%	2,8%	2,8%	8,3%	16,7%
	> 50	N	0	1	1	2	1	5
		% dentro da idade	0,0%	20,0%	20,0%	40,0%	20,0%	100,0%
		% do total	0,0%	2,8%	2,8%	5,6%	2,8%	13,9%

Tabela 16. Idade * Um material didático criativo é apropriado (n=36)

			Um material didático criativo é apropriado					Total
			Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente	
Escalões etários (em anos)	21-30	N	0	0	0	2	2	4
		% dentro da idade	0,0%	0,0%	0,0%	50,0%	50,0%	100,0%
		% do total	0,0%	0,0%	0,0%	5,6%	5,6%	11,1%
	31-40	N	0	0	8	3	10	21
		% dentro da idade	0,0%	0,0%	38,1%	14,3%	47,6%	100,0%
		% do total	0,0%	0,0%	22,2%	8,3%	27,8%	58,3%
	41-50	N	1	0	1	1	3	6
		% dentro da idade	16,7%	0,0%	16,7%	16,7%	50,0%	100,0%
		% do total	2,8%	0,0%	2,8%	2,8%	8,3%	16,7%
	> 50	N	0	1	0	2	2	5
		% dentro da idade	0,0%	20,0%	0,0%	40,0%	40,0%	100,0%
		% do total	0,0%	2,8%	0,0%	5,6%	5,6%	13,9%

Tabela 17. Idade * A criatividade nos materiais didáticos é importante (n=36)

			A criatividade nos materiais didáticos é importante			Total
			Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente	
Escalões etários (em anos)	21-30	N	0	1	3	4
		% dentro da idade	0,0%	25,0%	75,0%	100,0%
		% do total	0,0%	2,8%	8,3%	11,1%
	31-40	N	3	7	11	21
		% dentro da idade	14,3%	33,3%	52,4%	100,0%
		% do total	8,3%	19,4%	30,6%	58,3%
	41-50	N	0	2	4	6
		% dentro da idade	0,0%	33,3%	66,7%	100,0%
		% do total	0,0%	5,6%	11,1%	16,7%

> 50	N	2	0	3	5
	% dentro da idade	40,0%	0,0%	60,0%	100,0%
	% do total	5,6%	0,0%	8,3%	13,9%

Tabela 18. Idade * Materiais didáticos criativos motivam os aprendentes (n=36)

			Materiais didáticos criativos motivam os aprendentes				Total
			Discordo parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente	
Escalões etários (em anos)	21-30	N	0	0	1	3	4
		% dentro da idade	0,0%	0,0%	25,0%	75,0%	100,0%
		% do total	0,0%	0,0%	2,8%	8,3%	11,1%
	31-40	N	1	3	3	14	21
		% dentro da idade	4,8%	14,3%	14,3%	66,7%	100,0%
		% do total	2,8%	8,3%	8,3%	38,9%	58,3%
	41-50	N	0	1	0	5	6
		% dentro da idade	0,0%	16,7%	0,0%	83,3%	100,0%
		% do total	0,0%	2,8%	0,0%	13,9%	16,7%
	> 50	N	0	2	0	3	5
		% dentro da idade	0,0%	40,0%	0,0%	60,0%	100,0%
		% do total	0,0%	5,6%	0,0%	8,3%	13,9%

Tabela 19. Idade * Materiais didáticos criativos motivam os professores (n=36)

			Materiais didáticos criativos motivam os professores			Total
			Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente	
Escalões etários (em anos)	21-30	N	0	1	3	4
		% dentro da idade	0,0%	25,0%	75,0%	100,0%
		% do total	0,0%	2,8%	8,3%	11,1%
	31-40	N	4	4	13	21
		% dentro da idade	19,0%	19,0%	61,9%	100,0%
		% do total	11,1%	11,1%	36,1%	58,3%
	41-50	N	1	0	5	6
		% dentro da idade	16,7%	0,0%	83,3%	100,0%

		% do total	2,8%	0,0%	13,9%	16,7%
> 50	N		1	2	2	5
		% dentro da idade	20,0%	40,0%	40,0%	100,0%
		% do total	2,8%	5,6%	5,6%	13,9%

**Tabela 20. Idade * Materiais didáticos criativos
podem melhorar os resultados de aprendizagem (n=36)**

			Materiais didáticos criativos podem melhorar os resultados de aprendizagem			Total
			Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente	
Escalões etários (em anos)	21-30	N	0	1	3	4
		% dentro da idade	0,0%	25,0%	75,0%	100,0%
		% do total	0,0%	2,8%	8,3%	11,1%
	31-40	N	3	5	13	21
		% dentro da idade	14,3%	23,8%	61,9%	100,0%
		% do total	8,3%	13,9%	36,1%	58,3%
	41-50	N	0	1	5	6
		% dentro da idade	0,0%	16,7%	83,3%	100,0%
		% do total	0,0%	2,8%	13,9%	16,7%
	> 50	N	1	0	4	5
		% dentro da idade	20,0%	0,0%	80,0%	100,0%
		% do total	2,8%	0,0%	11,1%	13,9%

Tabela 21. Idade * Em geral os livros didáticos são criativos (n=36)

			Em geral os livros didáticos são criativos				Total
			Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	
Escalões etários (em anos)	21-30	N	0	1	3	0	4
		% dentro da idade	0,0%	25,0%	75,0%	0,0%	100,0%
		% of Total	0,0%	2,8%	8,3%	0,0%	11,1%
	31-40	N	5	4	8	4	21
		% dentro da idade	23,8%	19,0%	38,1%	19,0%	100,0%
		% of Total	13,9%	11,1%	22,2%	11,1%	58,3%

41-50	N	1	3	2	0	6
	% dentro da idade	16,7%	50,0%	33,3%	0,0%	100,0%
	% of Total	2,8%	8,3%	5,6%	0,0%	16,7%
> 50	N	0	0	4	1	5
	% dentro da idade	0,0%	0,0%	80,0%	20,0%	100,0%
	% of Total	0,0%	0,0%	11,1%	2,8%	13,9%

**Tabela 22. Idade * Quando produzo materiais didáticos tenho em conta se são criativos
(n=36)**

			Quando produzo materiais didáticos tenho em conta se são criativos				Total
			Discordo parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente	
Escalaões etários (em 0anos)	21-30	N	0	0	1	3	4
		% dentro da idade	0,0%	0,0%	25,0%	75,0%	100,0%
		% of Total	0,0%	0,0%	2,8%	8,3%	11,1%
	31-40	N	0	4	8	9	21
		% dentro da idade	0,0%	19,0%	38,1%	42,9%	100,0%
		% of Total	0,0%	11,1%	22,2%	25,0%	58,3%
	41-50	N	1	0	2	3	6
		% dentro da idade	16,7%	0,0%	33,3%	50,0%	100,0%
		% of Total	2,8%	0,0%	5,6%	8,3%	16,7%
	> 50	N	0	2	2	1	5
		% dentro da idade	0,0%	40,0%	40,0%	20,0%	100,0%
		% of Total	0,0%	5,6%	5,6%	2,8%	13,9%

Tabela 23. Idade * Não tenho tempo para produzir materiais didáticos criativos (n=36)

			Não tenho tempo para produzir materiais didáticos criativos					Total
			Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente	
Escalões etários (em anos)	21-30	N	1	1	1	1	0	4
		% dentro da idade	25,0%	25,0%	25,0%	25,0%	0,0%	100,0%
		% of Total	2,8%	2,8%	2,8%	2,8%	0,0%	11,1%
	31-40	N	10	1	6	3	1	21
		% dentro da idade	47,6%	4,8%	28,6%	14,3%	4,8%	100,0%
		% of Total	27,8%	2,8%	16,7%	8,3%	2,8%	58,3%
	41-50	N	2	1	2	1	0	6
		% dentro da idade	33,3%	16,7%	33,3%	16,7%	0,0%	100,0%
		% of Total	5,6%	2,8%	5,6%	2,8%	0,0%	16,7%
	> 50	N	0	2	0	2	1	5
		% dentro da idade	0,0%	40,0%	0,0%	40,0%	20,0%	100,0%
		% of Total	0,0%	5,6%	0,0%	5,6%	2,8%	13,9%

Tabela 24. Idade * Não me sinto suficientemente criativo/a para produzir materiais didáticos criativos (n=36)

			Não me sinto suficientemente criativo/a para produzir materiais didáticos criativos					Total
			Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente	
Escalões etários (em anos)	21-30	N	2	1	0	1	0	4
		% dentro da idade	50,0%	25,0%	0,0%	25,0%	0,0%	100,0%
		% of Total	5,6%	2,8%	0,0%	2,8%	0,0%	11,1%
	31-40	N	11	4	5	1	0	21
		% dentro da idade	52,4%	19,0%	23,8%	4,8%	0,0%	100,0%
		% of Total	30,6%	11,1%	13,9%	2,8%	0,0%	58,3%
	41-50	N	3	1	1	1	0	6
		% dentro da idade	50,0%	16,7%	16,7%	16,7%	0,0%	100,0%
		% of Total	8,3%	2,8%	2,8%	2,8%	0,0%	16,7%
	> 50	N	1	3	0	0	1	5
		% dentro da idade	20,0%	60,0%	0,0%	0,0%	20,0%	100,0%
		% of Total	2,8%	8,3%	0,0%	0,0%	2,8%	13,9%

Anexo 6

Tabelas que ilustram as relações entre a área de formação dos respondentes e as respostas a alguns itens do questionário.

Tabela 25. Área de formação * Um material didático criativo é original (n=36)

				Um material didático criativo é original					Total
				Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente	
Área de formação	Línguas e Literaturas Modernas	N		3	0	1	8	1	13
		% dentro da área de formação		23,1%	0,0%	7,7%	61,5%	7,7%	100,0%
		% do total		8,3%	0,0%	2,8%	22,2%	2,8%	36,1%
	Português Língua Estrangeira	N		0	0	0	3	4	7
		% dentro da área de formação		0,0%	0,0%	0,0%	42,9%	57,1%	100,0%
		% do total		0,0%	0,0%	0,0%	8,3%	11,1%	19,4%
	Estudos Clássicos	N		0	0	0	0	1	1
		% dentro da área de formação		0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%
		% do total		0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	2,8%	2,8%
	Ciências da Educação	N		0	0	0	0	1	1
		% dentro da área de formação		0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%
		% do total		0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	2,8%	2,8%
	Filologia	N		0	3	0	0	0	3
		% dentro da área de formação		0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%
		% do total		0,0%	8,3%	0,0%	0,0%	0,0%	8,3%
	Linguística	N		0	0	4	1	2	7
		% dentro da área de formação		0,0%	0,0%	57,1%	14,3%	28,6%	100,0%

	% do total	0,0%	0,0%	11,1%	2,8%	5,6%	19,4%
Estudos Portugueses	N	0	0	1	1	1	3
	% dentro da área de formação	0,0%	0,0%	33,3%	33,3%	33,3%	100,0%
	% do total	0,0%	0,0%	2,8%	2,8%	2,8%	8,3%
História	N	0	0	1	0	0	1
	% dentro da área de formação	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	100,0%
	% do total	0,0%	0,0%	2,8%	0,0%	0,0%	2,8%

Tabela 26. Área de formação * Um material didático criativo é útil (n=36)

			Um material didático criativo é útil			Total
			Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente	
Área de formação	Línguas e Literaturas Modernas	N	1	6	6	13
		% dentro da área de formação	7,7%	46,2%	46,2%	100,0%
		% do total	2,8%	16,7%	16,7%	36,1%
	Português Estrangeira	N	0	2	5	7
		% dentro da área de formação	0,0%	28,6%	71,4%	100,0%
		% do total	0,0%	5,6%	13,9%	19,4%
	Estudos Clássicos	N	0	0	1	1
		% dentro da área de formação	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%
		% do total	0,0%	0,0%	2,8%	2,8%
	Ciências da Educação	N	0	0	1	1
		% dentro da área de formação	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%
		% do total	0,0%	0,0%	2,8%	2,8%
Filologia	N	3	0	0	3	

		% dentro da área de formação	100,0%	0,0%	0,0%	100,0%
		% do total	8,3%	0,0%	0,0%	8,3%
Linguística	N		2	3	2	7
		% dentro da área de formação	28,6%	42,9%	28,6%	100,0%
		% do total	5,6%	8,3%	5,6%	19,4%
Estudos Portugueses	N		1	1	1	3
		% dentro da área de formação	33,3%	33,3%	33,3%	100,0%
		% do total	2,8%	2,8%	2,8%	8,3%
História	N		0	0	1	1
		% dentro da área de formação	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%
		% do total	0,0%	0,0%	2,8%	2,8%

Tabela 27. Área de formação * Um material didático criativo é imaginativo (n=36)

				Um material didático criativo é imaginativo				Total
				Discordo parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente	
Área de formação	Línguas e Literaturas Modernas	N	1	2	7	3	13	
		% dentro da área de formação	7,7%	15,4%	53,8%	23,1%	100,0%	
		% do total	2,8%	5,6%	19,4%	8,3%	36,1%	
	Português Língua Estrangeira	N	0	0	2	5	7	
		% dentro da área de formação	0,0%	0,0%	28,6%	71,4%	100,0%	
		% do total	0,0%	0,0%	5,6%	13,9%	19,4%	
	Estudos Clássicos	N	0	0	0	1	1	
		% dentro da área de formação	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%	
		% do total	0,0%	0,0%	0,0%	2,8%	2,8%	

Ciências da Educação	N	0	0	0	1	1
	% dentro da área de formação	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%
	% do total	0,0%	0,0%	0,0%	2,8%	2,8%
Filologia	N	2	1	0	0	3
	% dentro da área de formação	66,7%	33,3%	0,0%	0,0%	100,0%
	% do total	5,6%	2,8%	0,0%	0,0%	8,3%
Linguística	N	1	2	2	2	7
	% dentro da área de formação	14,3%	28,6%	28,6%	28,6%	100,0%
	% do total	2,8%	5,6%	5,6%	5,6%	19,4%
Estudos Portugueses	N	0	0	2	1	3
	% dentro da área de formação	0,0%	0,0%	66,7%	33,3%	100,0%
	% do total	0,0%	0,0%	5,6%	2,8%	8,3%
História	N	0	0	0	1	1
	% dentro da área de formação	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%
	% do total	0,0%	0,0%	0,0%	2,8%	2,8%

Tabela 28. Área de formação * Um material didático criativo é inovador (n=36)

Área de formação	Línguas e Literaturas Modernas	N	Um material didático criativo é inovador					Total
			Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente	
		N	1	0	5	6	1	13
		% dentro da área de formação	7,7%	0,0%	38,5%	46,2%	7,7%	100,0%
		% do total	2,8%	0,0%	13,9%	16,7%	2,8%	36,1%
		N	0	0	1	1	5	7

Português Língua Estrangeira	% dentro da área de formação	0,0%	0,0%	14,3%	14,3%	71,4%	100,0%
	% do total	0,0%	0,0%	2,8%	2,8%	13,9%	19,4%
Estudos Clássicos	N	0	0	1	0	0	1
	% dentro da área de formação	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	100,0%
	% do total	0,0%	0,0%	2,8%	0,0%	0,0%	2,8%
Ciências da Educação	N	0	0	0	1	0	1
	% dentro da área de formação	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%	100,0%
	% do total	0,0%	0,0%	0,0%	2,8%	0,0%	2,8%
Filologia	N	0	1	2	0	0	3
	% dentro da área de formação	0,0%	33,3%	66,7%	0,0%	0,0%	100,0%
	% do total	0,0%	2,8%	5,6%	0,0%	0,0%	8,3%
Linguística	N	0	1	2	2	2	7
	% dentro da área de formação	0,0%	14,3%	28,6%	28,6%	28,6%	100,0%
	% do total	0,0%	2,8%	5,6%	5,6%	5,6%	19,4%
Estudos Portugueses	N	0	1	0	1	1	3
	% dentro da área de formação	0,0%	33,3%	0,0%	33,3%	33,3%	100,0%
	% do total	0,0%	2,8%	0,0%	2,8%	2,8%	8,3%
História	N	0	0	1	0	0	1
	% dentro da área de formação	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	100,0%
	% do total	0,0%	0,0%	2,8%	0,0%	0,0%	2,8%

Tabela 29. Área de formação * Um material didático criativo é apropriado (n=36)

				Um material didático criativo é apropriado					Total
				Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente	
Área de formação	Línguas e Literaturas Modernas	N	0	0	3	5	5	13	
		% dentro da área de formação	0,0%	0,0%	23,1%	38,5%	38,5%	100,0%	
		% do total	0,0%	0,0%	8,3%	13,9%	13,9%	36,1%	
	Português Língua Estrangeira	N	0	0	0	2	5	7	
		% dentro da área de formação	0,0%	0,0%	0,0%	28,6%	71,4%	100,0%	
		% do total	0,0%	0,0%	0,0%	5,6%	13,9%	19,4%	
	Estudos Clássicos	N	0	0	0	0	1	1	
		% dentro da área de formação	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%	
		% do total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	2,8%	2,8%	
	Ciências da Educação	N	0	0	0	0	1	1	
		% dentro da área de formação	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%	
		% do total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	2,8%	2,8%	
	Filologia	N	0	1	2	0	0	3	
		% dentro da área de formação	0,0%	33,3%	66,7%	0,0%	0,0%	100,0%	
		% do total	0,0%	2,8%	5,6%	0,0%	0,0%	8,3%	
Linguística	N	1	0	3	1	2	7		
	% dentro da área de formação	14,3%	0,0%	42,9%	14,3%	28,6%	100,0%		
	% do total	2,8%	0,0%	8,3%	2,8%	5,6%	19,4%		
		N	0	0	1	0	2	3	

Estudos Portugueses	% dentro da área de formação	0,0%	0,0%	33,3%	0,0%	66,7%	100,0%
	% do total	0,0%	0,0%	2,8%	0,0%	5,6%	8,3%
História	N	0	0	0	0	1	1
	% dentro da área de formação	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%
	% do total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	2,8%	2,8%

**Tabela 30. Área de formação * A criatividade nos materiais didáticos é importante
(n=36)**

			A criatividade nos materiais didáticos é importante			Total
			Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente	
Área de formação	Línguas e Literaturas Modernas	N	0	5	8	13
		% dentro da área de formação	0,0%	38,5%	61,5%	100,0%
		% do total	0,0%	13,9%	22,2%	36,1%
	Português Língua Estrangeira	N	0	2	5	7
		% dentro da área de formação	0,0%	28,6%	71,4%	100,0%
		% do total	0,0%	5,6%	13,9%	19,4%
	Estudos Clássicos	N	0	0	1	1
		% dentro da área de formação	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%
		% do total	0,0%	0,0%	2,8%	2,8%
	Ciências da Educação	N	0	0	1	1
		% dentro da área de formação	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%
		% do total	0,0%	0,0%	2,8%	2,8%
	Filologia	N	3	0	0	3

		% dentro da área de formação	100,0%	0,0%	0,0%	100,0%
		% do total	8,3%	0,0%	0,0%	8,3%
Linguística	N		1	3	3	7
		% dentro da área de formação	14,3%	42,9%	42,9%	100,0%
		% do total	2,8%	8,3%	8,3%	19,4%
Estudos Portugueses	N		0	0	3	3
		% dentro da área de formação	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%
		% do total	0,0%	0,0%	8,3%	8,3%
História	N		1	0	0	1
		% dentro da área de formação	100,0%	0,0%	0,0%	100,0%
		% do total	2,8%	0,0%	0,0%	2,8%

Tabela 31. Área de formação * Materiais didáticos criativos motivam os aprendentes (n=36)

				Materiais didáticos criativos motivam os aprendentes				Total
				Discordo parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente	
Área de formação	Línguas e Literaturas Modernas	N		0	0	2	11	13
			% dentro da área de formação	0,0%	0,0%	15,4%	84,6%	100,0%
			% do total	0,0%	0,0%	5,6%	30,6%	36,1%
	Português Língua Estrangeira	N		0	0	2	5	7
			% dentro da área de formação	0,0%	0,0%	28,6%	71,4%	100,0%
			% do total	0,0%	0,0%	5,6%	13,9%	19,4%
		N		0	0	0	1	1

Estudos Clássicos		% dentro da área de formação	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%
		% do total	0,0%	0,0%	0,0%	2,8%	2,8%
Ciências da Educação	N		0	0	0	1	1
		% dentro da área de formação	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%
		% do total	0,0%	0,0%	0,0%	2,8%	2,8%
Filologia	N		0	3	0	0	3
		% dentro da área de formação	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	100,0%
		% do total	0,0%	8,3%	0,0%	0,0%	8,3%
Linguística	N		1	2	0	4	7
		% dentro da área de formação	14,3%	28,6%	0,0%	57,1%	100,0%
		% do total	2,8%	5,6%	0,0%	11,1%	19,4%
Estudos Portugueses	N		0	0	0	3	3
		% dentro da área de formação	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%
		% do total	0,0%	0,0%	0,0%	8,3%	8,3%
História	N		0	1	0	0	1
		% dentro da área de formação	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	100,0%
		% do total	0,0%	2,8%	0,0%	0,0%	2,8%

Tabela 32. Área de formação * Materiais didáticos criativos motivam os professores
(n=36)

			Materiais didáticos criativos motivam os professores			Total
			Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente	
Área de formação	Línguas e Literaturas Modernas	N	0	2	11	13
		% dentro da área de formação	0,0%	15,4%	84,6%	100,0%
		% do total	0,0%	5,6%	30,6%	36,1%
	Português Língua Estrangeira	N	1	3	3	7
		% dentro da área de formação	14,3%	42,9%	42,9%	100,0%
		% do total	2,8%	8,3%	8,3%	19,4%
	Estudos Clássicos	N	0	0	1	1
		% dentro da área de formação	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%
		% do total	0,0%	0,0%	2,8%	2,8%
	Ciências da Educação	N	0	0	1	1
		% dentro da área de formação	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%
		% do total	0,0%	0,0%	2,8%	2,8%
Filologia	N	3	0	0	3	
	% dentro da área de formação	100,0%	0,0%	0,0%	100,0%	
	% do total	8,3%	0,0%	0,0%	8,3%	
Linguística	N	2	1	4	7	
	% dentro da área de formação	28,6%	14,3%	57,1%	100,0%	
	% do total	5,6%	2,8%	11,1%	19,4%	
		N	0	0	3	3

Estudos Portugueses	% dentro da área de formação	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%
	% do total	0,0%	0,0%	8,3%	8,3%
História	N	0	1	0	1
	% dentro da área de formação	0,0%	100,0%	0,0%	100,0%
	% do total	0,0%	2,8%	0,0%	2,8%

Tabela 33. Área de formação * Materiais didáticos criativos podem melhorar os resultados de aprendizagem (n=36)

				Materiais didáticos criativos podem melhorar os resultados de aprendizagem			Total
				Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente	
Área de formação	Línguas e Literaturas Modernas	N	0	2	11	13	
		% dentro da área de formação	0,0%	15,4%	84,6%	100,0%	
		% do total	0,0%	5,6%	30,6%	36,1%	
	Português Língua Estrangeira	N	0	3	4	7	
		% dentro da área de formação	0,0%	42,9%	57,1%	100,0%	
		% do total	0,0%	8,3%	11,1%	19,4%	
	Estudos Clássicos	N	0	0	1	1	
		% dentro da área de formação	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%	
		% do total	0,0%	0,0%	2,8%	2,8%	
	Ciências da Educação	N	0	0	1	1	
		% dentro da área de formação	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%	
		% do total	0,0%	0,0%	2,8%	2,8%	
Filologia	N	3	0	0	3		

	% dentro da área de formação	100,0%	0,0%	0,0%	100,0%
	% do total	8,3%	0,0%	0,0%	8,3%
Linguística	N	1	2	4	7
	% dentro da área de formação	14,3%	28,6%	57,1%	100,0%
	% do total	2,8%	5,6%	11,1%	19,4%
Estudos Portugueses	N	0	0	3	3
	% dentro da área de formação	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%
	% do total	0,0%	0,0%	8,3%	8,3%
História	N	0	0	1	1
	% dentro da área de formação	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%
	% do total	0,0%	0,0%	2,8%	2,8%

Anexo 7

Correlações entre itens da escala de Linkert.

Tabela 34. Correlação entre itens: conceito de material didático criativo

	Um material didático criativo é original	Um material didático criativo é útil	Um material didático criativo é imaginativo	Um material didático criativo é inovador
Um material didático criativo é útil	0,409**			
Um material didático criativo é imaginativo	0,716**	0,649**		
Um material didático criativo é inovador	0,730**	0,464**	0,636**	
Um material didático criativo é apropriado	0,641**	0,738**	0,822**	0,569**

** Correlação de significância estatística p <0,01 * Correlação de significância estatística p <0,05

**Tabela 35. Correlação entre itens: importância e benefícios
dos materiais didáticos criativos**

	A criatividade nos materiais didáticos é importante	Materiais didáticos criativos motivam os aprendentes	Materiais didáticos criativos motivam os professores
Materiais didáticos criativos motivam os aprendentes	0,832**		
Materiais didáticos criativos motivam os professores	0,706**	0,861**	
Materiais didáticos criativos podem melhorar os resultados de aprendizagem	0,713**	0,859**	0,912**

** Correlação de significância estatística p <0,01 * Correlação de significância estatística p <0,05

Tabela 36. Correlação entre itens: utilização e criatividade nos livros didáticos

	Em geral os livros didáticos são criativos	O material didático que mais utilizo é o livro didático
O material didático que mais utilizo é o livro didático	0,536**	
O material didático que prefiro utilizar é o livro didático	0,589**	0,753**

** Correlação de significância estatística p <0,01 * Correlação de significância estatística p <0,05

Tabela 37. Correlação entre itens: Importância da criatividade e produção de materiais didáticos criativos

	A criatividade nos materiais didáticos é importante
Quando produzo materiais didáticos tenho em conta se são criativos	0,555**

** Correlação de significância estatística p <0,01 * Correlação de significância estatística p <0,05

Tabela 38. Correlação entre itens: constrangimentos à produção de materiais didáticos criativos

	Não tenho tempo para produzir materiais didáticos criativos
Não me sinto suficientemente criativo/a para produzir materiais	0,638**

** Correlação de significância estatística p <0,01 * Correlação de significância estatística p <0,05

Tabela 39. Correlação entre itens: produção de materiais didáticos criativos e falta de criatividade

	Quando produzo materiais didáticos tenho em conta se são criativos
Não me sinto suficientemente criativo/a para produzir materiais	-0,594**

** Correlação de significância estatística p <0,01 * Correlação de significância estatística p <0,05

Tabela 40. Correlações entre todos os itens do questionário

	Um MD ajuda a ensinar a língua	Um MD informa sobre a língua	Um MD criativo é original	Um MD criativo é útil	Um MD criativo é imaginativo	Um MD criativo é inovador	Um MD criativo é apropriado	Em geral os LD são criativos	Os MD criativos recorrem às artes	Os MD criativos recorrem à cultura	Os MD criativos recorrem ao jogo	A criatividade nos MD é importante	MD criativos motivam os aprendentes	MD criativos motivam os professores	MD criativos podem melhorar os resultados de aprendizagem	O MD que mais utilizo é o LD	Costumo recorrer a outros MD além dos LD	O MD que prefiro utilizar é o LD	Costumo produzir os meus próprios MD	Quando produzo MD tenho em conta se são criativos	Não tenho tempo para produzir MD criativos	Não me sinto suficientem ente criativo/a para produzir MD criativos
Um MD ajuda a ensinar a língua																						
Um MD informa sobre a língua	0,567**																					
Um MD criativo é original	0,425**	0,568**																				
Um MD criativo é útil	0,606**	0,496**	0,409**																			
Um MD criativo é imaginativo	0,525**	0,459**	0,716**	0,649**																		
Um MD criativo é inovador	0,366*	0,396**	0,730**	0,464**	0,636**																	
Um MD criativo é apropriado	0,578**	0,613**	0,641**	0,738**	0,822**	0,569**																
Em geral os LD são criativos	0,25	0,311*	0,14	0,07	0,07	0,08	0,05															
Os MD criativos recorrem às artes	0,304*	0,16	0,24	0,330*	0,301*	0,294*	0,16	0,335*														
Os MD criativos recorrem à cultura	0,362*	0,324*	0,19	0,505**	0,292*	0,15	0,386**	0,437**	0,618**													
Os MD criativos recorrem ao jogo	0,15	0,293*	0,21	0,340*	0,24	0,18	0,24	0,09	0,565**	0,577**												
A criatividade nos MD é importante	0,577**	0,448**	0,418**	0,502**	0,519**	0,373*	0,517**	0,08	0,21	0,18	0,367*											
MD criativos motivam os aprendentes	0,637**	0,545**	0,405**	0,500**	0,455**	0,285*	0,521**	0,20	0,22	0,286*	0,383*	0,832**										
MD criativos motivam os professores	0,604**	0,518**	0,369*	0,452**	0,382*	0,15	0,474**	0,281*	0,17	0,412**	0,25	0,706**	0,861**									
MD criativos podem melhorar os resultados de aprendizagem	0,640**	0,477**	0,338*	0,515**	0,468**	0,17	0,524**	0,300*	0,298*	0,485**	0,27	0,713**	0,859**	0,912**								
O MD que mais utilizo é o LD	0,19	0,22	0,22	0,11	0,19	0,297*	0,24	0,536**	0,316*	0,24	0,11	0,22	0,28	0,12	0,20							
Costumo recorrer a outros MD além dos LD	0,26	0,302*	0,27	0,22	0,330*	0,23	0,17	0,378*	0,13	0,11	0,317*	0,338*	0,373*	0,23	0,23	0,10						
O MD que prefiro utilizar é o LD	0,07	0,26	0,22	0,05	0,06	0,19	0,21	0,589**	0,22	0,324*	0,03	-0,01	0,13	0,23	0,23	0,753*	0,07					

	Um MD ajuda a ensinar a língua	Um MD informa sobre a língua	Um MD criativo é original	Um MD criativo é útil	Um MD criativo é imaginativo	Um MD criativo é inovador	Um MD criativo é apropriado	Em geral os LD são criativos	Os MD criativos recorrem às artes	Os MD criativos recorrem à cultura	Os MD criativos recorrem ao jogo	A criatividade nos MD é importante	MD criativos motivam os aprendentes	MD criativos motivam os professores	MD criativos podem melhorar os resultados de aprendizagem	O MD que mais utilizo é o LD	Costumo recorrer a outros MD além dos LD	O MD que prefiro utilizar é o LD	Costumo produzir os meus próprios MD	Quando produzo MD tenho em conta se são criativos	Não tenho tempo para produzir MD criativos	Não me sinto suficientem ente criativo/a para produzir MD criativos
Costumo produzir os meus próprios MD	0,00	0,04	-0,11	0,23	0,15	0,09	0,04	0,01	0,11	0,12	0,360*	-0,01	0,00	-0,14	-0,03	- 0,373*	0,322*	- 0,375*				
Quando produzo MD tenho em conta se são criativos	0,336*	0,404**	0,24	0,645**	0,403**	0,430**	0,450**	0,06	0,23	0,312*	0,505**	0,555**	0,488**	0,321*	0,328*	0,02	0,320*	-0,18	0,539**			
Não tenho tempo para produzir MD criativos	0,13	0,05	0,26	-0,08	0,16	0,03	0,12	0,524**	0,26	0,26	-0,15	-0,02	0,10	0,21	0,25	0,542*	0,09	0,531*	-0,475**	-0,345*		
Não me sinto suficientem e criativo/a para produzir MD criativos	-0,15	-0,25	0,07	-0,338*	-0,07	-0,10	-0,18	0,22	0,05	0,00	-0,19	-0,25	-0,22	-0,10	-0,14	0,27	-0,10	0,324*	-0,464**	-0,594**	0,638**	

** Correlação de significância estatística p <0,01 * Correlação de significância estatística p <0,05

Anexo 8

Tabela com os dados qualitativos do estudo empírico.

Tabela 41. Respostas dos participantes às perguntas abertas.

Respondente	Sexo	Idade	Distrito ou região autónoma	Há quantos anos ensina PLE	Habilitações académicas	Área de formação	BLOCO 1	BLOCO 2	BLOCO 3
Q1	F	38	Lisboa	7	Licenciatura	LLM			
Q2	F	28	Lisboa	2	Mestrado	PLE			
Q3	F	28	Lisboa	5	Mestrado	PLE			
Q4	M	33	Lisboa	3	Mestrado	EC	Embora um material didático criativo deva, sempre que possível, ser inovador, não considero que a inovação seja um atributo obrigatório para definir o conceito.		
Q5	F	30	Lisboa	3	Mestrado	CE			
Q6	F	36	Lisboa	8	Licenciatura	FIL			
Q7	F	36	Lisboa	8	Licenciatura	FIL			
Q8	F	40	Lisboa	15	Pós-graduação	LLM			

Q9	F	32	Lisboa	3	Mestrado	LLM	Um material didático criativo pode ser uma excelente estratégia do ensino de PLE, se devidamente elaborado e adequado ao público-alvo.	Os materiais didáticos criativos podem favorecer a aprendizagem, funcionando como estratégia que, não sendo a única a utilizar, pode trazer benefícios na aprendizagem da língua.	Gostaria de produzir mais materiais didáticos originais e criativos, contudo, a falta de tempo é um entrave.
Q10	F	37	Lisboa	4	Mestrado	PLE	Na minha opinião, a maneira como um manual apresenta a informação é uma componente tão importante como a própria informação que transmite, e nos dias de hoje é cada vez mais importante que seja criativo e estimulante.	Já foram justificadas no ponto anterior.	Gosto bastante de produzir os meus próprios materiais e faço-o sempre que posso, adaptando-os ao grupo que tenho e tento que sejam sempre estimulantes.
Q11	M	33	Lisboa	10	Mestrado	LING	Nem tudo o que é criativo será inovador e por vezes o ser criativo também o torna de difícil aplicação. Tudo terá de ser q.b.	Os materiais criativos são importantes para que os processos não sejam repetitivos e previsíveis.	O processo tem de ser criativo e interessante para quem ensina e para quem aprende.
Q12	F	39	Lisboa	15	Doutoramento	PLE	A criatividade tem de ser ajustada a várias circunstâncias. O material pode ser criativo para o professor, mas insipiente para os alunos, de acordo com as suas necessidades, faixa etária e nível de proficiência.	É preciso capacitar os professores para a sua utilização. A maior revolução ocorre nas metodologias e não apenas nos recursos usados.	É das coisas que mais gosto: produzir materiais é um importante desafio pois permite-me adequar a cada grupo-turma, a abordagens temáticas diferentes e atualizadas e em função dos objetivos programáticos preconizados, sobretudo de forma a estimular os

									alunos para posicionamentos mais críticos e dinâmicos em aula.
Q13	F	36	Setúbal	12	Pós-graduação	EP			
Q14	M	57	Lisboa	5	Mestrado	LING	Concordo totalmente com a necessidade de materiais didáticos originais e criativos no ensino da língua.	Nem todos os materiais didáticos se adequam a todos os escalões etários. Uma vez que os meus alunos são geralmente adultos, os materiais a que geralmente tenho acesso não lhes são adequados pois destinam-se a um público bastante mais jovem.	O principal obstáculo à criação de materiais didáticos não é a falta de criatividade, mas a falta de tempo e de materiais de referência.
Q15	M	42	Lisboa	9	Pós-graduação	EP	A improvisação sem material é uma qualidade que poucos têm, mas ter a base de um bom material é fundamental.	Ainda não existe o manual perfeito. É importante recorrer a outros recursos, como PowerPoint, com vocabulário e atividades lúdicas entre os alunos.	Por vezes é preciso adaptar os materiais ao grupo.
Q16	M	58	Lisboa	0	Doutoramento	HIS			
Q17	M	41	Lisboa	3	Licenciatura	LING			
Q18	M	35	Lisboa	8	Mestrado	PLE			

Q19	F	33	Leiria	10	Mestrado	LLM			
Q20	F	40	Lisboa	15	Pós-graduação	LLM			
Q21	F	45	Viseu	15	Mestrado	LLM	A criatividade deve ser ajustada ao aluno/aprendente, sabendo de antemão que áreas esse mesmo aluno/aprendente gosta de explorar (<i>hobbies</i> , desporto, astronomia, plantas, poemas, etc.).	Os materiais didáticos devem (sempre) ter em conta o país de origem do aluno/aprendente por forma a facilitar qualquer possível comparação fonética e fonológica.	É preciso conhecer o grupo de alunos/aprendentes suficientemente bem para criar empatias de ensino/aprendizagem. Estimular visualmente pode ser a palavra-chave para o sucesso do aluno.
Q22	F	38	Porto	14	Mestrado	PLE			
Q23	F	38	Aveiro	8	Mestrado	LLM			
Q24	F	49	Lisboa	10	Mestrado	LLM			
Q25	F	48	Santarém	4	Doutoramento	LING			
Q26	M	39	Lisboa	10	Mestrado	LLM			
Q27	F	39	Lisboa	14	Pós-graduação	LLM		confesso que a definição de material didático criativo para mim não está muito clara. É um material que suscita a criatividade no aluno? (por oposição a um exercício de completar espaços?) Ou foi elaborado pelo professor, é adaptado ao aluno e por isso é criativo?	

Q28	M	35	Lisboa	10	Licenciatura	LLM			
Q29	F	39	Lisboa	12	Mestrado	LING	O facto de ser um material didático criativo (já agora, o que se entende aqui por material criativo?) não significa que seja adequado (aos aprendentes, ao nível de proficiência...) ou que seja bem trabalhado por parte do docente.	De novo, devia ter começado por explicar o que se deve entender, aqui, por materiais criativos... Outra coisa, as afirmações podem ter, pelo menos, duas interpretações - «há materiais criativos que motivam/melhoram, etc» ou «os materiais criativos devem motivar/melhorar, etc.»	
Q30	M	38	Lisboa	3	Mestrado	LLM	O conceito de original e inovador são bastante relativos: os materiais não precisam de ser inteiramente novos. Se um determinado material funciona, então, pode ser replicado e modernizado.		
Q31	F	38	Lisboa	10	Mestrado	LING			
Q32	F	64	1	20	Licenciatura	LLM	Um material didático criativo é imaginativo, nem sempre será inovador. É, no entanto, útil para ensinar.	Sendo criativos são mais facilmente apelativos aos professores e aos aprendentes.	
Q33	F	68	Lisboa	45	Mestrado	FIL	A noção de criativo é muito variável e depende	Reconhecer a criatividade depende do utilizador e do público a que se destina.	O conceito de criativo não é claro para mim.

							dos contextos em que é utilizado.		
Q34	F	44	Lisboa	19	Mestrado	EP			
Q35	F	51	Lisboa	27	Pós-graduação	PLE			
Q36	F	28	Lisboa	4	Mestrado	LING			

Q1, Q2... - Questionário 1, Questionário 2...

F - Feminino

M – Masculino

LLM – Línguas e Literaturas Modernas

PLE – Português Língua Estrangeira

EC – Estudos Clássicos

CE – Ciências da Educação

FIL – Filologia

LING – Linguística

EP – Estudos Portugueses

HIS – História